

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Jaqueline Goldschmidt Maciel

**O LUGAR DO AMAR NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DA
EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS, CONTRIBUIÇÕES DE
HUMBERTO MATURANA**

Santa Maria
2023

Jaqueline Godschmidt Maciel

**O LUGAR DO AMAR NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO
INFANTIL E ANOS INICIAIS, CONTRIBUIÇÕES DE HUMBERTO MATURANA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de concentração na linha de Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, LP1, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. PhD. Valdo de Lima Barcelos

Santa Maria
2023

Maciel, Jaqueline Goldschmidt
O LUGAR DO AMAR NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DA
EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS, CONTRIBUIÇÕES DE
HUMBERTO MATURANA / Jaqueline Goldschmidt Maciel.- 2023.
97 p.; 30 cm

Orientador: VALDO HERMES DE LIMA BARCELOS
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2023

1. formação permanente 2. biologia do amar e biologia
do conhecer 3. aprendizagem com amorosidade 4. educação
infantil e anos iniciais 5. o brincar livre para
aprender I. DE LIMA BARCELOS, VALDO HERMES II. Título.

sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFPA. dados fornecidos pelo
autor(a). sob supervisão da direção da divisão de processos técnicos da biblioteca
central. bibliotecária responsável paula schoenfeldt watta cma 10/1728.

Declaro, JAQUELINE GOLDSCHMIDT MACIEL, para os devidos fins e sob as
penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de
curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações
necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão
devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte
dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro
grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente
declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade,
entre outras consequências legais.

Jaqueline Godschmidt Maciel

**O LUGAR DO AMAR NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO
INFANTIL E ANOS INICIAIS, CONTRIBUIÇÕES DE HUMBERTO MATURANA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de concentração na linha de Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, LP1, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 02 de maio de 2023.

Valdo Hermes de Lima Barcelos, Prof. Dr. (UFSM)
Presidente/Orientador

Maria Aparecida Nunes Azzolin, Prof. Dr^a (UFSM)

Caroline Silveira Spanevello, Prof. Dr^a (UAB/UFSM)

Santa Maria
2023



AGRADECIMENTOS

A crisálida e a borboleta

Há um momento na vida de todo ser, em que ele é um nômade e faz com sua alma a travessia pelo deserto da sua existência...

Sem estrelas, sem luta, sem um referencial, só, na noite escura.

Ele é só o seu próprio adversário!

Acrisolado em suas próprias algemas, vive o seu momento de crisálida,

Hibernada, em seu tempo de dor!

Mas a sabedoria adquirida nesta profunda interiorização, acontece a sua tramática, mas, feliz transformação...

Não sente mais fome, nem sede...Nem necessita do ilusório oásis...

Terminou o seu tempo de nômade, ou de vaga-lume na noite escura!

Encontrou-se com a luz!

Não mais teme o mundo que a fez sofrer...

Criou lindas cores e com novas asas voará o bastante

Antes de perpetuar-se numa nova flor, onde novos seres irão nascer, crescer e viver os mesmos tempos de alegria e dor

Antes da dura transformação para ressurgirem em busca da luz!

Assim é a vida meus filhos!

O pai não concedeu privilégios!

Quer sejam homens ou simples seres...

Todos tem o seu tempo de crisálida e o de borboleta.

(Maju)

De crisálida a borboleta, esta sou eu. Me transformei ao longo de minha vida, mas cada pessoa, cada acontecimento, deixou impressões em mim. Por isso, quero agradecer imensamente a estas tantas pessoas que imprimiram muitas e muitas páginas de minha caminhada.

A Deus, pela oportunidade, pela VIDA, por minha benção chamada FAMÍLIA.

Em especial, ao meu Mestre, professor e orientador Dr. Valdo Barcelos, por estar sempre disponível e com quem tudo começou. Obrigada por aceitar-me como orientanda, por estimular-me quando precisei, por ler meus escritos, por ser acolhedor. Obrigada pelos conhecimentos e aprendizagens. Obrigada pela confiança e dedicação. Obrigada por orientar-me brilhantemente, por contribuir no meu entendimento sobre a Biologia do Amar e a Biologia do conhecer de Humberto Maturana, e as possíveis implicações no viver e conviver relacional humano. Com certeza, você, mestre, professor e amigo Valdo, faz parte deste momento inesquecível da minha trajetória! Te trouxe muitas mudanças em minha maneira de ser, agir, falar, VIVER o PRESENTE. O pai da Maria, o esposo da Cida, uma pessoa maravilhosa, que se morássemos perto, teríamos muitas conversas juntos. Obrigada por ensinar-me o direito de ir-se quando precisar e sentir vontade.

Aos avaliadores, pela disponibilidade, por estar comigo na realização deste sonho, que parecia tão distante, tão difícil, e aqui estamos finalizando e tendo ao meu lado pessoas especiais, com uma bagagem de conhecimento, amor, respeito e carinho imensas, gratidão por conhecê-las, por poder dizer que vocês fazem parte da minha existência, como pessoa e PROFESSORA que sou. Obrigado Caroline Spanevello, Maria Aparecida Azzolin e Heleinise Sangoi. Amo vocês.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, em especial a prof^a Dr. Helenise Sangoi, um ser de muita luz, amor, que me marcou profundamente, com seu encanto, alegria, simplicidade, Profe HELE, teu conhecimento, tua maneira simples de explicar e conduzir a aula me encantaram profundamente, marcando um dos meus maiores passos. Agradeço também, aos colegas, Marta, Felipe, Tatiane, Manoel, Rebeca, Mariane, pelos aprendizados compartilhados ao longo da caminhada.

À minha família, aos meus pais mamãe Loiva, papai Vicente, meu alicerce, minhas riquezas, meu suporte, meu porto seguro. No dia em que olhei o resultado da seleção, e estávamos conversando se teria condições de efetivar a matrícula, minha mãe disse: “Não abro mão de que você faça, estou aqui pra te ajudar, e cuidar da Olívia, que sei que é tua maior preocupação.” Nasci com certeza na família certa, meus irmão Rudimar, Claudinei, Ademir, minhas cunhadas, meus sobrinhos: Aline, Leonardo, Isis, Maiara e também meus afilhados gêmeos, Lorenzo e Anthony, que são meus filhos de coração, que estiveram desde bem pequeninhos sempre comigo, e que para estudar tivemos que distanciar nossos encontros. Ensinarão-me lições que me acompanharão para sempre.

Agradeço a minha mãe por me ensinar a ser forte, humilde, ter coragem para enfrentar os desafios. A meu pai, o qual me ensinou a gostar de estudar, sempre me incentivou para os estudos. Orientou-me a buscar e acreditar nos meus objetivos de vida.

Ao meu esposo Paulo, que esteve por estar sempre comigo, em todos esses momentos. Acordando as 4 horas da manhã, pra ir a Santa Maria comigo, ficar o dia todo por lá, me esperando pra retornarmos, obrigada meu parceiro, amigo, incentivador. Obrigado por sempre me acompanhar e estar presente em minhas e em nossos desafios e conquistas.

A minha tia, dinda, comadre Vera Goldschmidt Nunes, pelo incentivo, carinho, auxílio sempre que precisei e preciso, AMO INCONDICIONALMENTE.

Ao meu amor maior, pra minha filha, meu tesouro, minha benção, se estou buscando

ainda, é por você, pra te mostrar que podemos, pra que você se sinta incentivada a sair, buscar, estudar, conquistar. Como canta Luan Santana em sua música:

“Foi só você chegar pra me convencer

Que estava escrito nas estrelas, eu ia te conhecer

Foi só você me olhar que eu me apaixonei

Valeu a pena esperar, esse é o grande amor que eu sempre sonhei”.

Cantamos quase todas as noites, essa parte desta música, que traduz toda a espera, que tudo é ao tempo de Deus, que Deus é bom a todo tempo e que a todo tempo Deus é bom. Mamãe AMA você incondicionalmente, OLÍVIA.

Agradeço a todos aqueles que cruzaram pela minha vida, detentores de sublime importância para o que sou hoje.

A Lição da Borboleta

Um dia, uma pequena abertura apareceu num casulo; um homem sentou e observou a borboleta por várias horas, enquanto ela se esforçava para fazer com que seu corpo passasse através daquele pequeno buraco.

Então, pareceu que ela havia parado de fazer qualquer progresso.

Parecia que ela tinha ido o mais longe que podia e não conseguia ir mais.

O homem decidiu ajudar a borboleta: ele pegou uma tesoura e cortou o restante do casulo. A borboleta então saiu facilmente.

Mas seu pequeno corpo estava murcho e tinha as asas amassadas.

O homem continuou a observá-la, porque ele esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e se esticassem para suportar o corpo, que iria se afirmar a tempo.

Nada aconteceu! Na verdade, a borboleta passou o resto de sua vida rastejando um corpo murcho e asas encolhidas. Ela nunca foi capaz de voar.

O que o homem, em sua vontade de ajudar, não compreendia, era que o casulo apertado e o esforço necessário à borboleta para passar através da pequena abertura era o modo pelo qual Deus fazia com que o fluido do corpo da borboleta fosse para as asas, de forma que ela estaria pronta para voar, uma vez que estivesse livre do casulo.

Algumas vezes, o esforço é justamente o que precisamos em nossa vida.

Se Deus nos permitisse passar através de nossas vidas sem quaisquer obstáculos, Ele nos deixaria aleijados. Nós não iríamos ser tão fortes como poderíamos ter sido. Nós nunca poderíamos voar.

(Autor Desconhecido)

RESUMO

O LUGAR DO AMAR NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS, CONTRIBUIÇÕES DE HUMBERTO MATURANA

AUTORA: Jaqueline Godschmidt Maciel
ORIENTADOR: Prof. PhD. Valdo de Lima Barcelos

Esta pesquisa que apresento como Dissertação de Mestrado em Educação, na linha de pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional (PPGE – UFSM), intitulada: O Lugar do Amar na Relação Ensino-Aprendizagem da Educação Infantil e Anos Iniciais, Contribuições de Humberto Maturana, tem como objetivo: contribuir com subsídios teóricos e epistemológicos para a atuação docente na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, tendo como referência as proposições da biologia cultural de Humberto Maturana. O referencial que orientou este olhar investigativo e reflexivo do pesquisador foram Valdo Barcelos, Humberto Maturana e Paulo Freire. Destaca-se que realizamos uma pesquisa bibliográfica, a partir da Biologia do Amar, concebendo-se a educação como espaço de respeito, amor, cooperação, compreendendo que tudo que nos acontece é biológico, porém intermediado com nossa cultura, no viver e conviver. A ideia é que o leitor compreenda que a educação parte do Amar, através da convivência, onde a criança tenha espaço para se expressar e se desenvolver, sendo respeitada e acolhida em suas diferenças. Que nossos professores compreendam que a escola é lugar de alegria, de aprendizagem, coletividade, cooperação e jamais competição, lugar de trocar, de respeito a si e ao outro, como legítimo outro, de encantamento, de erros e acertos. De VIDA, de olhares afetuosos, acolhedores, de sorrisos, de abraços, onde a escola seja espaço de legitimidade, diálogo, aceitação, um lugar onde se conheça a criança que está em nossas mãos, sensibilizando-a para a linguagem do Amor que nos fala Maturana e utilizando a metáfora da borboleta, acredito que todos nós, lindas borboletas, que um dia como lagarta, rompe as camadas mais espessas para ser o melhor de si mesma, possamos romper com aquilo que não nos faz sentido e abrindo assim espaço para que o amor se faça presente. De viver o presente, pois viver é um presente.

Palavras-chave: Biologia do Amar. Aprendizagem. Formação Permanente.

ABSTRACT

THE PLACE OF LOVE IN THE TEACHING-LEARNING RELATIONSHIP OF CHILDHOOD EDUCATION AND EARLY YEARS, CONTRIBUTIONS BY HUMBERTO MATURANA

AUTHOR: Jaqueline Godschmidt Maciel
ADVISOR: Prof. PhD. Valdo de Lima Barcelos

This research that I present as a Master's Dissertation in Education, in the line of research Training, Knowledge and Professional Development (PPGE - UFSM), entitled: The Place of Love in the Teaching-Learning Relationship of Early Childhood Education and Early Years, Contributions by Humberto Maturana, aims to: contribute with theoretical and epistemological subsidies for teaching activities in early childhood education and the initial years of elementary school, based on the propositions of cultural biology by Humberto Maturana. The references that guided this investigative and reflective look of the researcher were Valdo Barcelos, Humberto Maturana and Paulo Freire. It is noteworthy that we carried out a bibliographical research, based on the Biology of Love, conceiving education as a space of respect, love, cooperation, understanding that everything that happens to us is biological, but intermediated with our culture, in living and living together. The idea is that the reader understands that education starts from Loving, through coexistence, where the child has space to express and develop, being respected and welcomed in their differences. May our teachers understand that the school is a place of joy, of learning, collectivity, cooperation and never competition, a place of exchanging, of respect for oneself and the other, as a legitimate other, of enchantment, of mistakes and successes. Of LIFE, of affectionate, welcoming looks, of smiles, of hugs, where the school is a space of legitimacy, dialogue, acceptance, a place where the child in our hands is known, sensitizing them to the language of Love that we says Maturana and using the metaphor of the butterfly, I believe that all of us, beautiful butterflies, that one day as a caterpillar, breaks through the thickest layers to be the best of itself, we can break with what does not make sense to us and thus open space for let love be present. To live the present, because living is a gift.

Keywords: Biology of Love. Learning. Permanent Formation.

SUMÁRIO

1 HISTÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E EMOÇÕES - FALANDO UM POUCO DE MIM – COMO CASULO, TUDO AO SEU TEMPO.....	11
2 INTRODUÇÃO - ESCOLHENDO MEU TEMA DE PESQUISA, MAS, TAMBÉM, UMA MANEIRA DE VIVER E EDUCAR.....	17
3 COMO SE FOSSE UM GLOSSÁRIO – PROPOSIÇÕES DE HUMBERTO MATURANA PARA VIVER.....	21
4 AO SAIR DO CASULO – DEIXANDO DE SER CRISÁLIDA.....	29
4.1 UM CAMINHAR PERMANENTE – A FORMAÇÃO DOCENTE.....	29
4.2 SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE DER PROFESSOR – PAPEL DA DOCÊNCIA: EMOÇÕES QUE FUNDAMENTAM A APRENDIZAGEM EM SALA SE AULA.....	31
4.3 FORMAÇÃO CONTINUADA E SUA RELAÇÃO COM O FAZER PEDAGÓGICO: A CONSTANTE BUSCA PELO APRENDER.....	35
4.4 HUMBERTO MATURANA X FORMAÇÃO DOCENTE X EDUCAR DOM AMOROSIDADE.....	40
5 ADUBANDO JARDIM, PARA QUE NASÇAM FLORES E SE POSSA RECEBER AS BORBOLETAS.....	43
5.1 CONHECENDO AS IDEIAS DE HUMBERTO MATURANA.....	43
5.2 O AMAR E O CONHECER NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS.....	47
5.3 APRENDIZAGEM COM AMOROSIDADE.....	49
5.4 CONTRIBUIÇÕES DA BIOLOGIA DO AMAR E CONHECER PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM.....	52
6 DE CRISÁLIDA A BORBLETA – UMA METÁFORA SOBRE EDUCAR , AMAR e BRINCAR.....	57
6.1 CRIANÇAS CRISÁLIDAS BORBOLETAS – O BRINCAR NO PRESENTE.....	59
6.2 AS CRIANÇAS: O BRINCAR E O TEMPO.....	66
6.3 O PROFESSOR(A) DE CRIANÇAS COMO GUARDIÃO DO BRINCAR.....	71
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM CAMINHAR INCONCLUSO.....	79
8 REFERÊNCIAS	93

1 HISTÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E EMOÇÕES – FALANDO UM POUCO DE MIM – CONSTRUINDO UM PROJETO DE VIDA – COMO CASULO, TUDO AO SEU TEMPO

Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata. Quem tenta ajudar um broto a sair da semente o destrói. Há certas coisas que não podem ser ajustadas. Tem que acontecer de dentro pra fora (ALVES, 1999, p. 24).

Sou mulher, sou filha, amiga, irmã, professora, MÃE. Sou parte da educação, sou professora por amor. MAS AFINAL QUEM SOU EU NESSA JORNADA? Sou meus 43 anos de experiência, meus 25 anos de professora. Sou os vários encontros e desencontros com pessoas, umas muito especiais que me deixaram marcas, conhecimento e ensinamentos, outras nem tanto, me mostraram como agir diferente delas. Como educar de forma amorosa e afetuosa, como a maneira de olhar para o outro pode mudar nosso dia.

Minhas memórias são como uma construção, com base forte e bem estruturada, em minha família. Uma construção que se faz a cada dia, que nunca estará acabada, sempre com o desejo de aprender algo mais. Assim acreditei, e acreditarei todos os dias, em uma educação com mais amor, respeito e aceitação¹ do outro, como legítimo outro. Como uma borboleta fui me transformando ao longo dos anos, construindo saberes e maneiras de ser e estar no mundo, refletindo sobre meus projetos, revendo quando necessário, enfim, me metaforizando a cada dia.

Nasci no interior de Dezesseis de Novembro, RS, cidade pequena, em uma vila chamada Laranjal. Sou única filha mulher, de quatro irmãos, meu pai e minha mãe eram pequenos agricultores. Nos criamos na roça, brincando livremente, andando pelos matos, pescando no pequeno rio atrás de nossa casa, riozinho esse que nos dias de chuva, enchia. Era uma festa só brincar nas correntezas, hoje se vemos crianças fazendo isso ou tentando fazer, não deixamos ou ficamos assustados. Já naquela época, com quatro filhos, nossos pais davam graças a Deus que estávamos bem entretidos. Esta infância vivida no interior, e em pequenos rios, em meio a poteiros, me permitiu muitas experiências, que hoje não vejo com frequência entre nossas crianças. Espaço total de liberdade para brincar, sem vigília constante de um adulto, saíamos pelos matos, voltávamos tarde, tínhamos total harmonia com a natureza, com facilidade subíamos e descíamos de árvores, até para casinha elas serviam. Pegávamos frutas direto do pé, sem medo, para escolher a mais bonita, nem que estivesse no galho mais alto. Nossos balanços

¹ Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social. Em outras palavras, digo que só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito (MATURANA, 1998, p. 23).

– lembro-me bem atrás da escola – eram cipós bem reforçados, nos sentávamos entre três ou quatro crianças para se embalar; em casa esses balanços ou eram de cordas, com uma tábua para sentar ou de pneus.

As brincadeiras de esconde-esconde e pega-pega, com “arminhas” feitas de taquara e as balas de frutinha (sementes) de cinamomo, tudo isso nos permitia brincar até cansar e saciar a vontade, daquele dia, claro. Muitos de nossos brinquedos eram construídos por nós, como: perna-de-pau, bambolê de manga preta, estilingues para caçar pombas, carrinhos de madeira ou de sabugo de milho, escorregador de tábua lixada a mão (onde muitas peças de roupas se destruíam na descida). Mas em meio a todos esses fatos, também tínhamos nossas tarefas diárias. Em primeiro lugar a escola, em segundo ajudar em casa ou na lavoura, para que soubéssemos como fazer e ter conhecimento da importância do sustento.

Todos esses ensinamentos recebi de meus pais, pois através deles que me tornei uma mulher batalhadora, sem medo de enfrentar desafios, que com sensibilidade desempenho meu papel com amor, carinho e dedicação. Nos dias atuais, a maioria dos pais, não destina tarefas a seus filhos, deixando-os crescerem sem responsabilidades. Desta forma, a lida diária de cada pai e mãe para proporcionar o melhor a seus filhos, acaba (muitas vezes) tornando-os alienados e incapazes de ir atrás de suas próprias vontades e desejos.

Mais tarde, por volta dos meus 09 anos, minha mãe se tornou funcionária pública, servente de escola. Iniciou suas atividades na escola onde eu e meus irmãos estudávamos, escola esta onde eu e eles fizemos até a 8ª série.

Com seis anos, ingressei na 1ª série na Escola Estadual de 1º Grau Costa e Silva, em nossa comunidade, onde minha primeira professora, a Dona Maria, era uma excelente alfabetizadora. Eu amava ser aluna dela, pois demonstrava amor pelo que fazia. As vezes, minha mãe deixava eu posar na casa dela, pensa na felicidade. Em minha escola sempre fui muito participativa, era o anjo nas procissões, a noiva do casamento caipira, ajudava também na igreja, nos cultos, missas, fui catequista.

Ao longo de meus estudos, muitas professoras marcaram minha caminhada, pelas vivências e experiências que auxiliaram na minha maneira de pensar e agir. O carinho que tinham algumas professoras, também me fizeram ter uma certeza: de não ser como alguns exemplos de professores. Mais tarde vivenciei, seres fechados, sem um olhar diferenciado para cada educando. Professores que todos tinham medo, além de ser nitida a percepção de que não tinham – em sua conduta – amor pelo que haviam escolhido fazer: educar.

Em 1994 vivi uma mudança, muito grande, com 14 anos, para poder continuar meus estudos, meus pais me trouxeram para o internato das freiras, o antigo INSA, em São Luiz

Gonzaga. Meus pais não tinham condições de pagar a escola, pois era privada – assim – no internato eu trabalharia como forma de pagar meus estudos.

Desta forma finalizei o ensino médio, magistério, em 1996, claro faltando ainda o estágio como professora. Então, voltei para minha comunidade, para realizá-lo com a terceira série, onde fui muito feliz e neste momento realmente percebi que eu era sim, professora - uma educadora. Um orgulho e incentivo para meus professores e alunos que ali estavam – pois agora – eu era colega de meus professores, e a Dona Maria (minha primeira professora) continuava nessa mesma escola, mas agora como diretora.

No ano de 1998, comecei a trabalhar e subsidiar meu próprio sustento. Lembro-me como se fosse hoje, quando fui ao banco receber meu primeiro salário, lá na cidade de Garruchos, onde iniciei como contratada, ministrando aulas para a terceira série. Depois de receber, vim para São Luiz Gonzaga de ônibus, onde encontraria minha mãe, a qual esperei na rodoviária com um belo buquê de flores (ela ama flores). Foi a primeira compra que fiz com meu dinheiro, pois sempre entendi que minha família – e especialmente minha mãe – foi e é meu alicerce, minha incentivadora incondicional.

Para que e minha mãe, buscando me proporcionar o melhor, estudando – fazendo magistério, deixou de cuidar de si, para me proporcionar o melhor, e principalmente, como ela sempre me dizia: “ser independente” na vida. Guardei durante este ano de trabalho, minhas economias para ingressar na faculdade, que era minha meta. Em 1999, ingressei na faculdade de férias na URI, Santo Ângelo, para fazer o curso de ciências biológicas. Foi um pouco sofrido, pois trabalhava todos os dias, ainda lá em Garruchos e na férias, acampávamos em um prédio cedido pela URI, onde dormíamos, cozinávamos e estudávamos. Em 2003 concluí a graduação, já em 2004, fiz concurso em São Luiz Gonzaga, estudei muito, passei em 1º lugar e logo fui nomeada.

Desde então trabalho em uma escola municipal. Além da docência exerci outras funções, estive diretora, estive muitos anos como coordenadora, sai por um tempinho. Fui para a SEMEDE, e voltei coordenadora, hoje me encontro vice-diretora nessa mesma escola. Também atuo como coordenadora no NEEJA Jorge Pacheco, escola prisional, dentro da Penitenciária Estadual de SLG – RS. Cursei ao longo desse tempo duas pós-graduações a nível de especialização, uma em gestão (UNOPAR - SLG) e outra em organização escolar (UFRGS).

Esta pesquisa nasce portanto do desejo de fazer o melhor pela educação, mas sempre buscando o amar e o repeito todos os dias de minha caminhada. A partir desse encontro, sai do casulo me vendo como uma Borboleta, que se transforma, busca, trabalha e deseja um novo olhar para a educação, pelo caminho do amar. Casada desde 1998, com um parceiro, que sempre

me ajudou, incentivou. A muito tempo tentávamos construir uma família, após um longo tempo de tratamento, encontramos o problema e para nossa surpresa somente através de fertilização *in vitro*, poderíamos alcançar este sonho, um percurso nada fácil, onde algumas decisões precisaram ser tomadas, tanto no emocional, como financeiro. Meu marido trabalhador autônomo e eu professora, ambos juntávamos nosso dinheirinho para realizar nossos sonhos, de ter segurança e estabilidade. Quando decidimos fazer a primeira fertilização, também conversamos sobre um possível negativo, e que se acontecesse, iríamos entrar com processo para a “ADOÇÃO”, pois nosso desejo era uma família, com laços sanguíneos ou não. Após várias fertilizações sem sucesso e uma longa espera de quase 7 anos na fila de adoção, eis que no dia 13 de outubro de 2020, as 12:23, nasceu nossa família, nosso presente e Deus, conhecemos por foto a nossa benção.

Em outras palavras, ela em geral chega a essa condição num processo naturalmente fácil e confortável. Tal processo não requer esforço, desenhos ou cuidados especiais. Ocorre mediante o viver em coexistência humana da criança com seus pais, em total e mútua aceitação corporal. Quando esse desenvolvimento acontece de modo adequado, torna-se um ser humano socialmente bem integrado, é um processo natural (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p. 198).

Nossa menina OLÍVIA – que significa: pacífica, independente e curiosa, com um ano e um mês, veio para nos completar, nos fortalecer, nos mostrar o quão simples é a vida, através do olhar de uma criança, que só quer amor, atenção, carinho, segurança, respeito, um lar, um colo acolhedor.

Desde o primeiro momento que a gente se viu
 O meu destino correu pro teu mar feito um rio
 E me tornei o seu lar
 Onde o Sol há de brilhar
 Você me trouxe a sorte, o vento e asas pra voar
 Deixa bater o coração
 É de lá que vem meu filho
 E a cada nova estação
 Que ele seja o trem eu seja o trilho
 Deixa bater o coração
 É de lá que vem a minha filha
 Pois o amor da adoção
 É o que faz feliz nossa família
 Tudo, tudo, tudo, tudo tinha de ser
 Tudo, tudo, tudo, tinha que acontecer
 Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo mudou
 Depois que você chegou



Depois que você chegou
 Tudo, tudo, tudo, tudo tinha de ser
 Tudo, tudo, tudo, tinha que acontecer
 Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo mudou
 Depois que você chegou
 Depois que você chegou
 Desde o primeiro momento que a gente se viu
 O meu destino correu pro teu mar feito um rio
 E me tornei o seu lar
 Onde o Sol há de brilhar
 Você me trouxe a sorte, o vento e asas pra voar
 Deixa bater o coração

É de lá que vem meu filho
 E a cada nova estação
 Que ele seja o trem eu seja o trilho
 Deixa bater o coração
 É de lá que vem a minha filha
 Pois o amor da adoção
 É o que faz feliz nossa família
 Tudo, tudo, tudo, tudo tinha de ser
 Tudo, tudo, tudo, tinha que acontecer
 Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo mudou
 Depois que você chegou
 Depois que você chegou
 Tudo, tudo, tudo, tudo tinha de ser
 Tudo, tudo, tudo, tinha que acontecer
 Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo mudou
 Depois que você chegou

O Amor da adoção – Mundo Bitá – Milton Nascimento

No dia 09 de novembro de 2020, às 17:40, buscamos nosso amor maior, este é o registro da chegada em nosso lar.



Ao longo deste trabalho, adoto a metáfora da borboleta, representada na imagem inicial

deste texto, onde ela revela toda a sua graciosidade, encantamento. Uma borboleta que precisa aprender a amar, conhecer, ser e fazer o melhor para a formação de nossos alunos(as), pelos quais somos responsáveis todos os dias. Essa professora(o) que precisa se recriar, se reinventar para transformar seu viver e conviver, ensinar e ser ensinada.

2 INTRODUÇÃO - ESCOLHENDO MEU TEMA DE PESQUISA, MAS, TAMBÉM, UMA MANEIRA DE VIVER E EDUCAR

Sempre fazemos a cada instante o que sentimos, é o fazer que conserva nosso bem-estar neste instante (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 72).

Nossas experiências e vivências ao nos relacionarmos com os outros, nos deixam marcas profundas, onde o existir e o viver, estão alicerçados ao coexistir e em conviver. A escolha da biologia do amar e do conhecer², está fortemente ligada as minhas vivências como educadora, coordenadora e diretora que já fui e sou. Acredito na educação com amorosidade³, com respeito, com aceitação, no momento que acolho meu aluno(a) todos os dias na escola, na sala de aula. Cabe – ao meu ver – que o professor(a) crie espaços de convivência, de respeito e colaboração, nos quais os alunos(as) possam compreender sua plenitude humana. Conforme Maturana (1998, p. 29):

Para Humberto Maturana, a conduta do(a) professor(a) deve ser de aceitação da criança como um ser legítimo em sua totalidade, no presente vivido, e não como uma etapa momentânea de passagem para a vida adulta. A educação deve se assentar na formação humana e não na técnica. O espaço escolar deve proporcionar atividades acessíveis ao seu fazer e que incentivem a criança a olhar para esse fazer com liberdade para mudá-lo quando o desejar. O que deve ser buscado é a ampliação da capacidade de reflexão da criança e não a transformação de seu ser, mas, sim, de seu fazer. (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 16-17)

Mediante o exposto acima, reencontro-me com antigos questionamentos e preocupações, mas, ao longo das mais diversas leituras das escritas de Humberto Maturana, Valdo Barcelos⁴, Paulo Freire, entre outros, muitos e muitos outros questionamentos, dúvidas, anseios e angústias, passaram a fazer parte do meu dia-a-dia enquanto educadora. Conforme salienta Barcelos (2021, p. 38): “o ato educativo não existe sem a interação com o outro”.

O interesse em realizar esse estudo e essa pesquisa de Mestrado surgiu quando li a temática: Educação da criança na biologia do amor e na biologia do conhecer. Pelo fato de

² Biologia do Conhecer e Biologia do Amar são denominações adotadas para um conjunto coerente de noções a respeito da cognição e da biologia humana. Surgiram quando Humberto Maturana originalmente começou a apresentar um modo de abstrair, portanto de conhecer, sobre o operar sistêmico relacional do viver e conviver humano (SHLICHTING; BARCELOS, 2012, p. 113).

³ Amorosidade para Freire, é trazida no sentido de refletir sobre o carinho, a afetividade e amorosidade do educador, que para Freire é um mediador da aprendizagem. A amorosidade como qualidade essencial no processo de ensinar.

⁴ Prof. Titular-UFSM, PhD em Antropofagia Cultural Brasileira, Pesq. Prod. 1 – CNPQ, Consultor MEC/UNESCO - MEC/MMA - CYTED - INPA – MCT, Membro da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências - ALPHAS - 21 - Cadeira Paulo Freire., Membro da Academia Santa Mariense de Letras-ASL - Cadeira Cyro Martins. Membro Anistia Internacional BRASIL (1972). Amigo, incentivador, um gênio ao falar com simplicidade e entusiasmo naquilo que acredita.

acreditar sempre que o amor⁵ é o aspecto mais importante que o professor(a) carrega, através de um olhar, de um sorriso, de um abraço, que durante a pandemia do COVID 19, precisamos nos distanciar, foi necessário, mas doloroso para todos. Muitas vezes, esse é o afeto que a criança recebe e espera durante todo o dia. Educamos pelo acolhimento da criança e criando momentos, onde ela se sinta reconhecida em sua legitimidade e dignidade, educando pela criação de espaços de convivência mais que pelo simples exemplo, mas pelo esforço, pelo compromisso – mas em especial – conhecendo a criança que está em nossas mãos, sensibilizando-a para a linguagem do amor. Sobre amar, que nos fala o autor Humberto Maturana.

Humberto Maturana Romesín, nasceu em 1928, no Chile, cursou medicina na Escuela – MEDICINA DE LA UNIVERSIDAD DE CHILE, em 1948. Mudou-se para a Inglaterra em 1954, para continuar seus estudos. Formou-se em Medicina, concluiu Ph.D em Harvard em 1958. Em 1960, voltou ao Chile, onde voltou estudar neurobiologia, voltando sua atenção no estudo da visão de pombas e a caracterização da organização dos seres vivos como sistemas autônomos. Humberto Maturana, a partir de seus estudos, desenvolve a biologia da amar e a biologia do conhecer, algo que mais tarde juntamente com Ximena Dávila Yáñez⁶, se tornaria no que falamos hoje a biologia do Amar, juntos então, os dois são co-fundadores e professores do Instituto Matristico, na cidade de Santiago – Chile.

Em meio a tantos vocabulários, é normal muitas reflexões, ainda mais quando se fala de amor, principalmente na educação. Diferentes emoções especificam diferentes domínios de ações. Nas reflexões de Maturana fica explícito de que amar é cuidar, acredito portanto que o amor esta em nossas pequenas ações, na aceitação, no respeito, no acolhimento, na preocupação com o bem-estar desse outro(a), no caso nossos alunos(as), professores(as).

O bebê encontra sua mãe na brincadeira antes de começar a viver na linguagem. Todavia, a mãe humana pode encontrar o bebê na linguagem e no brincar, pois já está na linguagem quando começam as conversações que constituem o seu bebê. Se a mãe humana encontra o bebê no brincar – ou seja, na congruência de uma relação biológica na total aceitação da corporeidade -, ele é visto como tal. E assim é confirmado em seu ser biológico, no fluxo de seu crescimento e transformação corporal como um bebê humano em interações humanas. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 146).

⁵ O amor aqui é tomado, na proposição de Maturana (2004), como a emoção fundamental que caracteriza o humano desde sua formação na ancestralidade biológica pré-histórica. O amar é o ânimo básico no qual surge o respeito por si mesmo e o respeito pelo outro na espontânea aceitação da presença de si mesmo e do outro. O amar consiste nas dinâmicas relacionais através das quais o outro, a outra, surge como legítimo outro na convivência com, é o fundamento do respeito mútuo.

⁶ Ximena Paz Dávila Yáñez é uma professora chilena, estudou Orientação em Relações Humanas e Família com ênfase nas Relações do Trabalho no Instituto Carlos Casanueva. Foi co-fundadora do Instituto Matristico e co-criadora da Biologia Cultural, junto ao biólogo Humberto Maturana.

Além da palavra “amar”, a expressão “biologia do amar” também pode levar a interpretações diversas. Precisamos viver o nosso educar de modo que nosso aluno(a) consiga aceitar-se e a respeitar-se, pois somente ao ser aceita e respeitada em sua legitimidade, aprenderá a aceitar e respeitar os outros, família, colegas, professores. Vivendo na biologia do Amar. Para Maturana:

Na primeira infância, por meio da brincadeira e enquanto vivem muitas experiências recorrentes de movimento, tocando, balanceando e fazendo ritmos, as crianças gradualmente constituem e desenvolvem o conhecimento operacional de seus corpos em muitas configurações de redes inter cruzadas de coordenações sensório-motoras. Se olharmos para crianças em crescimento, veremos que elas se movem e se orientam no que chamamos de seu ambiente ou entorno (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 166).

Frente a essa breve explanação, coloco a seguinte questão de pesquisa: Como as proposições da Biologia-cultural - Biologia do amar e Biologia do conhecer, de Humberto Maturana, podem contribuir para os processos de ensino aprendizagem na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, tendo como horizonte epistemológico e prático a atuação docente e a formação de professores (as).

Para responder a essa questão de pesquisa foi colocado como principal objetivo dessa Dissertação de Mestrado contribuir com subsídios teóricos e epistemológicos para a atuação docente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo como referência as proposições da Biologia-cultural de Humberto Maturana.

Como forma de atender a esse objetivo geral estabelecido para essa dissertação de Mestrado, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Realizar uma pesquisa bibliográfica retrospectiva visando identificar em algumas obras de Humberto Maturana os fundamentos epistemológicos da Biologia-cultural;
- b) compreender a Biologia do amar e a biologia do conhecer a partir dos estudos de Humberto Maturana;
- c) Refletir sobre a Biologia do Amor e da Biologia do conhecer e suas relações com os processos da aprendizagem humana;
- d) Compreender como a Biologia do amar e a Biologia do conhecer podem contribuir para a atuação docente em geral e, em especial na educação infantil e nos anos iniciais;
- e) Reflexionar sobre os modos de ser e conviver com as crianças através do brincar e do amar nos espaços de aprendizagem escolar.

Nessa linda aventura de leitura, convido os(as) leitores e as leitoras, primeiro a conhecer os significados e sentidos de algumas palavras citadas, nessa Dissertação de Mestrado, apenas

nas obras e falas de Humberto Maturana, mas também nas escritas daqueles que amam e vivem o que Maturana nos deixou com tanta leveza e amor, pois seu legado ficará para sempre. Considero necessário essa explicação tendo em vista que tais expressões são muito caras, são fundantes das reflexões de Humberto Maturana. De outra forma, essas expressões tem sentidos muito particulares para esse autor.

3 COMO SE FOSSE UM GLOSSÁRIO INTRODUTOR - PROPOSIÇÕES DE HUMBERTO MATURANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA VIVERMOS O PRESENTE

AMOR/AMAR - Maturana afirma que o amor é a emoção fundante do social por que, uma vez que se trata do sentimento que propicia a aceitação das diferenças do outro – como Maturana traz – a “aceitação do outro pelo legítimo outro”. Amor para Maturana (1998), entende-se amor não como substantivo, mas como um verbo, por pressupor uma ação, onde ocorre a aceitação legítima na convivência. Amar é deixar aparecer sem exigências, sem expectativas.

A ACEITAÇÃO E O CUIDADO - Aceitação é o cuidado com o outro, aceitando-o no presente. Mas papai, estou aqui com você! Não raro não estamos com a criança – estou com ela aqui nos braços e estou lá...Onde? Não sei..no trabalho, na preocupação, porque não tenho dinheiro, ou porque quero ganhar o prêmio Nobel, qualquer coisa, mas não estou ali com a criança. (MATURANA, 2001, p. 97).

ADAPTAÇÃO – uma unidade composta existe como uma unidade composta de uma certa classe somente na medida em que suas interações no meio em em que opera como totalidade, isto é, como organismo, desencadeiam nela mudanças estruturais através das quais se conserva a organização que define sua identidade de classe. Se isso não ocorre, a unidade composta se desintegra, e algo diferente aparece em seu lugar. A conservação da congruência operacional entre organismo e meio que ocorre no fluir da conservação do viver é a relação de adaptação entre organismo e meio. (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 143)

APRENDER/ APRENDIZAGEM - Fundamentados na fenomenologia biológica da Biologia do Conhecer sobre os seres vivos, afirmamos que aprender é “ profundamente ligada ao processo de complexificação de um organismo onde este vai constituindo em níveis cada vez mais elaborados de significação em seu processo de viver, a partir da resposta desse organismo às perturbações externas e internas. A aprendizagem emerge quando o organismo seleciona o que realmente importa para sua ontogenia”. (MATURANA; PELLANDA, 2009, p. 107)

AUTOPOIESE OU AUTOPOIESIS - Termo criado por Humberto Maturana e Francisco Varela, designando o ato de autoreprodução (produzir a si mesmo) de alguns seres vivos num ciclo relacional e interativo.

BIOLOGIA DO CONHECER E BIOLOGIA DO AMAR - A biologia do conhecer

e biologia do amar são nomações utilizadas – respectivamente – para as parcelas da mente (cognição) e aspecto biológico dos seres humanas. Desta forma, ambas das construções partem da compreensão sobre as dinâmicas de “viver e conviver”. Essas dinâmicas são entendidas em uma perspectiva biológica geral dos seres vivos – bem como – a específica dos seres humanos. Com isso, o conhecer e o amar são tratados como fenômenos basilares da própria biologia do ser humano. Conforme, entre outros escritos, Maturana (2007, p. 75-107; 167-193; 215-228).

BIOLÓGICO-CULTURAL – De maneira simples, podemos dizer que a funcionalidade de nossos corpos se estabelecem as solicitações de nossa biologia – além de que - o funcionamento da sociedade deriva de nossos comportamentos, sendo esse o que mantém à mesma, uma condição de tradicionalidade. “É um espaço do explicar sobre o humano, sobre os demais seres vivos e sobre os próprios fundamentos do conhecer e do viver humano que surge apoiada nas proposições da Biologia do conhecer e da Biologia do amar” (SCHLICHTING; BARCELOS, 2012, p. 113).

COGNIÇÃO – “[...] é a ação efetiva(indutiva) ou o comportamento nesse domínio (domínio de interações). Os sistemas vivos são sistemas cognitivos e a vida como um processo é um processo de cognição. Esta afirmação é válida para todos os organismos, com ou sem sistema nervos”(MATURANA; VARELA, 180, p. 13)

CAMINHO DO AMAR – Aqui temos a visão de *bem-estar*, apresentada como uma experiência relacional humana. Maturana e Dávila, versam sobre o “caminho do Tao”, como sendo este o exposto anteriormente, sendo assim, um equilíbrio, uma harmonia, entre corpo e mente - sendo também uma base da filosofia do Taoismo, traduzida em uma das explicações do yin e tang - . Desta maneira, não podemos viver preocupados com quais experiências vamos viver, mas sim em como vai vive-las.

COMPETIÇÃO – Como Maturana (1998) no diz, “a competição não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro. A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômenohumano, a competição se constitui na negação do outro”.(1998, p. 13)

CONHECER - O conhecer é uma atividade que envolve a criação de distinções pelo sistema vivo em relação ao ambiente em que está inserido. Ou seja, o conhecer é uma atividade que permite ao sistema criar uma realidade própria a partir de suas interações e ações diante do mundo, ao invés de simplesmente reproduzir uma realidade preexistente. Essas distinções criadas pelo sistema vivo são resultado de sua concepção e dos vários processos internos que ocorrem em seu organismo, e são sempre limitadas e condicionadas pela condição e história próprio da cada sistema. Dessa forma, para Maturana, o conhecer é uma atividade

intrinsecamente ligada ao viver, e não pode ser compreendido isoladamente.

CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA – Maturana propõe uma visão de consciência ecológica que está fundamentada em uma compreensão biológica dos seres vivos e de sua relação com o meio em que vivem. Para Maturana (1998; 2001), a consciência ecológica é a capacidade que os seres vivos têm de viver em harmonia com o meio e do cuidado com ele, em vez de explorá-lo ou destruí-lo. Isso significa que conhecer o meio resulta na compreensão profunda da interconexão entre todos os seres vivos e do papel que cada um desempenha no equilíbrio do ecossistema.

De acordo com Maturana (1998; 2001), a consciência ecológica não é algo que possa ser ensinado ou imposto por meio de leis ou regulamentos. Em vez disso, ela surge naturalmente da interação que os seres vivos estabelecem com o ambiente em que vivem, na medida em que desenvolvem uma compreensão mais profunda de responsabilidades e de sua função com o ecossistema. Assim, a consciência ecológica está intimamente relacionada com a experiência vivida pelos seres vivos e não pode ser compreendida apenas por meio de teorias ou conceitos abstratos.

Sendo assim, a consciência ecológica é uma das principais condições para a sobrevivência e a evolução da vida na Terra, e é uma responsabilidade que todos os seres vivos compartilham.

CONVERSAR - Conversar para Maturana é entrelaçamento do linguajar com o emocionar, assim, conversar é dar voltas juntos para que possamos nos entender. Então, ele questiona: “Que ocorre no dar voltas juntos dos que conversam e que passa ali com as emoções, a linguagem e a razão?” Conversar na ação educativa, é elemento central na relação que produz o conhecimento. A conversa constitui-se, assim, em um espaço relacional por excelência na ação educativa.

CONVERSAÇÕES - Entrelaçamento entre linguajar e emocionar (MATURANA, 2002, p. 177). “Tudo o que nós, seres humanos, fazemos com tal, o fazemos nas conversações”. Para Maturana, as conversações são recorrências do linguajar e emocionar que constituem o humano. Elas são parte fundamental da Biologia do Conhecer. (Maturana; Pellanda, 2009, p. 109)

CONVERSAÇÕES MATRÍSTICAS E PATRIARCAIS – Segundo Zöller e Maturana (2004), ao se falar em “conservação matrística”, marca a presença feminina, com seu aspecto acolhedor, em outras palavras, vai contra conceituação de dominação. Assim, o primeiro traz a ternura, a aceitação; o segundo traz a hierarquia, a dominação.

COORDENAÇÕES DE AÇÕES CONSENSUAIS - Segundo Maturana (2002), são

ações onde há um consenso, uma concordância entre os sujeitos.

COORDENAÇÕES DE AÇÕES - Ação se trata das operações e suas respectivas mudanças em um organismo dentro de um determinado ambiente. Desta forma, coordenação de ação tem relação com várias ações que formaram a conduta de um ser.

CORPORALIDADE - Trata-se dos aspectos biológicos do ser humano – bem como – suas vivências.

COOPERAÇÃO - Para Maturana e Dávila, a co-operação tem que ver com operar em conjunto. Da mesma forma, a co-elaboração vai além de elaborar a execução de uma proposta, mas, sim, diz respeito a partilhar de uma emoção comum, que conduza a construção de um projeto comum: o projeto de co-elaborar para a cooperação.

CULTURA – é o entrelaçamento do linguajar com o emocionar. “Todo viver humano consiste na convivência em conversações e redes de conversações. Em outras palavras, digo que o que nos constitui como seres humanos é nossa existência no conversar”. (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 31).

DERIVA NATURAL - Evolução por deriva natural: processo de ramificação e conservação de linhagens, ou seja, Evolução é a deriva natural na conservação de modos de viver, e Seleção Natural é o resultado da sobrevivência diferencial na deriva natural (MATURANA; DÁVILA, 2016).

DIMINUINDO AS EXPECTATIVAS - Quando disse que devemos ser como as crianças para entrar no reino de Deus fiz referência ao desapego. O que é o Reino de Deus? Um mundo sem angústias sem pretender ser o que não se é. E está em harmonia de viver o presente e não com a atenção voltada para o resultado do fazer ainda que se trate de um fazer com o propósito de obter um resultado. (MATURANA, 1997, p. 24)

EDUCAR - Para Maturana, se trata do processo de convívio com o outro, desta forma, ocorre uma transformação espontânea no ser, uma vez que, se habitua com o diferente. O que comanda este processo é o espaço de convivência.

EMOÇÃO – Em palavras simples, é o que nos move, sendo que a emoção basilar da sociedade, segundo Maturana (1999) é o amor. Desta forma, a emoção está intrinsecamente ligada a ação, uma vez que, agimos mediante as nossas emoções.

EMOCIONAR – Refere-se ao transcórre das ações como uma dinâmica da vida. Desta forma, movemo-nos entre domínios de ações, as quais se entrelaçam entre comportamentos, emoções. Essa conexão entre ações, é chamada de conversa.

ENACÃO - Esta palavra é um neologismo, inspirado no inglês; é utilizada com o intuito de trazer à mão, de fazer emergir (MATURANA; VARELA, 1997).

ERAS PSÍQUICAS – as diferentes eras psíquicas da humanidade correspondem, segundo nosso pensar, à dinâmica histórica de transformação integral da psique humana, desde sua concepção, passando pela infância, pela juventude, pela condição adulta e pela maturidade reflexiva, que configura em cada instante nelas o como se vive, para onde se orienta e como entende a natureza e o sentido do humano em sua pertença à biosfera (Maturana; Dávila, 2009, p. 30).

ESCUTAR – Maturana e Dávila, nos dizem que esta habilidade vem desde a tenra idade. Algo importante de ressaltar é a diferença entre escutar e ouvir – sendo que – ouvir é algo mecânico, uma função do corpo. Escutar demanda de raciocínio, em outras palavras, se ouve, se reflete e analisa, para assim poder dizer que escutou - de fato - a outra pessoa

ESTRUTURA - Os componentes e as relações que concretamente constituem uma determinada unidade e realizam sua organização.

FELICIDADE - Para Maturana (1997, p. 25), é viver sem ter aspirações, viver sem ter expectativas. Viver a vida em harmonia com as circunstâncias. E isto “Não requer viver flutuando na desordem ou no caos. Alguém faz o que faz porque quer fazê-lo, e se não acontece faz outra coisa”.

FILOGENIA – Trata-se de uma sequência de geração orgânica, vinda da reprodução. Contendo alterações por evolução.

FLUIR DO MEU VIVER - “O mundo que muda no ser vivido enquanto se conserva num contínuo fluir estacionário no qual também muda o que se conserva”. (MATURANA, 2009, p. 25) “A expressão diz respeito a vida do amanhecer ao amanhecer. Um constante devir. Tudo flui naturalmente. Fluir do viver são as relações sociais que as pessoas estabelecem no seu viver. Sendo que só são consideradas relações sociais as que forem estabelecidas sob a emoção do amor. As demais relações são antissociais. São relações pautadas nas emoções de competição, inveja, dominação etc. podem ser relações de trabalho, de estudo, mas não são relações íntimas, ou sociais” (AZZOLIN, 2019, p. 27) .

GERAR MUNDOS - expressão utilizada por Humberto Maturana e Ximena Dávila Yáñez referindo-se ao fato de que nós construímos a realidade que vivemos. Não há realidade independente de nós. Cada realidade é um mundo gerado (AZZOLIN, 2009, p. 112).

HOMO SAPIENS AMANS AMANS - Humberto Maturana e Ximena Dávila Yáñez (2005, 2009, 2016) afirmam que somos originários da espécie *homo sapiens - amans amans*, surgida a mais de 3 milhões de anos. Esta espécie organizava-se em famílias, não havendo distinção entre homens e mulheres. Conviviam em harmonia com a natureza, em pleno bem-estar

psíquico-corporal-relacional, no conversar e na co-inspiração. Tais afirmações são embasadas em pesquisas arqueológicas.

INTERAÇÕES - “O fenótipo de um organismo se constitui em seu encontro com o meio, de modo que, de fato, cada o organismo se realiza como uma totalidade em seu domínio de interações e relacionamentos em seu fenótipo, e vive em um ou outro fenótipo dependendo de seus relacionamentos e interações” (MATURANA; MPODOZIS, 1992, p. 45).

INTERAÇÃO HUMANA - Para Maturana (1997 e 2001) a interação é a ação do indivíduo relação a outro ser vivo e ou ao meio em que está inserido, que ocorre no seu viver. A interação implica necessariamente numa modificação dos seres vivos e ou do meio de maneira espontânea. Então, “se a vida é um processo de conhecimento, os seres vivos constroem esse conhecimento não a partir de uma atitude passiva e sim pela interação” (MATURANA, 2001, p. 12).

LINGUAJEAR - O *linguajear* é um modo de conviver e ocorre como um fluir recursivo de coordenações de coordenações de *fazeres* consensuais. A linguagem é o modo de viver e conviver humano, não um instrumento relacional, embora ocorra no fluir relacional da convivência. Os distintos mundos relacionais, tanto externos como internos, conscientes e inconscientes, que nós seres humanos vivemos surgem no fluir de nosso viver no *linguajear* como diferentes âmbitos *sensio-efetores* em que se dá a conservação de nosso viver (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 170).

LINGUAGEM – quando operamos na linguagem, o que fazemos é mover-nos em nossas interações recorrentes com outros, num fluir de coordenações comportamentais consensuais. Ou seja, a linguagem ocorre num espaço relacional e consiste no fluir na convivência em coordenações de coordenações consensuais comportamentais e não num certo modo de funcionamento do sistema nervoso nem na manipulação de símbolos (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 262).

MÃE - Maturana cita mãe como tanto homem quanto mulher. Mulher ou homem que cumpre, na convivência com uma criança, a relação íntima de cuidado que satisfaz suas necessidades de aceitação, confiança e contato corporal, no desenvolvimento de sua consciência de si e de sua consciência social. (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 263).

MATRÍSTICO - A expressão matrística é usada nesse texto para expressar um termo específico cunhado por Humberto Maturana para designar uma cultura onde homens e mulheres que poderão participar de forma de vida baseado na cooperação não hierárquica, sem se basear na autoridade – mas sim – na confiança. Matrístico está em oposição aos termos matriarcado-patriarcado.

OBSERVADOR – tudo que é dito é dito por um observador a outro observador que pode ser ele ou ela mesma. Observador é um ser humano que distingue o que distingue como se o distinguido existisse com independência de seu ato de distinção. (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 169. Então, quando observo algo, não faço parte do objeto, mas a definição dele, tem a ver comigo, no que acredito, no que percebo.

ORGANIZAÇÃO - As relações que devem sedar entre aqueles que compõem um sistema, para que este seja reconhecido membro deste sistema – além disso – é este reconhecimento que dirá a qual classe este indivíduo pertence.

ONTOGENIA - Denomina-se “ontogenia” a história particular de transformação estrutural de um dado organismo (MATURANA, 2004).

RECURSIVIDADE – Ocorre quando um observador, percebe que uma operação é executada novamente na consequência resultante da sua aplicação anterior.

REFLEXÃO – A reflexão predispõe a mudança de opinião; se não estiver predisposto a mudança de pensamento, não há possibilidade da reflexão.

SERES VIVOS – Aqueles dotados de dinamismo e autonomia, que se transformam a medida que transcorre seu fluxo de vida.

SISTEMA - Os seres vivos possuem uma estrutura determinada, o que significa que a sua resposta a estímulos externos é baseada na sua própria estrutura naquele momento, em vez de ser determinada pelo estímulo em si.

SOCIEDADE PATRIARCAL - Ao surgir o pastoreio, como maneira de vida, surge à apropriação, a desconfiança no mundo natural, o controle, a inimizade e a guerra, e os instrumentos de caça se tornam em armas. O pastoreio era pacífico quando da ausência da guerra ativa, sua constituição, sua origem, no entanto, não é pacífica (MATURANA, 1997, p. 56). A cultura patriarcal, a partir dos pensares de Maturana, como o modo de vida que deu origem à nossa cultura não é europeu, mas sim asiático. Esse modo de vida é mantido por grupos humanos conhecidos como Kurgans, que são indo-europeus e tradicionalmente pastores, cavaleiros e guerreiros. Desde os tempos mais antigos da história, esses grupos viveram em torno do controle, da dominação, do uso da violência, agressão e guerras, o que levou à origem da desconfiança. A desconfiança, por sua vez, foi passada culturalmente para outras gerações e se tornou um medo mórbido e constante. Como resultado, as pessoas passaram a viver em torno do medo e da desconfiança, o que gerou uma mudança cultural e levou ao surgimento de modos de vida que negam a Biologia do amor e incorporam valores patriarcais e matriarcais, como o controle, a competição e a dominação. No entanto, a nossa biologia do amor ainda é preservada em nosso convívio inicial com sua mãe ou pai, que nos ensina a nos sentir vistos, escutados e

respeitados. É a partir dessa experiência de convívio amoroso que surgem os nossos desejos sinceros de viver em uma democracia, baseada em uma equidade que nasce do convívio equânime entre as pessoas em uma comunidade. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004)⁷.

VIVER E CONHECER - Para Maturana, o termo "viver" refere-se à capacidade de todos os seres vivos de se autodeterminar em relação ao meio ambiente através de sua estrutura. Já o termo "conhecer" é entendido como a habilidade inata nos seres vivos de fazer distinções em relação ao meio ambiente e, dessa forma, criar sua própria realidade através de suas ações e convívio com o mundo. Sendo assim, o viver e o conhecer são inseparáveis e estão intrinsecamente relacionados as experiências dos seres vivos.

⁷ Para ler mais, ver: MATURANA, Humberto; YÁÑEZ, Ximena Dávila. *Habitar Humano*. Palas Athena, 2009.

4 AO SAIR DO CASULO – DEIXANDO DE SER CRISÁLIDA

4.1 UM CAMINHAR PERMANENTE – A FORMAÇÃO DOCENTE

Não existe professor de generalidades, pois quem é professor é sempre professor de alguma coisa, que também ensina e aprende alguma coisa com alguém (BARCELOS, 2006).

O aprender do professor não se inicia em seu primeiro contato com seus alunos, mas, sim, em sua infância, em casa, nas brincadeiras com vizinhos, amigos, quando inicia sua trajetória escolar. Para Brandão (1981, p. 116):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Sendo assim, podemos perceber que a educação perpassa paredes de uma sala de aula, indo além, por várias vezes em espaços que jamais imaginamos que ela iria acontecer, e de forma tão significativa. A educação segundo Libâneo, vai desde a mais tenra infância até tornar-se adulto.

A beleza do voo das borboletas esconde um segredo: em cada dia e em cada momento em que o voo se esboça, ele nunca se repete. É sempre novo no seu ziguezaguear. Ora sobe, ora desce, ora vira para um lado, ora passa para outro, ora avança, ora retrocede. O voo das borboletas escapa à nossa mais sofisticada capacidade de previsão: é, pelo menos aparentemente, caótico e, para nosso espanto, é quase sempre harmonioso (AZEVEDO, 1999, p. 95).

O professor (a) constrói-se diariamente, e como gente grande pode aprender, através da busca constante, por ser e estar melhor para seu aluno(a). A formação permanente, abre portas jamais imagináveis de amorosidade, respeito aos educandos, troca constante de conhecimentos e de processos coletivos de reflexão-ação. O professor(a) que está sempre aprendendo e ensinando, encanta, fascina, aguça a criticidade, a criatividade, mas acima de tudo é amoroso, dialógico⁸, respeitoso. Entendendo a educação não apenas como algo mecânico, onde somente ele (o professor) é capaz de levar conhecimento, mas como algo muito além, que está na formação de cada criança, na convivência, baseada no acolhimento, no olhar e na escuta⁹, no

⁸ Dialógico – etimologia – diálogo – dia significa através e logos que significa palavra, ou seja, o entendimento a partir da palavra. Assim para Freire uma ação dialógica em sala de aula, seria formar pessoas, dando aos alunos(as) espaços de escuta e de fala, onde não somente o professor fala. Portanto a fala do aluno(a) quanto a do professor(a) são valorizados.

⁹ Escuta segundo Barcelos e Maders : é mais do que apenas ouvirmos o que este outro tem para dizer, ou está dizendo, é necessário parar para lhe dar atenção. Enfim: dar à palavra escuta seu sentido de origem – auscultare – dar atenção ao que vem de dentro. Dar espaço para a voz interior. Ouvir o e com o coração e não apenas com a

respeito, onde a aprendizagem trone-se um caminho para fortalecer o aluno(a) no seu fazer, no seu conhecer, no amar e conviver, onde as habilidades do aluno(a) possam ser percebidas, suas competências ampliadas, através do refletir e do fazer. A tarefa da educação deve oferecer espaços onde as crianças possam se construir como seres humanos, convivendo com autonomia, respeito, com seus pensamentos e ações, pois como alerta Barcelos:

Todos nós ensinamos, educamos, aprendemos. Todos nós somos educadores. Até mesmo os professores e as professoras... Educar é algo que habita o animal humano que somos. Educar-se é algo que pode acontecer a todo momento de nossas vidas e em muitos lugares... até mesmo nas escolas (BARCELOS, 2008).

Nesse sentido, a ação do professor torna possível acontecer a abertura ao conhecimento (aprendizagem), a qual está centrada no presente. Ao olharmos para o presente da relação entre professor(a) e aluno(a), esta se estabelece sem exigências entre nós, os participantes, quanto ao passado, e sem exigências para o futuro. Para Freire (2003, p. 11):

Onde a pedagogia da autonomia realmente aconteça dentro da educação, autonomia essa fundada na ética, na dignidade e a própria autonomia do educando.

O professor, portanto, precisa estar preparado para o trabalho que desempenha, que estando alienado ao mundo que o cerca, considerando que todo ser humano é único. Maturana (1999, p. 147) vai além e afirma:

Em um País, a tarefa de qualquer atividade educativa é cumprir esse fazer na formação democrática, isto significa entregar a cada cidadão e cidadã elementos para um fazer autônomo, social e ecologicamente responsável.

Em primeiro lugar o professor(a) precisa compreender não ser somente ele o detentor do saber, e que mais do que nunca não deve mostrar verdades absolutas para seus alunos em nenhum conteúdo, ao contrário precisa aprender ou reaprender a lidar com a pesquisa, com as curiosidades dos alunos(as), mostrando-lhes que podem ser pesquisadores e que estas pesquisas podem acontecer em qualquer lugar, seja em um laboratório, passeio, parquinho, no brincar, em casa, no futebol com os amigos, aguçando assim sua curiosidade, imaginação, enfim um professor(a) que orienta, questiona, pesquisa.

4.2 SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE SER PROFESSOR – PAPEL DA DOCÊNCIA: EMOÇÕES QUE FUNDAMENTAM A APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA

O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver de uma comunidade em que vivem. A educação como “sistema educacional” configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar (MATURANA, 1998, p. 29).

Partindo dessa perspectiva, Maturana entende essa relação professor-aluno como uma ação, onde a aprendizagem é coletiva, pautada em mudanças contínuas e recíprocas. Sendo assim, o que o professor(a) ensina precisa ter significado para ele próprio, como é este professor(a), sua maneira de ensinar precisam estar ligados a sua prática diária. O professor(a) encaminha suas aulas, convidando seu aluno(a) a participar ativamente das decisões, pois só assim, criará espaços de convívio na confiança e na aceitação coletiva na relação do ensinar e do aprender. Numa relação desse tipo ocorre o que Maturana e Davila denominam de “deixar aparecer”⁸. Assim o professor(a) prioriza não só o que o aluno(a) aprende, mas junto com o olhar de qual maneira ele aprende.

Em nosso dicionário da Língua Portuguesa explica que *professar* é: ação de admitir ou revelar em público; ministrar, praticar, exercer ou ensinar. São sinônimos de *professar*: abraçar, confessar, desempenhar, ensinar, exercer, exercitar, praticar, preconizar. Não é possível ser professor(a) sem desenvolver sentimentos, habilidades e competências que possibilitem a prática de ensinar. Maturana nos responde o seguinte questionamento: O que é afinal educar?

Para recuperar essa harmonia fundamental que não des-trói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão. Quero um mundo em que respeitemos o mundo natural que nos sustenta, um mundo (MATURANA, 1998, p. 34).

Ser professor(a) é tão importante e tão grandiosa, pois ao ensinarmos estamos nos responsabilizando pelo meio que vivem e pelos seres que cuidarão do mundo. O que é algo grandioso, aliás. Educar¹⁰ é muito, muito mais além do que ensinar apenas conteúdos

⁸ Deixar aparecer é uma disposição, um modo de estar no viver e conviver sem exigências, sem expectativas sobre si mesmo e sobre o mundo que vive... Isso não é algo fácil numa cultura de competição na qual se busca ser dono da verdade, minha verdade, essa que daria poder na obediência dos outros e que, como me da poder, não estou à disposto a abrir mão dela. O deixar aparecer não é uma visão que se dá desde uma teoria, doutrina ou ideologia. É um encontro em que se vê a legitimidade do que existe... Não vemos sem deixar aparecer e o deixar aparecer é aquilo ao que nos referimos quando falamos de amar (MATURANA; DÁVILA, 2019). Resumindo: deixar

específicos, significa gostar de gente e gostar de tal maneira que dedica sua vida ao ensinar. Isso é, na essência, ser professor(a). Ensinar é algo complexo e desafiador, mas acima de tudo encantador. Como ensinava Freire (1997, p. 74):

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna.

Há que se estar atento para essa escuta amorosa do outro, pois como ensinava Freire, somos profissionais, que se dedicam ao cuidar de gente. Para Freire (1997, p. 74):

O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte.

Ao nos dispormos a criar espaços de ensino que possibilitem ao aluno(a) conversações¹¹ estamos dando ênfase a uma relação de cuidado, de acolhimento, de legitimidade do outro, de tolerância, de Amar, que rompe os silêncios impostos, pelo autoritarismo e exclusão.

O dar-se conta e, posteriormente, o rompimento com os silenciamentos impostos pelo processo de colonialismo cultural, é um momento decisivo na assunção, por parte de cada pessoa, de sua condição de ator capaz de tomar a iniciativa de construção da autonomia e da autoria possível nos espaços onde ocorre o fluir de seu viver, tanto na escola quanto nas demais dimensões e espaços de atuação (BARCELOS, 2009).

Onde cada criança/aluno(a) pode construir sua autonomia a partir do fluir do viver, tanto no espaço da escola, bem como com sua família, amigos ou espaços de atuação na comunidade. Conforme Maturana e Dávila (2009, p. 50):

O futuro da humanidade não são os meninos, as meninas e os jovens, mas nós adultos com os quais eles convivem, poise eles, por sua vez, serão como adultos, parecendo-se ou diferenciando-se de nós, conforme sejamos nós mesmos adultos em nosso conviver com eles.

aparecer não é algo do campo de uma concessão, de uma permissão, enfim de algo que permito ao outro (a). Deixar aparecer é uma ação de respeito ao outro; um reconhecimento a sua legitimidade; uma ação de acolhimento e de aceitação mútua, sem exigências e/ou expectativas de qualquer tipo. Deixar aparecer é uma ação de amar o outro. Amar sem impor condições. Seria o amor incondicional (BARCELOS, 2009).

⁹ Para Maturana: O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência (MATURANA, 1998, p. 29).

¹¹ As conversações entendidas por Maturana (1998) como fluir entrelaçado de linguajar com o emocionar, uma das proposições decisivas para o processo de aprendizagem.

O que significa ser professor(a) no tempo histórico em que vivemos? No país em que vivemos? Nas condições socioeconômicas em que vivemos? Muitas podem ser as respostas, mas todas elas passam por uma premissa que é constitutiva do fazer docente: professorar só é possível para quem gosta de gente. E gostar de gente, no contexto do trabalho do professor(a), significa trabalhar todos os dias estudando, discutindo, elaborando e criando maneiras de fazer com que os alunos aprendam aquilo que consideramos importante, para que eles sejam felizes, bem sucedidos, independentes, boas pessoas.

Afirmar que para ser professor(a) é preciso gostar de gente, significa dizer, também, que não basta saber um conteúdo para ser professor(a). Os conteúdos estão nos livros e, hoje em dia, nos vídeos da internet. Então, os alunos(as) podem acessar os mais diversos conteúdos sem, necessariamente, ter a figura do professor(a) ao seu lado.

Partindo dessas questões, sugiro uma reflexão: um(a) professor(a) que tem amor a docência, aquela figura inesquecível - toda pessoa que passou pela escola tem na memória um(a) professor(a) inesquecível – ele(a) vai muito além de ser apenas um passador de conteúdo, é sempre uma figura que marca pela sua generosidade. Nem que seja a humanidade caracterizada pela maneira como faz os conteúdos terem sentido para a vida real, ou seja, pela maneira como confere humanidade aos conteúdos, ou pela maneira que trata seus alunos(as). Desejamos pensar e organizar a escola, no sentido de que nossas crianças tanto da educação infantil como anos iniciais, possam ser participantes da construção da aprendizagem, só assim conseguirão assimilar os conhecimentos.

Nossos alunos(as) precisam ser vistos e tratados(as) como autores(as) desse processo de ensinar e aprender e não apenas como meros receptores e co-adjuvantes. Para aprender, a afetividade, entusiasmo, a alegria são elementos cruciais dessa boa prática, de acordo com a afirmação de Freire (1996, p. 142):

A alegria não chega apenas no encontro, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos alunos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa, de outro, a alegria necessária ao que – fazer docente.

Esta alegria que nos traz Freire, deve ser permanente na prática diária do professor(a), para que a relação do professor(a) com o aluno(a) aconteça de maneira harmoniosa, mas tendo como base o respeito e o reconhecimento da legitimidade do outro(a).

Assim agindo estaremos estabelecendo um espaço de aprendizagem orientado pela

colaboração e pela cooperação¹². A afetividade, tanto do professor(a) para com o aluno(a), como do aluno(a) para com o professor(a) deve ser uma maneira de expressar-se cotidiana e espontaneamente da vontade de melhorar o ensino a cada dia.

Segundo Freire (1996, p. 25) “Quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Para tanto a formação para os professores(as) adquirem experiências e conhecimentos que o modifica, transforma sua maneira de agir e pensar. A formação do professor(a) é algo complexo, que requer a apropriação da teoria e da prática.

Como expressam as palavras de Humberto Maturana e Francisco Varela (1995, p. 15):

Tudo parece indicar que já entramos na etapa final desse caminho em que, a incompreensão dos seres humanos entre si ameaça com a destruição sistemática. Não só a vida humana no planeta, mas principalmente a vida interior, a confiança básica recíproca, que é o suporte fundamental do viver social.

Acreditamos que somos sensíveis, imprevisíveis e amorosos, sendo assim, somos seres plenos de cognição, com a convicção de que vivemos sistemicamente, e necessitamos estar em plena harmonia com o meio. Que não somos máquinas, que somos vida, que pulsa, e que nossa maneira de viver nos trouxe incompreensões sobre nossa maneira de ser e nosso modo de viver. Que por sermos sensíveis e amorosos, o ensinar precisa ser pensado em primeiro lugar no ser, sentir, para que este aprender faça realmente sentido na vida do nosso aluno(a).

A aprendizagem resulta das interações e das relações que se estabelecem entre indivíduos e o meio exterior, provocando mudanças estruturais naqueles que participam desses encontro. Sendo assim, se trata de um processo auto-eco-organizativo. Por isso, pensar a aprendizagem como um processo auto-eco-organizativo, requer colocar em destaque as interações como fundamentais na produção de conhecimento e constituição de si; o diálogo entre os diferentes saberes e entre as diferentes culturas.

Nesta perspectiva, as conversações expressas para Maturana (2002, p. 23): são o entrelaçar da linguagem com nossas emoções e acontecem nas nossas interações, cumprem um papel ativo formação de cada um de nós, no que conhecemos e aprendemos. Segundo este autor, não somos orientados pela razão, mas é a emoção que nos leva a ação.

¹² Para Maturana e Davila (1998), a co-operação tem que ver com algo que significa *co-operar*. Ou seja: passar a *operar com* o outro. Operar junto, numa emoção de aceitação mútua no fluir do viver cotidiano. Da mesma forma, a co-elaboração vai além de elaborar a execução de uma proposta, mas, sim, diz respeito a partilhar de uma emoção comum, que conduza a construção de um projeto comum: o projeto de co-elaborar para co-operar com um propósito comum.

4.3 FORMAÇÃO CONTINUADA E SUA RELAÇÃO COM O FAZER PEDAGÓGICO: A CONSTANTE BUSCA PELO APRENDER

Acredito que o professor(a) jamais deve deixar de estudar, pois grandes são os desafios que ele enfrenta. Nesse sentido, manter-se atualizado para seu fazer pedagógico é indispensável, pois:

A maior dádiva que a ciência nos oferece é a possibilidade de aprendermos, livres de qualquer fanatismo, e se nós quisermos, a aprender como permanecer responsáveis por nossas ações através de reflexões recursivas sobre nossas circunstâncias (MATURANA, 2001, p. 160).

Nesse sentido, a formação para o autor é algo que deve ser construído coletivamente, a partir das experiências e emoções de cada professor(a). Através da troca, da partilha de saberes, onde o professor(a) seja formador e formado no mesmo instante. No entanto para que efetivamente isso aconteça, precisamos de um permanente processo de co-operação e de co-elaboração nos espaços escolares. Essa troca pode possibilitar o pensar a prática constantemente, para buscar melhorá-la. O professor(a) que constrói sua formação, fortalece e enriquece seu aprendizado. Ao trocar com o outro, também fortalece o conhecimento de si, e de seu processo pessoal de aprendizagem na procura da construção do saber. Por meio disso, constata-se que:

O amor constitui um espaço de interações recorrentes, no qual se abre um espaço de convivência onde podem dar-se as coordenações de conduta de coordenações consensuais de conduta que constituem a linguagem, que funda o humano (MATURANA, 2002, p. 67).

Coexistente a isso a rejeição é uma emoção que resulta na separação, pois nega o outro como legítimo outro. O amor tem como oposto a indiferença – assim – comunidades fundadas em emoções diferentes ao amor, estarão organizadas em ações que não sejam a colaboração, o compartilhamento, em não aceitação do outro como um legítimo outro, na convivência, deixando portanto de serem comunidades sociais.

Segundo Barcelos e Maders (2016, p. 101):

Ao aprender seu próprio corpo e ao aceitá-lo, a criança aprende a viver consigo mesma no respeito e na aceitação de si. Isto é fundamental para que esta criança se constitua em um adulto que, também, aceite o outro de forma legítima, sem exigências e sem coerções de qualquer tipo e, em especial, sem expectativas e exigências externas ao seu ser (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 95).

Para tanto ao definir as interações como fundamentais na evolução e conservação da

espécie humana, Maturana (2002) afirma que a origem do humano está relacionada com a linguagem. Esta, por sua vez, está relacionada às coordenações de ações que se estabelecem de forma consensual entre os participantes do processo de conversar. A linguagem não é algo interno a um ser, mas um fenômeno biológico que se constitui na convivência e se modifica no viver. Ao contrário da biologia moderna, que se baseia na genética e na hereditariedade para explicar a história evolutiva de todos os seres vivos, o pensador chileno, nos alerta que:

Penso que o que define uma espécie é seu modo de vida, uma configuração de relações variáveis entre organismo e o meio, que começa com a concepção do organismo e termina com sua morte, e que se conserva, geração após geração, como um fenótipo ontogênico, como um modo de viver em um meio, e não como uma configuração genética particular (MATURANA, 2002, p. 20).

Assim, a linguagem, como parte de nosso modo de viver, enquanto humanos, mantém-se, evolui e nos constitui enquanto espécie. Nesta perspectiva, somos sistemas determinados em nossa estrutura, embora a estrutura de qualquer organismo vivo mude nos seus encontros com o meio o qual interagimos. Entendendo que certos acontecimentos/fenômenos não ocorrem apenas dentro do corpo, e sim a partir de nossas relações com os demais que convivemos, em especial na linguagem. O peculiar dos seres humanos está na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar no espaço de convivência, quando as coordenações de conduta são consensuais. Existimos e operamos em linguagem porque agimos no fluxo de emoções.

Aprendemos e nos transformamos nas interações que vivenciamos, nas chamadas conversações. Portanto, uma transformação cultural, somente ocorre com uma mudança no nosso emocionar. Os pressupostos das teorias da Biologia do Conhecer e da Biologia do Amar, levam a identificação da estreita ligação do linguajar com o emocionar na ação de conhecer.

Maturana (2002, p. 26) acredita numa educação amorosa, baseada na confiança¹³ e no respeito; respeito por si mesmo e pelo outro, onde a colaboração realmente aconteça. É a emoção, a partir da qual se faz – ou se recebe – um certo fazer que o transforma numa outra

¹³ Para Maturana, assim como o amor é um dos fundamentos para a constituição das relações sociais. Sem confiança não é possível se estabelecerem relações que possam ser reconhecidas como relações sociais. Se estabelecem sim relações, porém, são relações orientadas pela busca da dominação, do poder, da busca do controle (Cultura patriarcal). A desconfiança não é condição que faz parte da arquitetura biológica natural do humano. Ao contrário, a tendência do humano, em sua origem, é a confiança. Mesmo que possamos viver momentos, episódios onde a desconfiança se instala, esses momentos não são os que predominam. A confiança é o fundante do viver. A criança nasce na confiança. A desconfiança é uma produção cultural humana. Porque vivemos uma cultura da enganação, que não funciona em função do presente, mas sim, na busca de aparências, de manipulação, do uso do outro, do abuso e da exploração. Em todas essas dimensões se nega a legitimidade da confiança, a legitimidade do social. Quando há limitação da confiança na convivência se vive na hipocrisia e na mentira (MATURANA, 72 – Sentido do Humano).

ação, ou que o qualifica como um comportamento dessa ou daquela classe. Nos construímos na linguagem, portanto todo ser e todo fazer dos seres humanos, acontecem no conversar, este que é o resultado entre o emocionar e o linguajar.

Na educação, como um espaço fantástico de convivência humana, esta deve permitir e facilitar o crescimento das as crianças, como seres humanos que respeitam a si mesmos e aos outros como legítimos, buscando con ciência social e ecológica, podendo assim, atuarem com responsabilidade na comunidade a qual pertencem.

Paulo Freire (1996, p. 13) nos diz:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

O autor reforça essa perspectiva afirmando que:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 1996, p. 77).

Consequentemente em nosso cotidiano, costumamos ligar as emoções aquilo que chamamos de sentimento. Assim, portanto, o fluir do emocionar, ou o passar de uma emoção a outra, é deslizar de um domínio de ações para outras. Ao aceitarmos essa maneira de conceber as emoções, estaremos aceitando também que qualquer ação humana, inclusive as específicas dos humanos como a linguagem e o reflexionar, se constroem a partir das emoções, pois tem seu surgimento nos espaços de ações especificadas por uma determinada emoção.

Para Maturana (2002), no entanto a emoção que funda nosso conviver humano é o amor. O amor, para Maturana, não é algo difícil, ou especial, como sugerimos ao falar do amor sexual ou espiritual, mas algo que está em nós, como humanos que somos: “sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social” (MATURANA, 2002, p. 24).

Seguindo essa linha de que é o amor a emoção fundante do fenômeno social, em que nós, seres humanos, estamos conservando nossa linhagem mamífera e hominídea, que possibilitou a linguagem, fica claro que esta emoção deve estar presente em nossas relações humanas, fundadas no social, e, jamais na competição, na submissão ou não aceitação do outro

Na verdade, nos espaços educacionais, em especial na relação professor(a) e aluno(a), é evidente que precisamos desse olhar para a presença legítima desse outro com o qual

convivemos. É nesses espaços, através do educar e no conviver que nossos alunos(as) podem crescer, com responsabilidade, vivendo o presente, capazes de refletirem sobre todas as coisas, conscientes e responsáveis com o meio. Cabe dizermos ainda, que nós seres humanos, vivemos diferentes formas de conversações.

Para Maturana o acontecimento da aprendizagem exige a presença de algumas condições fundamentais. O ato da aprendizagem, como uma conduta que acontece entre os seres vivos, não depende do conhecimento de alguém – um observador – sobre a biologia do conhecer. A justificativa é porque a aprendizagem se trata de um fenômeno que acontece na integração entre seres vivos, ela acontece num processo relacional de conversar e de linguajar (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 101).

Por esse fato, para Maturana o observador é a centralidade de sua obra. E é nessa troca entre o observador e o observado que acontecem as trocas, o ato de conversar. Maturana e Dávila (2009, p. 49, grifo do autor) acreditam que a caminhada humana se iniciou há uns três milhões de anos, dentro de:

[...] como o próprio conviver no fluir recursivo das coordenações de coordenações de uma linhagem de primatas bípedes, com o ocorrer da família ancestral como um pequeno grupo de convivência no prazer de compartilhar companhia, carícias e alimentos, no qual surgiram, como simples consequência da intimidade desse conviver, o *linguajar* e o conversar *fazeres* e emoções no prazer do fazer juntos os *fazeres* cotidianos.

Aprender é mudar constantemente de conduta pelo organismo, e a todo tempo. E é nesse operar contínuo de mudanças de condutas que afirmamos ser inevitável, e esta dura enquanto esse organismo realiza sua autopoiese. Em função da importância da expressão autopoiese na obra de Maturana, julgamos importante sintetizar o que o autor entende por essa proposição.

Para Maturana e Dávila (2009, p. 262):

Tudo que ocorre em nós como seres vivos em nossa dinâmica interna, e tudo o que ocorre conosco como organismos em nossa dinâmica relacional, ocorre no curso da realização de nosso viver na realização e conservação de nossa autopoiese molecular; isto é, como seres vivos existimos na contínua reatuação de nossa autopoiese molecular, como organismos operamos como totalidades num meio no qual interagimos através de nossa constituição molecular na contínua produção de nós mesmos, na contínua realização de nossa autopoiese molecular.

Esta autopoiese molecular explica a organização dos seres vivos em seu cotidiano, durante o fluir do viver. O que estabelece esta proposição na biologia, é devido a todos os seres vivos serem sistemas constituídos em redes moleculares fechadas, ou seja, elas produzem a si mesmas, e ao fazê-las – autopoiese – estabelecem limites, de acordo com um sistema vivo funcionando em correspondência entre as moléculas, as transformações que acontecem nessa dinâmica, definirá o que vai acontecer nesse organismo vivo. Nessa dinâmica, as relações entre

as moléculas acontecem em torno de si mesmas, sem que nada externo interfira no resultado desse acontecimento.

Quando usamos a percepção de *autopoiese* como uma base de um princípio explicativo do fenômeno social humano, alguém estaria supondo que uma rede de relações entre seres humanos poderia ser análoga a uma rede de relações entre moléculas. A noção de autopoiese evoca um sistema no qual seus elementos atuam em torno da conservação de uma organização, e, por isto, da identidade do sistema. Um ser humano, como um indivíduo integrado a um sistema social, se caracteriza precisamente pela sua possibilidade de autonomia como elemento constitutivo no sistema social. Sabemos que na medida em que uma pessoa precisa se submeter, se adequar, para manter a identidade de um sistema social, ela desaparece como pessoa. Na medida em que eu não posso dizer sim ou não sobre o que eu faço eu desapareço como pessoa. Com isso não acontece algo que Maturana e Dávila (2019, p. 56) definem como algo fundamental na relação do amar: o “deixar aparecer”.

Em um sistema de conhecimento sobre a socialização de humanos que se apoia e recomenda uma teoria na qual as pessoas desaparecem, qual pode ser o resultado para as pessoas? A anulação, a submissão, enfim não ter o reconhecimento de sua própria legitimidade, como tal, bem como tem negada a sua dignidade. Entre os seres humanos, sabemos até aqui, através da história das teorias e sistemas sociais, é que negar as características identitárias dos indivíduos é próprio de sistemas totalitários. Um conviver orientado por relações democráticas pressupõe a presença de indivíduos, bem como o reconhecimento de sua legitimidade e dignidade como tal (MATURANA; PÖRKSEN, 2004, p. 59-60). Como forma de reforçar o que foi escrito acima, vale evidenciar o explicitado por Maturana e Dávila (2009, p. 315 – 316):

O desejo de olhar e tratar as organizações humanas como seres vivos ou organismos surge do desejo de que se dê nelas a harmonia operacional interna que uma pessoa vê no operar de um ser vivo como sistema autopoietico. O que alguém não vê é que a harmonia operacional da dinâmica interna de um sistema autopoietico surge do fato de que as moléculas ou células que o compõe como um ser vivo existem nele como robôs subordinados à sua conservação e não se queixam. Ao contrário, as comunidades ou organizações humanas são compostas de pessoas que são indivíduos que podem reflexionar ou queixar-se por não querer estar aí ou por não ter presença. Se alguém se esquece disso, na busca de teorias que ajudem a realizar essa harmonia interna numa comunidade humana, esse alguém termina sempre, ou quase sempre, gerando uma tirania.

4.4 HUMBERTO MATURANA, FORMAÇÃO DOCENTE E O EDUCAR NO AMAR

A educação necessita de um encontro comum e, em especial, de um espaço de partilhamento de emoções comuns. Exemplo: um espaço educativo em que a emoção comum seja o amor ao outro (BARCELOS, 2016, p. 47).

Para Barcelos e Maders (2016) a educação acontece em um processo de transformação na convivência, onde o aluno(a), junto com o(a) professor(a), e com os demais colegas com quem convive no espaço escolar, se constroem. É no conviver que se processa o SER e o FAZER, se fundem uns aos outros, iminentemente com a emoção e a cada instante, inspiram as ações, comportamentos e condutas.

Assim “o amar ocorre nas condutas relacionais das quais alguém, o outro, a outra ou tudo o mais surge como legítimo outro na convivência com esse alguém” (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 125). Somente o amor é capaz de ampliar a visão na aceitação de si e do outro.

Acima de tudo devemos enfatizar durante o processo educacional, onde nos transformamos espontaneamente, congruentes com a transformação do outro no espaço da vida. Para Maturana, o que nos torna humanos, é nosso viver como “linguajantes”, seres cooperativos e amorosos, com autoconsciência e com consciência social, no respeito a si e aos outros. Um ser autopoiético, onde aprender implica transformar-se em sintonia com a emoção, pois é somente através do amor, embasados na biologia do amar e na biologia do conhecer que aceitamos a legitimidade do outro, que a tarefa educativa deve priorizar a formação do SER, tendo como objetivo principal uma maior atenção ao seu fazer.

O professor(a) não necessita abrir mão da rigorosidade para ser amoroso. Ninguém aprende de verdade, sentindo medo, pois ao ser amoroso, afetivo, existirá cumplicidade entre professor(a) e aluno(a) no processo de ensinar e aprender. A liberdade é essencial no processo de desenvolvimento intelectual do humano, não podemos ter uma educação engessada, que inibe a criatividade, limitando assim o saber, não deixando com que a criança desenvolva suas habilidades como sujeito. Para Freire educar com amorosidade, é proporcionar condições no processo de ensino-aprendizagem, onde os alunos(as) possam ter acesso ao conhecimento, sendo livres para descobrirem o que realmente gostam e tem interesse em aprender, sendo livres para criar, para escolher, descobrindo-se, construindo-se para a vida, assumindo seu papel no mundo através da afetividade e do respeito a si e ao outro.

Enquanto Maturana nos diz que amar é deixar aparecer, indicando que o amor é a emoção fundamental que permite o surgimento do humano em cada um de nós, de forma espontânea, harmônica no viver cotidiano, como borboletas em seu processo de transformação

de forma espontânea e simples, no cotidiano de sua biologia.

Segundo Maturana (2009), nós precisamos viver urgentemente o caminho do Tao, onde podemos estar livres do desapego, da inveja, da cobiça, da agressividade, da opressão, da vaidade, esta seria a possibilidade em viver no e com o bem-estar humano. O caminho do Tao consiste em processos e resultados relacionados ao viver humano. As pessoas se aproximarem deste viver, como uma maneira de viver no desapego.

[...] todas as experiências que vivemos em nosso viver como seres humanos ocorrem no fluir de nosso viver humano como aspectos de nosso viver que distinguimos como o que nos acontece vivendo o viver no conversar que é o viver humano. Portanto, o Tao, ou o Caminho do Tao, ocorre e só pode ocorrer no viver humano como aspecto do viver humano (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 84).

Como seres humanos somos resultado do linguajar conservado de geração em geração, e também o resultado das transformações culturais. Nossas ações cotidianas trazem imbricadas hábitos, crenças, costumes, vestimentas, saberes, credos, conhecimentos, religiões advindas das conservações, das emoções e linguajar pertencentes e presentes as nossas comunidades culturais. “O ser humano não vive só”. Maturana e Dávila (2012, p. 1) destacam que:

Amar nos permite ser vistos, ter presença, ser escutados, enfim, existir como pessoas. É um tipo de comportamento em que não há expectativas e preconceitos – impera a aceitação do outro da forma como ele existe. O que estamos propondo é apenas recuperar em nós [...] O útero é um espaço de boa terra de onde “brotamos” convencidos de que o mundo nos receberá e cuidará de nós com ternura e respeito. Se assim for, conseguimos conservar a configuração emocional própria de seres amorosos. Entretanto, o nosso estilo de vida pode nos conduzir a um processo de autodepreciação, uma armadilha criada pelos padrões da cultura contemporânea. Para rebater esse mal-estar consigo mesmo, um drible são as conversas reflexivas – um exercício de autoconhecimento em que revelamos o que vivemos e como vivemos. Refletir não é pensar, mas agir de modo a perceber o sentido da própria existência e realizar nossa natureza amorosa.

Observando a vivência de algumas crianças que se modificam em seres, aos quais chamamos antissociais, descobrimos que, em algum momento de sua trajetória ouve a negação do amar, a negação de sua identidade, a carência de respeito e a negação de seu ser como pessoa. Maturana (2016) nos convida a refletir sobre nossas ações e gestos referente às crianças, especialmente, diante das relações professor(a)-aluno(a). Logo,

Não traíam as crianças! Não prometa acolhê-las quando os vai desconsiderá-las. Não prometa que vai levá-las para brincar quando vai ordená-las que se sentem e fiquem quietas. Porque o que um professor faz, às vezes, sem se dar conta, é traír as crianças em função do que ele quer que elas façam. Por um lado as acolhe, mas na realidade as distingue. As crianças sabem exatamente quando alguém promete algo e não cumpre, e vivem isso como uma traição. Isso gera dor e produz sentimentos, por que é uma negação de nossa condição amorosa (MATURANA, 2016, p 1).

Nas reflexões de Maturana (2016) não devemos castigar as crianças, procuremos não corrigir suas ações, não as desvalorizemos em função do que não sabem. Respeitemos seu saber, guiando-as na direção de saber – conhecer – que tenha coerência com seu mundo cotidiano, convidando-as a olhar seu fazer, sem competir. Ao chegar na escola a criança traz consigo uma grande e complexa experiência de vida, uma história individual e singular na construção, carregada de conhecimentos, sensibilidades, valores, julgamentos, esta formação provém das inter-relações com o mundo externo.

Enfim, a criança que chega até nós, vem familiarizada com uma diversidade enorme de opiniões, referente a assuntos variados, imagens de violências, anseios, desejos, além das influências positivas e negativas advindas do meio externo e de seu contexto escolar. Para que a aprendizagem aconteça, em qualquer ambiente escolar, esta deve vir do compartilhamento de atitudes, ações, expectativas, amorosidade e respeito. O autor ressalta que:

Na verdade, eu afirmo que a resposta implícita ou explícita que cada um de nós dá à questão da realidade determina como ele ou ela vive sua vida, assim como sua aceitação ou rejeição de outros seres humanos na rede de sistemas sociais e não-sociais que ele ou ela integra. E, finalmente, desde que nós sabemos pela vida diária que o observador é um sistema vivo porque sua competência cognitiva é alterada se sua biologia é alterada, eu afirmo que não é possível ter uma compreensão adequada dos fenômenos sociais e não-sociais na vida humana se essa questão não é propriamente respondida, e que esta questão pode ser propriamente respondida somente se o observar e a cognição forem explicados como fenômenos biológicos gerados através da operação do observador como um ser humano (MATURANA, 1988, p. 25).

Bem-estar para Maturana e Dávila ocorre quando estamos no centro de nós mesmos na trílice harmonia íntima, relacional e ecológica, ou seja, eu estar bem comigo mesmo, com o outro e com o ambiente que vivo e convivo.

5 ADUBANDO JARDIM, PARA QUE NASÇAM FLORES E SE POSSA RECEBER AS BORBOLETAS

5.1 CONHECENDO AS PROPOSIÇÕES DE HUMBERTO MATURANA

Antes eu falava de amor, biologia do amor, mas, como Ximena Dávila me fez notar no curso de conversações, ao falar de amor se obscurece o fato de que o que efetivamente opera no conviver é a dinâmica do amar, não o amor como um ente abstrato; agora falo da biologia do Amar. A Biologia do Amar constitui o fenômeno do bem-estar no viver e conviver como dinâmica relacional no fato de que amar consiste nas condutas relacionais através das quais o outro, a outra, o próprio ou o outro surge como legítimo outro na convivência com a gente, e é o fundamento do respeito mútuo (MATURANA, 2009, p. 171).

Ao longo de nossa vida passamos por diferentes processos de aprendizagem, especialmente durante nossa escolarização, e é nesse momento que se dá a necessidade da compreensão sobre as relações humanas através da amorosidade. É somente assim que, segundo Maturana (2001), iremos contribuir para o processo de desenvolvimento dos seres humanos.

Maturana (2001), em sua simplicidade, nos faz um convite e um chamado as nossas escolas e a políticas públicas para pensar essas relações humanas como um reencontro na diversidade do linguajar e do emocionar. Maturana, em 1970 criou e aprimorou o significado de Autopoiese, que vem do Grego: “auto” (para si mesmo) e “poiesis” (criação).

Segundo essa proposição todo e qualquer ser vivo é um sistema fechado que esta continuamente criando a si mesmo, e, portanto, se recriando, cuidando da própria manutenção e se transformando. Essa proposição explica a organização e o funcionamento de um organismo vivo. Portanto, Maturana define o ser vivo como um sistema autônomo capaz de se autoconstruir e, assim, auto preservar-se.

A estrutura de um sistema é plástico. As mudanças em sua estrutura, ao acontecerem, partem de sua própria dinâmica interna, a qual, ao interagir recursivamente com os sistemas no meio em que vive, sofre uma transformação, sendo novamente reorganizada para manter-se. Para Maturana o meio é o domínio operacional no qual existe e se desenvolve um sistema vivo.

Em nossa cultura e história, diversas vezes buscamos observar o social sem legitimar o indivíduo, e, outras vezes, legitima-se o indivíduo sem pensar no social, ocasionando situações de negação mútua, descuidando da dinâmica da independência que constitui o espaço de conduta do indivíduo uma dinâmica circular de complementariedade.

A existência do ser humano se dará, de fato, no meio em que está inserido se for de maneira responsável, notando que suas ações tem implicações diferentes, porém, significativas e diretas no contexto em que convive. Para Maturana (2001), sentir-se como indivíduo

socialmente responsável é um “momento comovente e libertador”, pois mostra significado e importância dos afazeres e dá sentido ao viver.

É preciso uma atividade em que prática em que se incite - pela criação de espaços de convivência - o indivíduo desde a infância a viver na responsabilidade e na reflexão de seu fazer, educando no respeito por si mesmo e pelo outro, respeitando-se e respeitando a nós mesmos na convivência com o outro. O autor a partir dessa proposição passou a refletir sobre o papel da biologia na constituição do ser vivo e sobre sua história ontogênica. Na visão de Maturana e Dávila (2009, p. 226), o amar é um acontecer biológico que surge de maneira espontânea, sem esforço. Ele é unidirecional e isento de expectativas, de metas a alcançar e de trocas compensatórias. “No amar uma pessoa, o outro, a outra, têm presença, vive-se o ser visto [...] no amar nos achamos no bem-estar psíquico e corporal, o que produz alegria e harmonia no viver e conviver.” Maturana (1998, p. 67) destaca:

O amor não é um fenômeno biológico eventual nem especial, é um fenômeno biológico cotidiano. Mais do que isto, o amor é um fenômeno biológico tão básico e cotidiano no humano, que frequentemente o negamos culturalmente criando limites na legitimidade da convivência, em função de outras emoções (MATURANA, 1998, p. 67).

Sendo o amor um fundamento biológico do humano, pois é “a emoção que funda o social como emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como um legítimo outro na convivência é o amor”(Maturana, 1998, p. 26). O amor para este autor não é um tipo de valor a ser idolatrado, mas sim cultivado como uma atitude epistemológica para a construção de uma aprendizagem que favoreça a cooperação que acontece na aceitação recíproca, do outro(a) como legítimo outro(a). Maturana (1997) nos diz que o ser e o fazer de um sistema vivo são inseparáveis, diante da autopoietica, a biologia do amar e a biologia do conhecer auxiliam como espaço para refletir sobre o viver em qualquer lugar. Ele entende a existência como um entrelaçamento permanente entre o biológico, o social e o cultural. Portanto, refere-se ao ser humano como um ser autoprodutor, que não foi criado para receber informações passivamente. Para Maturana (1997, p. 184):

O amor consiste na abertura de um espaço de existência para o outro em coexistência conosco, em um domínio particular de interações. Como tal o amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea e não tem justificação racional: o amor acontece, e permanece enquanto permanece.

A partir de leituras, estudos e escutas, reflito, analiso sobre o entendimento dos variados questionamentos que envolvem o educar, o formar, a formação, a educação e a vida, relacionados ao meu fazer, viver, conviver e ser. Sendo o amor a emoção que orienta nossas

ações – em outras palavras – está em nossos atos, na aceitação, no acolhimento, no cuidar, no preocupar-se com o outro, no amparar.

A biologia do conhecer e a biologia do amar aparecem em conjunto com o entendimento do operar, do observar e do observador, que surge quando o observador pergunta a ele mesmo como ele atua no observar. “Tudo o que é dito por um observador (ser humano) o outro observador que pode ser ele ou ela mesma” (MATURANA, 2014, p. 61). Este observador motiva sua existência no linguajar e opera no observar humano.

Assim tudo o que nasce no viver e no operar do observador, no observar, resulta do viver e do conviver em redes de conversações, e os humanos e na amorosidade reflexiva e recursiva com relação ao seu próprio fazer. Os princípios de ser humano apresentam-se precisamente na reflexão de si próprio, onde o conhecimento se faz presente o tempo todo no conviver das redes de coordenações recursivas, na cultura, na linguagem e no próprio ser.

[...] traz à mão um habitar em que o amar (como emoção constitutiva de reflexionar) é a emoção que guia seu viver e conviver como o âmbito em que surgirão tanto suas distinções cotidianas do viver como sua própria consciência e suas ações efetivas nos diferentes âmbitos do viver que vive, tendo como resultado um âmbito de coerências operacionais com as circunstâncias que se vivem que, ao ser componente e participante das coerências estruturais da biosfera, da cultura ou do cosmos a que se pertence, gera um habitar numa antroposfera que faz possível a sabedoria como um modo de conviver em harmonia com o presente sistêmico a que se pertence (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 122).

Assim, deduz-se uma proposta reflexiva, um modo de fazer esse conhecimento e pensar a epistemologia. Nasce uma nova ontologia do conhecer, ao relacionar a origem das coisas e organizar definições a partir da biologia, e de estudos pautados ao operar dos seres vivos. Para Maturana e Dávila (2009, p. 126): “[...] em nosso viver como observadores *Homo sapiens-amans amans* denotamos ao falar de amar é o domínio das condutas relacionais de um ser vivo através das quais ele mesmo, ou qualquer outro, surge como legítimo outro na convivência com ele ou ela”.

Conviver, portanto, sem preconceitos, sem cobranças, sem exigências, sem expectativas de deturpação da convivência e sem opiniões que trazem cegueira e ilusões de negação de si próprio e do outro. O *Homo sapiens-amans amans*, constitui-se a partir do viver e conviver humano através do conversar. Nasceu com a família ancestral e perpassa em cada geração o amar como fundamento emocional de toda a existência humana.

Em nosso dia-a-dia, as experiências no amar referem-se à “aceitação do outro ou de algo como um legítimo outro na convivência”, e, isso permite-nos ser o que somos sem exigências (MATURANA, 2002, p. 67). Significa que aquilo que as crianças aprendem sobre as pessoas

também muda, é dinâmico e elas não se limitam a aprender somente sobre os outros, elas aprendem sobre si próprias desde que nascem, interligando os sentimentos sobre si aos dos outros e vice-versa. Esta aprendizagem impulsiona-as a compreender como podem ajudar a mudar o que e como fazemos. Esta teia vai constituindo significativamente uma

[...] história unificada e coerente das suas experiências [...] Esta notável capacidade para encontrar a verdade, por sua vez, depende da capacidade para imaginar e amar. [...] E um princípio fundamental desse tipo de aprendizagem é que mesmo as possibilidades improváveis se poderão revelar verdadeiras. [...] Devido a amarmos os bebês, eles podem aprender. [...] Se a imaginação ajuda as crianças a descobrirem as verdades sobre as coisas do mundo com o qual dialogam, encontrar a verdade também aumenta o seu poder de imaginação (MATURANA, 2002, p. 331).

Destacam o viver como algo essencial para a espécie *homo sapiens-amans amans*. Afirmam que o viver de um ser vivo é, em cada instante, o presente cambiante de um devir histórico de transformações estruturais, nas quais se conservam o ser vivo e o meio em um fluir de interações recursivas em acoplamento estrutural.

Nosso mundo foi sempre amigavelmente acolhedor. Se não o fosse, nossa história como seres humanos, não teria existido. Os seres vivos – humanos – só sobrevivem em um espaço que os acolha, que os proteja, no contrário, tornam-se negativos e agressivos e não resistem. Apesar de vivermos um momento onde geralmente negamos o amor, nós só existimos devido essa emoção persistir em nossos vínculos na vida em sociedade

Assim o amar é a única emoção que amplia o olhar e expande o ver, o ouvir, o tocar, o sentir e faz isto porque é o único olhar que não antepõe um preconceito, uma expectativa, uma exigência ou um desejo como guia do ouvir e do olhar na conduta relacional que se vive (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 171).

A biologia do amar é o fundante biológico onde cada ser vivo, move-se no prazer de estar onde se está, na confiança de ser acolhido pelos outros seres vivos. Em especial nós seres humanos, esta relação é única entre a mãe e o bebê, ou com o pai, bem como em seu seio familiar. Isso permitirá crescer como criança para que seja um adulto que respeita a si mesmo. Amar é uma atitude em que se aceita o outro de forma incondicional e não se exige ou espera-se nada como recompensa. Amar implica preocupar-se com o bem-estar do outro e do meio ambiente. Nas palavras de Maturana e Verden-Zoller (2004, p. 20): “A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba”. Portanto, a escola precisa criar espaços de aprendizagem que facilitem e incentivem o crescimento das crianças para o respeito a si e ao outro.

A dinâmica dessa relação é a biologia do amar e compreender a Biologia do Amar é entender essa relação nas singularidades do viver de cada classe de ser vivo e de cada ser vivo particular. Por isso, o que olha da Biologia do Amar olha desde um olhar sem preconceitos nem expectativas e vê a trama relacional própria do viver do ser vivo que contempla; e a vê em suas dimensões de bem-estar e de mal-estar e pode escolher desde a ampliação do ver do amar o caminho que quer seguir na relação. Pois o caminho que leva ao entendimento profundo de qualquer âmbito do viver humano seja o Caminho do Amar na ampliação do olhar que o amar desde si implica (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 186).

5.2 O AMAR E O CONHECER NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

Não apresse o rio, ele corre sozinho (BARRY STEVENS, 1978, p. 1).

Cada criança tem seu tempo, precisamos amá-las como são, aceitando-as, deixando que cada uma cresça livre e feliz, vivendo o presente com essa criança com amorosidade e respeito. As crianças são como as crisálidas: elas sabem o que precisam, o que fazer e como se alimentar. Ser criança – sujeito da educação - etimologicamente significa alimentar-se.

Para Maturana (1997, p. 78): “Amar não é substantivo, é um verbo, uma dinâmica relacional espontânea. Tarta-se, portanto, de um fenômeno biológico e inevitável em nossa constituição humana e se refere na aceitação do outro como tal”.

O amor, para Maturana (1997), é o princípio da socialização dos seres vivos, em especial os humanos, e em qualquer que seja a circunstância de um ato que inviabilize o amor, destruiria essa socialização. O amor é, portanto, a fonte da socialização humana e não o resultado dela. O que Maturana nos diz, está intimamente ligado a aceitação, o acolhimento da criança no ambiente escolar, cada sentimento, seja de recusa, falta de empatia, ou de amorosidade e respeito, é sentido pela criança que recebemos.

Como nos afirma Maturana e Dávila (2009, p. 84-86):

O amar é visionário, pois ocorre na ampliação do ver (do ouvir, do sentir, do cheirar, do tocar) próprio do espaço das condutas relacionais que ocorrem sem preceitos, sem expectativas, sem generosidade, sem ambição. O amor não quer nem busca as consequências do amar. O amar não é bom nem mau, simplesmente é o viver no bem-estar trazido pelo viver sem sofrimento que traz o apego ao valor ou sentido que se vê no perdido ou no que se pode perder.

É por meio do amar que estabelecemos relações sociais, que nos construímos como seres humanos e o professor(a) pode pelo caminho do amar ao outro(a) estabelecer mundos de aprendizagens e convivência. Sendo assim podemos dizer que o mundo nos toca e nós tocamos o mundo a cada momento presente.

Quando falamos em Educação Infantil e Anos Iniciais e sua relação com o amar e o

conhecer, os professores(as) precisam entender que emoções e linguajar se entrelaçam, quer dizer, se completam continuamente e mutuamente na convivência em sala de aula. Nossa existência humana parte do emocional e realiza o racional através da linguagem, das interações com o outro. Assim, é imprescindível que o professor(a), através da linguagem, saiba guiar o emocional do aluno(a) para a reflexão e para o conviver. É pelo caminho da linguagem ou da conversação, que o professor(a) abre caminhos para a reflexão, onde seu aluno(a) possa ser respeitado como legítimo outro e não se sinta negado, pois,

Na proposição de Humberto Maturana, não é adequado dizermos que as crianças são o futuro de uma sociedade, de uma nação. Para o autor, nós, os adultos de hoje, é que somos o futuro de qualquer nação. A justificativa para isto, segundo Humberto Maturana, é simples: as crianças do futuro serão adultos e adultas muito parecidos conosco, os adultos de hoje, ou seja: serão muito parecidas com os adultos com os quais conviveram quando crianças. Para Maturana e Dávila(2004), as crianças aprendem a ser adultos convivendo com os adultos de hoje (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 78).

A educação portanto, é um processo que acontece em nosso viver biológico e cultural, sendo assim, a educação precisa levar em conta o diálogo, o respeito a si mesmo, a legitimidade de cada criança, o respeito pelo outro na convivência diária. A criança que chega até nós, traz consigo suas vivências, pois veem de uma comunidade humana na qual está inserida e num contexto histórico cultural. Compreende-se assim a educação, como ação humana, como um processo biológico e cultural.

Pode-se dizer que para Maturana e Nisis (2001, p. 81): “A educação é um processo fundamental: por isso que a educação é um processo de transformação na convivência, e aquilo que é humano, o ser humano, se conservará ou se perderá durante o desenvolvimento da história através da educação”.

A cultura sem ser separada de nossa natureza biológica, o que poderia valorizar mais cada sujeito, de que conteúdos, e promover de fato, a reflexão, a aceitação do outro e a cooperação, como uma caminho de transformação social. Pais/mães, professores(as), devemos entender a formação humana - ou deveríamos entender – como experiências e reflexões que nos façam voltar a nossa matriz biológico-cultural na qual existimos, permitindo que aceitemos o outro como legítimo outro em nossa convivência.

O aprender se dá de uma maneira ou de outra na transformação que tem lugar na convivência e consiste viver o mundo que surge com o outro, as condições para a convivência começam na aceitação mútua da relação materno-infantil, logo se expandindo para a aceitação das condições de existência na comunidade social a qual pertence (MATURANA, 1997, p. 255).

Em suma, tanto o amar quanto o conhecer devem estar voltados ao presente, o fazer, o

conversar, o respeitar, o aceitar, a ética, a democracia, o conviver, naquele momento – presente - em que estão juntos, especialmente em dois momentos considerados fundamentais – educação infantil e anos iniciais.

5.3 APRENDIZAGEM COM AMOROSIDADE

Poema: A Escola é

... o lugar que se faz amigos.
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,
 Programas, horários, conceitos...
 Escola é sobretudo, gente
 Gente que trabalha, que estuda
 Que alegre, se conhece, se estima.
 O Diretor é gente,
 O coordenador é gente,
 O professor é gente,
 O aluno é gente,
 Cada funcionário é gente.
 E a escola será cada vez melhor
 Na medida em que cada um se comporte
 Como colega, amigo, irmão.
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
 Nada de conviver com as pessoas e depois,
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.
 Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
 É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
 É conviver, é se “amarrar nela”!
 Ora é lógico...
 Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,
 Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
 É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.
 (FREIRE, 2003)

Nossa constituição humana tem início nas emoções. Os seres humanos são movidos por sentimentos que se entrecruzam com a razão, todavia, o que prevalece são as emoções. O professor(a) precisa saber que as crianças aprendem juntamente com o emocionar, seja concordando ou não. Ora, se entendermos as palavras de Maturana com relação ao amor, torna-se fácil perceber que amorosidade e comunicação estão imbricadas, andam sempre juntas. Para ele, o homem constitui-se via relação e linguagem, cuja compreensão dá-se no entrelaçamento do emocional e racional.

Deduz-se assim que o amor, elemento essencial da constituição humana, fundamenta o sujeito e ao mesmo tempo o fenômeno da socialização. Assim sendo, é a emoção que dá possibilidade ao surgimento da linguagem. Na linguagem existimos e damos sentido à nossa existência. Nela e através dela que, para Maturana (2008), se tornou possível a evolução humana a partir de nossos ancestrais primatas. O caminho aqui dito, como a aceitação do outro

a partir do respeito e dignidade de ambos, o que só pode acontecer entre pessoas que queiram conversar no respeito e na aceitação mútua, ou seja, no deixar aparecer (MATURANA; DÁVILA, 2019, p. 56).

Nós, adultos ignoramos que nossas crianças não aguardam resultados futuros para aquilo que realizam, pois elas vivem imensamente o momento presente. Nesta mesma medida, a participação das crianças no processo de tomada de decisões diárias em nossa prática diária é anulado, devido os adultos já terem decidido tudo que acontece no dia-a-dia da escola. Na educação, o que deve importar é aprendermos a construir, brincar e se movimentar juntos, o que não acontece na maioria das escola ou salas de aula. Aprender tem sinônimo: significa aprender com números e letras, apenas. Desenhar, pintar, saltar, colher flores, rolar pelo chão, olhar o céu, dar gargalhadas e até chorar... nada disso tem importância:

As pessoas crescidas aconselharam-me a pôr de parte os desenhos de jibóias, abertas ou fechadas, e dedicar-me antes à geografia, a história, a aritmética e a gramática. Foi assim que, aos seis anos, abandonei uma brilhante carreira de pintor. [...] As pessoas crescidas gostam de números. Quando se lhes fala de um novo amigo, nunca perguntam o essencial. Nunca dizem: Como é a voz dele? Quais são seus jogos preferidos? Será que coleciona borboletas? » Em vez disso perguntam: «Quantos anos tem? Quantos irmãos tem? Quanto pesa? Quanto ganha o pai dele? Só assim julgam conhecê-lo. Se disserem a às pessoas crescidas: Vi uma casa muito bonita de tijolos cor-de-rosa, com gerânios nas janelas e pombas no telhado...elas não conseguem imaginar a casa. É preciso dizer-lhes: vi uma casa de quinhentos mil euros ». E, então, exclamam: «Mas que linda casa!» [...] As crianças devem ser muito benevolentes com as pessoas crescidas. Mas, claro, nós que entendemos a vida, não ligamos nada a números! (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 10-23).

Direcionadas pelos adultos, as etapas na vida das crianças são marcadas por fortes e penosos momentos de perturbações, quer sejam bons ou ruins, mas na maioria das vezes são difíceis e traumáticos, é na infância, portanto, que devemos perceber que para as crianças esse viver não é um mar de rosas e acaba por ser doloroso. Nós adultos ignoramos que o mundo das crianças não é circular, nem reto, mas algo fantástico, impetuoso, desafiador.

A medida que estes adultos, tentam interferir, controlar ou regular seguidamente a vida das crianças, substituindo a brincadeira livre por muitas atividades, os adultos finalizam por encher com coisas sem necessidade e estreitam a autopoiese tão importante para nossas pequenas crisálidas. Todas as crianças são sujeitos de sua própria existência, ser criança é viver intensamente o presente, brincando livremente. Sendo autores, sujeitos e atores de sua própria identidade, atuando, participando, pensando, criando, não de excluídas, social, cultural e politicamente. O interessante é a criança constituir-se como criança para a infância e não para o adulto.

Para Maturana (2004), o professor deve estimular a biologia do amor, visando o desenvolvimento da cooperação durante o processo de ensino e aprendizagem. Requer então, estimular o respeito mútuo, criando espaços de ação para o exercício das habilidades a serem desenvolvidas, dando suporte na realização das tarefas educacionais. Assim, deixamos que os alunos tenham liberdade e segurança em expor as próprias capacidades, pois todos os seres humanos são igualmente inteligentes e capazes de aprender. Nessa perspectiva, o professor(a) constituem-se como peças fundamentais para a capacitação dos alunos(as), vivendo sua tarefa de educar, dando sentido ao aprender e ao que se aprende.

Na educação, desse modo, o amar é essencial para que aqueles que participam do processo possam aprender, num contexto que envolva respeito, colaboração, cooperação, compreensão. Para Freire (1996, p. 29): “Não há educação sem amor. [...] Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo. Não respeita”. Portanto ensinar e aprender trás consigo otimismo e esperança: “A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos e produzir [...] (FREIRE, 1996, p.80)”.

Professores(as) e alunos(as), ao reconsiderarem o seu saber, abrem espaço para aprenderem juntos, mas é o professor o mediador na construção de um cenário que os levem para o conhecimento e aos valores sociais para a (boa) convivência no respeito¹⁴ e na aceitação mútua.

O grande desafio para a educação é a compreensão acerca da importância de desenvolver o diálogo, a confiança, o respeito e a cooperação tão necessária na escola e mostrar aos sujeitos a importância da interação e da colaboração no processo de ensinar e aprender. Além do mais, concordamos com Maturana e Rezepka: “ a educação é um processo de transformação que acontece na convivência no qual as crianças se transformam em seu viver de maneira coerente com o viver do professor”. As discussões e reflexões que procuramos fazer foram no sentido de considerar a amorosidade e a alegria como princípios que possam estar articulados nas estratégias pedagógicas para construir um espaço escolar mais interessante. Mas, para isso, é necessário a dinamicidade dada pelos sujeitos envolvidos neste processo educativo. Como nos conta a história abaixo:

Certa vez, um ambientalista estava desenvolvendo um trabalho de campo e observou uma linda borboleta. Achou-a tão exótica que a seguiu até seu pouso numa árvore. Parou muito próximo da espécie lepidóptera e falou: _ Ó borboleta, o que fazes aí? Obviamente, que a borboleta não o respondeu e ainda sentiu-se intimidada. Levantou vôo, mas no local de seu pouso ficaram alguns pontinhos coloridos – os ovos. O

¹⁴ A expressão Respeito é aqui tomada não como a decorrência de uma imposição de autoridade, mas, sim, como um reconhecimento, como uma celebração ao outro. Uma forma de deixar o outro aparecer (BARCELOS, 2021).

ambientalista sentou na frente dos ovos e por ali ficou. Caiu a noite, amanheceu, veio a chuva e ali estava o ambientalista, observando... até que de repente, os ovos eclodiram e surgiram no lugar muitas lagartas. As lagartas evoraram o que existia em seu meio, corroeram as folhas e o tronco com voracidade. E o ambientalista permanecia observando.

Num outro momento as lagartas empuparam, esconderam-se dentro das crisálidas, fechadas em si mesmas. Não destruíam, não se agitavam, o silêncio era espantoso. Após alguns dias, romperam-se as crisálidas e delas saíram lindas borboletas, lagartas irreconhecíveis por suas asas e cores, mas iguaizinhas a primeira borboleta seguida pelo ambientalista. O observador, feliz porque poderia ter novamente uma chance de conversar com a linda lepidóptera. Correu para junto de uma e disse: Agora você não escapa. Dize-me: ó borboleta o que fazes aí?

A borboleta resolveu aquietar o coração daquele que dedicou muito tempo a lhe observar e respondeu: Durante grande parte de minha vida (lagarta) passei degradando o meio no qual vivi. De repente caí em mim e mergulhei em profunda reflexão (pupa). Agora que criei asas (adulta), só quero sugar o néctar dos deuses e plantar a vida”.

Após ouvir a sábia borboleta, o ambientalista, voltou a si próprio e passou a ressignificar sua prática. Pode-se estender essa reflexão à trajetória da humanidade no planeta Terra. Durante algum tempo, guiados pelo “desenvolvimento a qualquer custo”, principalmente na “modernidade”, muitos seres humanos revelaram seu estágio larvário – viveram como lagartas, degradando e destruindo seu meio com voracidade. Porém, acredita-se que isso foi uma etapa da evolução da espécie. (Autor desconhecido).

Neste sentido educar e aprender, vem ser a crisálida, a capa protetora que nos possibilita refletir como seres humanos para reconduzir nossas ações e interações com o meio e com os demais seres humanos. Após longas conversas sobre o educar e o amar, agora entendemos que há a possibilidade para que ela seja rompida. Que os seres humanos criam asas, e que estas os conduzam para um momento novo, momento de contruir novos fazeres pedagógicos. A prática gerada nesse processo conduz o olhar para dentro de si, para o outro e para o mundo que vivemos, redirecionando o processo pedagógico, social e biológico-cultural.

5.4 CONTRIBUIÇÕES DA BIOLOGIA DO AMAR E CONHECER PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM

Pois é: ela aprendeu a falar. E ao falar aprendeu a brincar com as palavras. E ao aprender a brincar com as palavras, ela aprendeu a brincar com coisas que não existem. E ao aprender a brincar com coisas que não existem aprendeu a pensar! (ALVES, 1994, p. 65).

O desejável é que nossas crianças possam germinar e respirar por si só, para poderem habitar o mundo – espeços escolares – como borboletas esvoaçantes, como legítimas tanto na educação infantil como nos anos iniciais, como se a escola se tornasse território fértil, capaz de cultivar borboletas curiosas que poderão fomentar outras vidas através do compartilhamento do pólen por incontáveis florescências pelo mundo afora. Que a alegria das crianças possa contagiar o mundo, ou pelo menos a escola, com a magia e este é o pólen que contagiara o mundo, pelas patas dessas pequenas borboletas, tornando o mundo um lugar melhor, semeando amor.

As borboletas são insetos fascinantes, com cores e formas diferenciadas, tem hábitos noturno, são frágeis, delicadas. É um ser vivo que encanta por sua capacidade de transformar-se, por esse motivo é símbolo de novos começos. Ao voarem, parecem brincar por entre flores dos jardins. Trazendo com elas sensações de mudança, de troca, de novas descobertas.

Assim como borboletas, de maneira metafórica, são nossas crianças, que estão no mundo, em busca de amor, respeito, ensinamentos, aceitação, acolhimento, e cabe a nós tanto pais, como professores(as) vivenciá-los na biologia do AMAR, um amor que respeita, escuta, um amor construído no linguajar, no conviver com os outros. E é na escola, com seus espaços, que se forma um imenso jardim, onde cada um está em diferente estágio da metamorfose, algumas ainda são belas lagartas, outras são pupas, crisálidas, mas, algumas já são belas e pequeninas borboletas, procurando, buscando pelo néctar do aprender.

Um ambiente onde o que predomina é uma completa sincronia¹⁵. Sincronia, essa, que não é percebida quando olhamos como observadores (as) de um momento presente que está sempre em permanente mudança (BARCELOS, 2021).

Nesse ambiente, Freire (1996, p. 9-10) enfatiza:

[...] necessária porque, gerando-se numa alegria maior – a alegria de viver, a alegria na escola fortalece e estimula a alegria de viver [...] é necessária ainda porque viver plenamente a alegria na escola significa mudar para incrementar, melhorar e aprofundar a mudança.

É nesse voar como borboleta, que almejo uma educação onde as crianças possam voar com liberdade, em espaços onde serão acolhidas, alegres, amadas e vibrantes. Que na educação infantil e nos anos iniciais elas possam voar pela ludicidade, possam correr, saltar, brincar, criar, girar, aprender e ensinar. Que sejam ensinadas no presente, e vivam esse presente a partir da Biologia do amar e da Biologia do conhecer de Maturana.

Maturana afirma: “Como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo que vivemos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivemos no conviver” (MATURANA, 1999, p. 30), ou seja, no cotidiano de nossos vínculos no presente, e especialmente, no momento em que as ações que chamamos ou de aprendizagem estão acontecendo. Nesta mesma linha de compreensão é que:

É a formação das crianças durante o seu crescimento que determina o caminho da história humana, mas as crianças formam-se em sua convivência com os adultos e outras crianças e, na sua vez, serão adultos de uma classe ou outra, segundo forem os adultos e crianças com quem conviveram em sua infância e juventude. É por isso que

¹⁵ Maturana (2019) essa sincronia é algo do campo do natural no viver de nossa espécie. Para Maturana a sincronia é fundamental para a coexistência dos seres vivos em geral e de nós humanos em especial. A sincronia é algo que se faz corriqueira em/no fluir do nosso viver. A sincronia é o fundamento mesmo da coexistência.

a educação é um processo de transformação na convivência, e o humano, o ser humano, conservar-se-á ou se perderá no devir da história através da educação (MATURANA; REZEPKA, 2000, p. 81).

Nesso contexto, educar exige responsabilidade de quem o faz, que a socialização e o amar, precisam estar presentes no espaço escolar, para que possamos estar em uma sociedade que nos acolha e aceite. A socialização de cada ser vivo, em relação aos outros seres vivos, ou ao meio ao qual está inserido, ocorre durante seu processo de ser, entre o entrelaçamento do linguajar com o emocionar. Assim, “se a vida é um processo de conhecimento, os seres vivos constroem esse conhecimento não a partir de uma atitude passiva e sim pela interação” (MATURANA, 2002, p. 12). Sendo assim, as interações, as permutas são fundamentais para o desenvolvimento dos seres humanos, permitindo que os mesmos vivenciem suas divergências ideias e a diversidade tão presente em nosso dia-a-dia.

Como cultura passamos a entender certa maneira de conversar, que torna-se recursivo e consensual transmitindo-se como um valor operacional de geração para geração, configurando-se como uma rede de conversações, pois é importante ressaltar que:

- Não somos o que pensamos;
- Não somos o que falamos;
- Não somos o que dizemos que somos;
- Não somos o que dizemos que fazemos;
- Não somos aquilo que os outros dizem que pensamos;
- Não somos aquilo que os outros dizem que dizemos;
- Não somos o que os outros dizem que somos;
- Somos aquilo que FAZEMOS em nosso viver cotidiano (BARCELOS, 2016, p. 54).

Nas palavras de Barcelos, somos portanto o resultado daquilo que fazemos no fluir de nosso viver cotidiano. O autor vai além:

Quero continuar acreditando que a educação deve ser um processo que traga – ou pelo menos que ajude a trazer – a felicidade e a alegria para as pessoas. Uma das maneiras de ela – a educação – conseguir isto é, não tenho dúvidas, contribuindo para nosso autoconhecimento humano. Ao nos conhecermos melhor estaremos, certamente, conhecendo um pouco melhor, também, o nosso tempo e o mundo em que vivemos (BARCELOS, 2013, p. 128).

Na escola o processo é o mesmo. E ainda, Maturana (1999, p. 32) diz que:

[...] educar é uma coisa muito simples: é configurar um espaço de convivência desejável para o outro de forma que eu e o outro possamos fluir no conviver de uma certa maneira particular. Eu lhes respondo que, quando se consegue que o outro, a criança, o jovem, aceitem o convite à convivência, educar não custa nenhum sacrifício.

O ensinar e o aprender necessitam urgentemente serem gentis e amorosos, devem acontecer de maneira espontânea, sem sofrimento, sem obrigação.

A realidade que conheço é totalmente o contrário disso. Alunos indo para a escola como se estivessem indo para a “força”. A alegria, o burburinho, tão característico de crianças e adolescentes é só antes do sinal tocar. Depois que entram na escola, o silêncio tem que ser absoluto (AZZOLIN, 2019, p. 102).

Nós percebemos desde o nosso nascimento, que somos os seres vivos que mais necessitam aprender para poder sobreviver, mas, também compreendemos que somos os seres que mais aprendem, já a partir da convivência entre mãe e seu filho(a) em total aceitação e confiança. “Uma criança que cresce no respeito por si mesma pode aprender qualquer coisa e adquirir qualquer habilidade se desejar” (MATURANA; REZEPKA, 2000, p. 12). Nesse conviver a criança torna-se humana, a partir da convivência com outros humanos, e desde seu nascimento ela, a “criança aprende o emocionar e a dinâmica relacional que constituirão o espaço relacional em que ela gerará sua vida, isto é: o que fará, ouvirá, tocará, verá, pensará, temerá, desejará ou rechaçará como aspectos de sua vida individual e social” (MATURANA, 2004, p. 12).

Como nos indica Barcelos (2004, p. 22) quando afirma que:

A educação necessita de um encontro comum e, em especial, de um espaço de partilhamento de emoções comuns. Exemplo: um espaço educativo em que a emoção comum seja o amor ao outro.

Maturana (2009) critica a maneira de viver da sociedade contemporânea e dá sugestões de como subvertê-las por meio da educação, reflexão e amor. Em uma entrevista publicada no Jornal comunicação (2009), acontece uma elucidativa conversação, pela sua importância. Vamos a uma parte dela:

Comunicação: Nota-se que, em seus trabalhos anteriores, você destaca bastante a importância da educação.

Maturana: Sem dúvida. Para as próximas gerações e para esta. Porque educação indica gerar um espaço de conhecimento e entendimento do mundo em que vivemos. Um espaço de ações e de conhecimento que permitam guiar o viver de um modo que a dor do mundo possa ser remediada.

Comunicação: Como nós podemos contribuir para auxiliar as próximas gerações nesse sentido?

Maturana: Veja o que estamos fazendo. Por exemplo, vocês fazendo essa entrevista. Querendo ou não, vocês estão opinando. E essa opinião é uma ação. E fará com que as pessoas que leiam essa entrevista tomem conta de que vale a pena refletir sobre isso tudo que eu estou falando. E sobre nossas vidas privadas, podemos conduzi-las dessa mesma maneira, com essa consciência. E principalmente estar atento a nossa responsabilidade reprodutiva. Mas não adianta apenas teorizarmos sobre isso. É preciso agir na prática também. Por exemplo, imagine uma pessoa que fala que quer ter cinco filhos. Isso não é possível. Não por fantasia religiosa, mas porque não é bom para os filhos que essa pessoa tenha tantos filhos nesse momento. E não é bom para todos eles também. A demanda de tudo que precisamos para viver bem cresce muito

mais rápido que a capacidade de reposição do meio. E viver bem não é viver rico, mas viver harmonicamente.

Comunicação: O que é viver harmonicamente?

Maturana: Viver harmonicamente é viver com consciência das coerências do mundo que geramos. De modo que o que fazemos seja gerador de bem estar, e não de dor e sofrimento.

Comunicação: Dentro dessa perspectiva, a democracia é um caminho válido?

Maturana: A democracia é uma obra de arte do conviver. É o modo de conviver baseado no mútuo respeito, colaboração, co-inspiração. Devemos viver com consciência ética, com responsabilidade social e consciência sistêmica do mundo que estamos gerando.

Comunicação: Temos, então, um entendimento restrito de nosso habitar?

Maturana: Sim. Estamos restritos por desejos, ideias, ambição ou teoria. Suponha que existam dois filhos. Um quer ser rico; o outro quer viver bem, em harmonia com o seu entorno. O que quer ser rico orienta todas as ações a acumular riquezas. O outro orienta tudo à coerência sistêmica de sua harmonia de vida. O que quer ser rico gera pobreza inevitavelmente. E gera uma dinâmica muito especial, que gera pobreza pela riqueza.

Comunicação: E como curar essa cegueira sistêmica?

Maturana: Com a educação, com o entendimento. Implica criar um mundo de consciência, reflexão; um entendimento do mundo que se habita. Só que a educação não é para já. Como uma estrela. Porque estudá-la? Porque se conhecemos as estrelas, sabemos como é o universo em que habitamos. Não estudamos a estrela por ser estrela, por ser bonita. Em geral se encontram pessoas que as estudam para aumentar o conhecimento humano, de nosso habitar. Isso pode ajudar no viver. Essa é a esperança.

Comunicação: É possível, no futuro, retornarmos à sociedade Matrízica?

Maturana: Não. Não se pode retornar ao passado. Mas é possível gerar uma nova convivência no que nós chamamos da era pós-pós-moderna, que coloca a ética no centro da sociedade. Devemos reconsiderar nossa compreensão do viver humano e assumir os aspectos éticos decorrentes da consciência de habitar uma cultura patriarcal-matriarcal como a que habitamos a qual é baseada em relações de submissão, medo, controle, poder, dominação e autoridade. Somente sementes reflexivas podem fazer brotar uma nova dinâmica.

Nós seres humanos, precisamos ampliar nosso conversar, para buscarmos experiências novas, pois, como seres humanos devemos entender que só temos o mundo que criamos com os outros, sem essa condição, não há socialização e nem humanidade. Temos de nos libertar de uma cegueira fundamental, de não percebermos que temos apenas o mundo que criamos no conviver com os outros, e, somente o amor irá nos permitir criar um comum em comunhão com os outros seres humanos. Por isso é importante que como professores (as) possamos resgatar esse amar, o aceitar, o respeitar, o ouvir, em nossa prática diária com nosso aluno (a).

6 DE CRISÁLIDA A BORBOLETA – POR JARDINS COM BORBOLETAS ESVOAÇANTES E COLORIDAS: EDUCANDO, AMANDO E BRINCANDO

ASSIM É SER CRIANÇA
 Tudo é brincadeira, travessura
 Nas lentes coloridas da infância
 Da nossa maneira, se aventurar
 O tempo passa, a gente não se cansa
 A vida é um parquinho de diversões
 Nossa alegria é alegrar corações
 Quem vem conosco nessa nova dança?
 Viver feliz assim, é ser criança
 Elas são abelhudas
 Tudo que se vê, elas querem tocar
 Tipo assim, curiosas
 Todos os porquês, elas vão perguntar
 Tudo é brincadeira, travessura
 Nas lentes coloridas da infância
 Da nossa maneira, se aventurar
 O tempo passa, a gente não se cansa
 A vida é um parquinho de diversões
 Nossa alegria é alegrar corações
 Quem vem conosco nessa nova dança?
 Viver feliz assim, é ser criança
 Elas são abelhudas
 Tudo que se vê, elas querem tocar
 Tipo assim, curiosas
 Todos os porquês, elas vão perguntar
 A vida é um parquinho de diversões
 Nossa alegria é alegrar corações
 Quem vem conosco nessa nova dança?
 Viver feliz assim, é ser criança, uh! (MUNDO BITA, 2018)

Quando crianças sonhamos, imaginamos, criamos, transformamos, como na canção acima, cantada por Bitá “assim é ser criança”, que inventa, que faz travessuras, que através da brincadeira expressa desejos, questiona, problematiza e desafia os adultos, estes que precisam urgentemente aceitar fazer parte deste universo das crianças. “A vida é um parquinho de diversões”, as crianças reinventam seu cotidiano, transformam suas realidades através do brincar. No dicionário (AURÉLIO, 2003), brincar: é divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar, ou seja, é brincar no presente, em qualquer momento, e é espontâneo e alegre.

Ao brincar as crianças desenvolvem suas capacidades mais importantes como: atenção, a imitação, a memória, a alegria de conviver, e, mais ainda, a afetividade, motricidade, sociabilidade, criatividade e inteligência. É o aprender brincando. As crianças trazem com elas a necessidade do brincar, tudo para elas é brincadeira. Em nosso Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27):

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas

pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

É a partir do brincar que a criança vai aprender a conviver, adquirir novas experiências, ludicidade, a construir acordos, regras, a cooperar e a colaborar. Assim, criam-se espaços de convivência que irão ampliar o seu relacionar social e a respeitar o outro e a si mesmo. A partir do brincar a criança expressa-se com maior facilidade, a ouvir, respeitar e discordar de certas opiniões, exercendo liderança, e sendo liderados, através da alegria de brincar. Ao brincar livremente as crianças representam as vivências do mundo a sua volta, imitam acontecimentos do dia-a-dia, e reinventam momentos vivenciados através da imaginação. Na Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 39):

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.

O planejamento do professor(a), precisa compreender a importância desse brincar, e como será este brincar, porém muitos de nossos professores(as) nem sequer leram o que nos traz a Base Nacional Comum Curricular, nem ao menos entendem o significado de seus códigos, sem realmente entender a habilidade que está colocando em seu planejamento. Paulo Freire exemplifica que:

A atividade de brincar, jogar, rir com as situações de aprendizagens são instrumentalizadas pelo exercício da reflexão cotidiana sobre a prática. Rimos quando já ganhamos certo distanciamento do objeto em estudo. No envolvimento dos desafios “não tem graça nenhuma”. É na reflexão sistematizada sobre a prática que conquistamos esse distanciamento necessário para vermos nossos erros e acertos, ou de podermos alimentar nosso brincar. Rimos porque a reflexão nos mostra o processo. Processo constituído de avanços e recuos, onde sempre o desafio é crescer, mudar, transformar. É, neste sentido, que a reflexão alimenta nossa capacidade de rir e brincar, pois podemos constatar que estamos a serviço da esperança, da vida. Educador que ri e brinca na construção de sua aula favorece a desmistificação do modelo teórico e sua relação quanto a autoridade. Humaniza-se enquanto modelo na medida em que trabalha seus erros, convidando os outros a rirem deles.

Brincar na educação infantil e anos iniciais é desenvolver-se, é a partir das brincadeiras que a criança se expressa, se transforma, se modifica, através do que vive e sente. É pelo brincar que a criança expressa seus sentimentos espontaneamente.

6.1 CRIANÇAS CRISÁLIDAS BORBOLETAS – O BRINCAR NO PRESENTE

Brincar é toque, é respiração, é coração batendo, é cantar, é dançar, sorrir, fantasiar, viver o momento intensamente (BARCELOS; AZZOLIN, 2020, p. 204).

Devemos reconhecer que movimentar-se e brincar são atividades essenciais à vida das crianças, que buscando liberdade e ações essenciais ao mundo da vida das crianças que, com liberdade e emancipação, autonomia, irão crescer e se desenvolver em um processo parecido com a metamorfose, ou seja, em constante mudanças e transformações durante seu crescimento. A metáfora da crisálida ilustra perfeitamente a vida da criança, onde a magia, o encantamento, a imaginação, fantasia, são concebidas como dimensão lúdica de sua corporeidade, onde brincar significa experimentar, desafiar, fantasiar o mundo ao seu redor. As crianças são como as crisálidas: elas sabem o que precisam, o que fazer e como se alimentar, transformando-se em borboletas curiosas.

Escutar e olhar para este diálogo corpo-sujeito-criança-mundo é infinitamente rico, sobretudo pela sabedoria expressa pelas crianças, nunca prescindindo da poesia, o que se torna instigante e encantador. Para as crianças, o tempo não é linear, é recursivo, interessando-lhes somente o presente, em que vivem com total atenção ao que fazem (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). A autopoiese é um desses segredos (biológicos e espirituais) que guardam alguns seres vivos. Refere-se a propriedade de composição e autocriação, condição do ser vivo de se produzir continuamente a si próprio. É este o sentido da crisálida: a transformação radical e a mudança que caracterizam esse fenómeno denominado metamorfose. Segundo Barcelos e Maders (2016, p. 113) “Brincar é atentar para o presente” [...] a criança adquire sua consciência individual a partir da tomada de consciência corporal. Ao aprender seu próprio corpo e ceitá-lo, a criança aprende consigo mesma no respeito e na aceitação de si. É importante entender que as crianças brincam, num presente, e tanto pais como professores(as) necessitam reaprender esse brincar, sem regras, limitações, cobranças.

Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 231), nos dizem que:

O brincar não é uma preparação para o nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem a sua legitimidade. Nós, adultos, em geral não brincamos, e frequentemente não o fazemos quando afirmamos que brincamos com nossos filhos. Para aprender a brincar, devemos entrar numa situação na qual não podemos senão atentar para o presente.

Em uma crisálida, o que acontece? E o que está crisálida tem a ver com brincar? Crianças são pequenas crisálidas, se você perguntar à elas do que precisam, o que devem fazer e como devem se alimentar, elas saberão exatamente do que precisam para se transformar em

lindas borboletas esvoaçantes, coloridas e curiosas. A infância tem vida própria, e não podemos encerrar as crianças como se ao invés de estarem em uma escola, onde devem crescer livremente, estão em uma prisão. É na infância que devemos alimentar, disseminar o que nossos pequenos precisam para quando crescerem, para que possam descobrir o mundo por si só, livres, criativos, sem a imposição dos adultos e livres de operações fragmentadas dos saberes da escola. É preciso reconhecer que o casulo da infância não é insignificante. O mundo da vida da criança forjado por ela mesma metamorfoseia-se constantemente e, por isso, mostra-se misterioso e complexo. O fazer pedagógico nas escolas, concebe a infância na contramão da metáfora da crisálida porque força as crianças a ser “adultos em miniatura. Então, todo o fazer-saber da criança fica esquadrihado em momentos, etapas, fases e regras a serem cumpridas e vencidas com êxito e, sobretudo, com bom comportamento.

Analisando assim, aprender precisa ter significado, nossas crianças não querem aprender apenas números, letras, apenas, desajam pintar, saltar, desenhar, ler, pular, correr, rir, rolar, olhar alua, as estrelas, o sol, ver flores e talvez até chorar, mas para a escola nada disso tem valor, precisam apenas escrever, ler, pintar e desenhar só o que lhe pedem que seja feito, não aquilo que realmente gostariam de fazer. Não são poucas as vezes, que como professores(as), dizemos aos nossos alunos(as) para parar de desenhar essas bobagens, parem de cantar, é hora de silêncio, dessa maneira, podemos nossas crianças, e talvez algo mais rude, eles desistam de alguns sonhos, pelo que falamos para eles(as).

As crianças nos ensinam algo que sempre soubemos, mas que parece que vamos ‘esquecendo’ à medida que vamos ficando adultos: que brincar é desfrutar do que faz, no momento em que faz: o momento presente (BARCELOS; AZZOLIN, 2020, p. 202).

A criança é o sujeito de sua própria existência: ser criança supõe ser livre e viver intensamente o presente. Ao acelerarmos a infância, onde as crianças mal terminam uma atividade e já devem começar outra, elas não têm tempo para apreciar as coisas, são levadas a pensar rapidamente, para dar conta de todas as tarefas, ou ainda, na maioria das vezes são impedidas de experienciar e viver intensamente o que estão a fazer, gerando nelas preocupação, ansiedade, quando não concluem a atividade no tempo imposto, deixando de viverem o presente e a beleza de cada experiência. Assim, o amar e o brincar, como fundamento do humano, não devem ser esquecidos. Devemos resgatar essa dimensão lúdica para quem sabe tornar nossos professores(as) mais sensíveis ao processo de desenvolver-se de cada criança, unificando sua prática com a teoria estudada.

Às escolas cabe o papel de promover tempos e espaços apropriados para as escutar de

corpo inteiro, considerando respeitosa e os seus desejos e interesses, ao invés de anular a liberdade e esquadrihar os tempos e espaços em rotinas cansativas. Escutá-las de corpo inteiro exige observá-las em todas as suas ações, emoções e sentimentos e em todas as expressões dos seus sentidos, principalmente os gestos corporais que configuram, dão forma e representam a linguagem de brincar e se movimentar.

Só assim a vida das crianças terá sentido e seus saberes e aprendizados serão incorporados ao seu dia-a-dia. Devemos proporcionar para que a criança seja protagonista de sua própria vida, precisamos deixar que elas germinem, aprendam e respirem por si só, para que possam habitar o mundo como borboletas esvoaçantes legítimas, onde a escola seja como um território fértil para cultivar borboletas desafiadoras e curiosas por aprender e que irão fecundar outras vidas através da distribuição do pólen em incontáveis flores pelo mundo afora. A alegria das crianças contagia o mundo com magia e este é o pólen que irá, pelo vento e pelas patas das borboletas, semear e fazer brotar um mundo melhor.

Ao terem liberdade para brincar, as crianças desabrocham como lindas borboletas. Para tal, precisam que as ajudemos nesse caminho, um mundo que para elas é estranho e confuso – o mundo dos adultos – elas necessitam de amor, paciência, cooperação, equilíbrio, ambientes harmoniosos, serem ouvidas, se sentirem importantes, e terem reconhecido seu direito de viver e experimentar o que lhe interessa no presente. Maturana e Verden-Zoller (2004, p. 247) no livro *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*, nos dizem que:

O amor e a brincadeira não são conceitos nem ideias abstratas na história que nos deu origem. São aspectos de uma forma de vida que se manteve, geração após geração, como uma referência operacional em torno da qual mudou todo o resto, no devir evolutivo da linhagem de primatas à qual pertencemos. Ou seja, o amor e a brincadeira eram formas não-reflexivas de modos de ser mamíferos dos primatas bípedes, que foram nossos ancestrais pré-humanos: simples costumes e maneiras de relacionamento mamífero, cuja conservação como aspectos centrais de seu modo de viver tornou possível a origem da linguagem.

As crianças, não tem vergonha de espessarem suas insatisfações diante dos adultos, quando contrariadas choram, gritam, choram quando não desejam comer, quando cansadas, e nós adultos muitas vezes entendemos essas situações como algo indesejável.

Aprendemos com os outros. Na interação, no contato, no toque, no olhar. Assim, para se educar é necessário criar um espaço de convivência com a criança, onde professor e aluno se aceitem mutuamente, percebendo a legitimidade do outro. Ambos se transformando na convivência. Com isso, a criança aprenderá não como algo externo, mas como um modo de ser no viver. Aprende-se amar, amando. Aprende-se a odiar, odiando. Aprende-se a ser agressivo, sendo tratado com agressividade e assim por diante. Aprendemos fazendo. Na infância aprendemos amar, vivendo as ações que constituem o outro como um outro legítimo (AZZOLIN, 2019, p. 72).

Pais e professores (as) necessitam entender que a biologia do amar, constrói-se na convivência, e é a emoção que dá sentido ao que fazemos. Ao criarmos espaços de convivência com nossas crianças, estaremos nos aceitando mutuamente.

Existem duas emoções [...] que tornam isso possível. São elas: a rejeição e o amor. A rejeição constitui espaço de condutas que negam o outro como legítimo outro na convivência; o amor constitui o espaço de condutas que aceitam o outro como um legítimo outro na convivência. A rejeição e o amor, no entanto, não são opostos, porque a ausência de um não leva ao outro, e ambos tem com seu oposto a indiferença. Rejeição e amor, no entanto, são opostos em suas consequências no âmbito da convivência: a rejeição anega e o amor a constitui (MATURANA, 2002, p. 66).

A experiência da rejeição separa as pessoas; o amor concebe as interações, amplia-as e pode estabilizá-las, porque abre espaço para interações de confiança, coordenações consensuais de condutas que se constituem em linguagem que, para Maturana (2002, p. 67), funda o humano e por isso o amor é fundamental na história da linguagem hominídea a que pertencemos. Na linguagem do livre brincar e se movimentar a ação da criança é passional e, sendo assim, em harmonia e liberdade, a sua experiência é original. Educar para a sensibilidade implica possibilitar à criança perceber o mundo a seu modo, experimentando-o no acontecimento, naquilo que a afeta, naquilo que a cerca e a rodeia, íntima entre corpo-mundo.

A criança está no centro de suas próprias aprendizagens e, assim, deve estar situada no centro de toda a intenção e ação educativa e pedagógica, de modo integral. O lugar das vivências das crianças deve respeitar o modo individual e singular que cada criança tem de apreender e perceber o mundo, as suas coisas e os outros: a criança precisa de repetição, tempo, de imitação, de exercitação da emoção, um eterno *re-acontecer*, em que as vivências vão ganhando contornos de experiências importantes, cada uma ao seu jeito, para que cada uma possa ser realmente o que é.

Na vida cotidiana, a experiência no amor refere-se à aceitar o outro ou algo como legítimo em nosso conviver, somente ele é capaz de permitir de ser o que somos sem exigências. Significa que aquilo que nossas crianças aprendem sobre as pessoas também muda, é dinâmico e elas não se limitam a aprender somente sobre os outros, elas aprendem sobre si próprias desde que nascem, interligando os sentimentos sobre si aos dos outros e vice-versa. Esta aprendizagem impulsiona-as a compreender como podem ajudar a mudar o que fazemos. Esta teia vai constituindo significativamente uma:

História unificada e coerente das suas experiências [...] Esta notável capacidade para encontrar a verdade, por sua vez, depende da capacidade para imaginar e amar. [...] E um princípio fundamental desse tipo de aprendizagem é que mesmo as possibilidades improváveis se poderão revelar verdadeiras. [...] Devido a amarmos os bebês, eles podem aprender. [...] Se a imaginação ajuda as crianças a descobrirem as verdades

sobre as coisas do mundo com o qual dialogam, encontrar a verdade também aumenta o seu poder de imaginação (MATURANA, 2002, p. 331).

À medida que todas as crianças percebem que as suas ideias acerca do mundo se tornam cada vez mais exatas pois, no seu diálogo permanente com o mundo, vão afirmando suas descobertas e produzindo convicções, os contrafactuais que produzem as possibilidades, que conseguem imaginar, o que lhes permite criarem diferentes mundos e sustentar o infinito desabrochar do universo das brincadeiras do faz-de-conta. Portanto, a imaginação depende do conhecimento, mas também e, especialmente, do amor e do cuidado. Nós humanos, criamos discursos que negam o amor e, portanto tornamos possível a negação do outro como legítimo na convivência. O amor é uma disposição biológica em nós porque é, assim como o brincar, um fundamento esquecido da condição humanizante do homem” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004).

Brincar é deixar aflorar a criatividade, brincar é coisa séria, e nós precisamos permitir às crianças que brinquem, sem obrigações, é necessário que as crianças vivam isso. Para Maturana e Verden-Zoller (2004, p. 231): “a brincadeira é uma atitude fundamental e facilmente perdível, pois requer total inocência. Chamamos de brincadeira qualquer atividade humana praticada em inocência, isto é, qualquer atividade realizada no presente e com atenção voltada para ela própria, e não para seus resultados”. Portanto, não há nada fútil no brincar, ao contrário, o brincar constitui a forma natural do linguajar das crianças, que se colocam diante das coisas do mundo para com estas conversar e dialogar corporalmente.

Enfim, Maturana e Verden-Zoller (2004) afirmam que, para realmente as crianças poderem se desenvolver de maneira sadia e com responsabilidade, é preciso compreender que elas necessitam da biologia do amar e não na biologia de exigência e obediência. A criança como um ser legítimo, aprenderá a conviver e a ser com o mundo que a cerca, especialmente, na interação com a mãe. Ainda, as “consciências individual e social da criança surgem mediante suas interações corporais com a mãe, numa dinâmica de total aceitação mútua na intimidade do brincar” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 124). O adulto que somos hoje, é sem dúvida o resultado desse entrelaçamento das histórias, ações e condutas vividas em sua infância. Por exemplo uma criança que viveu num ambiente de negação, que não teve relação corporal íntima com pai ou a mãe possivelmente não será socialmente bem integrada.

Para nós a brincadeira é uma atitude fundamental e facilmente perdível, pois requer total inocência. Chamamos de brincadeira qualquer atividade humana praticada em inocência, isto é, qualquer atividade realizada no presente e com a atenção voltada para ela própria e não para seus resultados. Ou, em outros termos, vivida sem propósitos ulteriores e sem outra intenção além de sua própria prática (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 231).

No entanto, para nós adultos, ao olharmos esse brincar, acreditamos que para nada ele serve, pois não traz consigo um objetivo que os leve a uma intenção pro futuro. O que vivenciamos hoje, são lógicas que levam a competição e a busca apressada pelo melhor, nós adultos dizemos quando e como as crianças devem brincar, quanto tempo terá esse brincar, ou cada tarefa que tem a realizar, negando o brincar livre e espontâneo da vida da criança.

“Uma das dificuldades para que isto ocorra, em especial no mundo atual, se deve ao fato de que pais e mães, muito frequentemente, vivem com suas intenções voltadas para um “futuro”. Com isto, se afastam do único tempo em que podem, realmente, relacionar-se com seus filhos e filhas: o presente” (BARCELOS; MADERS, 2016) Os pais precisam resgatar em si a capacidade de brincar, se divertir com os filhos(as), para que possam viver no presente com eles. Tudo isso, em função de negar o brincar livre da criança, entendendo que o brincar somente, não é algo atraente, precisando portanto de artefatos que instiguem a criança para o desejo de brincar.

A criança no entanto brinca explorando diferentes materiais, sejam tampinhas, garrafas plásticas, rolinhos de papel, pedaços de madeira, caixas, latinhas, tudo vira brinquedo a ser explorado, isso permite a criança criar, imaginar, sonhar, pois “Brinca-se quando se está atento ao que se faz no momento em que faz” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 230).

O corpo de uma criança e um espaço infinito onde cabem todos os universos. Quanto mais ricos forem estes universos, maiores serão os vóveis da borboleta, maior será o fascínio, maior será o número de melodias que saberá tocar, maior será a possibilidade de amar, maior será a felicidade (ALVES, 1994, p. 58).

O que notamos ultimamente nas escolas, são crianças com exaustivas rotinas, com tarefas sentadas, paradas, longe de qualquer obstáculo, ou risco, que possam fazer com que a criança se suje ou se machuque, restringindo assim o brincar e o movimentar. Enfim, reduzem a espontaneidade e, com isso, anulam a capacidade de imaginar, de fantasiar.

É preciso entender o brincar como essencial ao desenvolvimento da criança, nós adultos cada vez mais, deixamos de compreender, pois acreditamos que trazendo para nossos filhos(as) brinquedos comprados estamos fazendo o melhor, ou dando à eles as telas para que possamos terminar nossos afazeres, e acabamos esquecendo a lógica que mais agrada a criança. É imprescindível pararmos e pensarmos aonde queremos chegar com tantos desejos para o futuro, e esquecemos de ver a criança no presente. “Assim, afirmamos que não poderíamos ser como somos agora – seres que adoecem e sofrem na ânsia desesperada de amor, aceitação e de uma vida de ternura e sensualidade, quando de uma maneira ou de outra se interfere ou se nega o

seu viver no amor e na brincadeira” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, p. 249).

Nesse processo de viver e conviver com os outros, desde que nascemos, que construímos o ser que somos hoje, a partir da convivência com os adultos através do conversar. Para os autores: “não se ensina às crianças o espaço psíquico de sua cultura – elas se formam neste espaço” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, p. 23).

Nas palavras de Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 19-20) “A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba”.

Nesse contexto, Rubem Alves, sugere aos professores(as), caminhar em direção oposta, que eles possam se transformar em aprendizes, que os adultos se proponham a aprender com as crianças.

*A mim a criança ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me para todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
quando a gente as tem na mão e olha devagar para elas.
A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ela me faz, brincando nas orelhas.
Ela dorme dentro da minha alma e às vezes acorda de noite
e brinca com os meus sonhos. Vira uns de perna para o ar.
Põe uns em cima dos outros e bate as palmas
sozinho sorrindo para o meu sono...
A Criança Nova que habita onde vivo dá-me uma mão a mim
e a outra a tudo que existe
e assim vamos os três pelo caminho que houver,
saltando e cantando e rindo
e gozando o nosso segredo comum que é o de saber
por toda a parte que não há mistério no mundo
e que tudo vale a pena (ALVES, 1994, p. 52).*

É preciso que nossos professores(as) ao ensinar, tenham criatividade e sensibilidade para serem capazes de sentir quão encantador que é aprender e ensinar, que a escola seja inspiradora, transformadora, onde as crianças possam metamorfejar-se diariamente. Para o escritor Rubem Alves (1994, p. 7) “ser mestre é ensinar a felicidade, embora a felicidade não seja uma disciplina de ensino”. Para buscar esta felicidade cabe ao professor perceber-se como um corpo que brinca, dotado de ludicidade e que está sempre se transformando para oferecer o melhor ao seu aluno(a).

6.2 AS CRIANÇAS: O BRINCAR E O TEMPO

O Tempo
A vida é o dever
que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando de vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo
caminho a casca dourada e inútil dashoras...
Seguraria o amor que está à minha frente e
diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo
de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado
por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo
que, infelizmente, nunca mais voltará.
 (MÁRIO QUINTANA, 2003)

A escola faz parte de um universo explicado, e seu tempo é administrado em uma perspectiva, materializado no relógio e no calendário, também pelas: as idades, as durações, as percepções, os ciclos, as rotinas, os períodos, os calendários, os acontecimentos sazonais, os módulos (horas, dias, semanas, ano letivo, semestres, trimestres), as unidades, os diários, os currículos, as tarefas cronometradas, bem como a administração de conteúdos, as relações pessoais, as mobílias, os materiais, as práticas pedagógicas, os processos e métodos, as arquiteturas. Enfim, todas as ferramentas materiais e imateriais de que dispõe a escolarização e a escola, em si, estão sempre vigiados e controlados.

Paulo Freire (2014, p. 112) acredita na relevância destas questões quando pontua ser:

Importante lembrar que não é a partir do que é feito apenas na sala de aula que ele ou ela será capaz de apoiar os alunos e as alunas na reconstrução da posição deles no mundo. É importante que saibamos que o tempo limitado de sala de aula representa apenas um momento da experiência social e individual total do aluno. O aluno acorda tem sua primeira interação com seus pais. A socialização que ele ou ela recebe cotidianamente pode representar uma negação do entendimento humanístico da vida.

A criança expressa-se com o mundo, com os outros e consigo mesma pelo seu vocabulário corporal, estabelecendo experiências significativas carregadas de múltiplos sentidos, o que os adultos não têm o direito de silenciar. Já para o poeta Fernando Teixeira de Andrade (1992): “há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos

lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

Desta forma, em nome das várias exigências que são impostas para que sejam cumpridas as atividades que dependem do rendimento delas, determinadas para aceitar exigências pré-estabelecidas, o tempo escolar remete não para para olhar cada criança, cada eu, mas sim para o todo que deve resolver um determinado problema, em um determinado tempo. Com isso, coloca-se a criança numa condição artificial pois terminar uma tarefa no tempo determinado pela professor(a) não respeita o eu do sujeito, tampouco garante a responsabilidade do eu do grupo. Efetivamente, em nada afeta o grupo se o *eu* não terminar a tarefa, a não ser o problema que se cria ao professor(a) que aspira que todos acabem as tarefas de forma idêntica e ao mesmo tempo. O contrário disso implica um desdobramento da professora, já que a padronização das atividades e seus resultados dão menos trabalho aos professores(as).

Não há, portanto, a necessidade de uma determinação e sincronização ativa do tempo, porque ninguém será prejudicado se o seu tempo de produção, trabalho, divertimento, enfim, o ritmo próprio de cada um, for respeitado. O que faz sentido é respeitar o ritmo de crescimento de cada criança. Preocupar-se com o aqui e o agora, porque elas vivenciam intensamente o que fazem quando o fazem (no presente), com liberdade e prazer, e não por imposição ou obrigação. Conforme Alves (1994, p. 06), “Nossos dias são preciosos mas com alegria os vemos passando se no seu lugar encontramos uma coisa mais preciosa crescendo: uma planta rara e exótica, deleite de um coração jardineiro, uma criança que estamos ensinando, um livrinho que estamos escrevendo”.

As crianças, tal como as comunidades mais antigas, têm experiências que seguem não se o tempo cronometrado em relação ao tempo: elas agem, não conforme o cronómetro, elas gostam da repetição, do concreto e do sonho, ambos são externos na sua fantasia e pensamento e ambos necessitam de serem degustados lentamente. As crianças não compreendem as questões abstratas trazidas pelo relógio e pelo calendário, para elas é difícil entender. Por exemplo, quando observam a lua, encantam-se com sua luminosidade, brilho e formato, pouco importa as crianças, que ela represente um ciclo cronológico. A vida da criança não está condicionada à possibilidade de ter uma experiência do tempo como um fluxo contínuo, tampouco a criança vivencia/experiencia o tempo, de forma matemática e geometricamente concebido ou ainda linearmente tratado porque ela não o vê desta forma. “\penso que tudo depende da infância, de como a criança tenha vivido sua vida, e se aprendeu a fazer o que faz como um prazer corporal” (MATURANA, 1997, p. 68).

Existe também, a futurização das crianças, imensamente expandido nas escolas, a

criança não é pensada no aqui e agora no olhar dos adultos, mas, sim, como ela será no futuro, ou quando crescer e for produtiva. Assim, no entanto, nós como professores(as), pais ou mães, não podemos permitir que a criança seja o que o adulto quer, tratando-a mesmo como um adulto em miniatura, apressando seu crescimento e já pensando no que deverá ser, sua profissão. Antecipando então as suas preocupações, gerando ansiedade na criança, seguidamente perguntamos às elas o que querem ser quando crescer, preocupando-se pelo por vir e não vivendo o presente.

Brincar não tem nada a ver com o futuro. Não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem a sua legitimidade. Nós adultos, em geral não brincamos, e frequentemente não o fazemos quando afirmamos que brincamos com nossos filhos. Para aprender a brincar, devemos entrar numa situação na qual não podemos senão atentar para o presente (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 231).

Determinar o tempo do brincar pode frear a intenção criativa e autônoma da criança. Intencionalidade criativa e autônoma da criança. Para aprender, ser criativa no seu brincar e movimentar-se, as crianças não precisam que digamos a ela o que fazer nem tampouco quando, precisa apenas, que lhes permitam constituir sentido e significados naquilo estão realizando livremente. O tempo não se esgota na ação que ele próprio realiza no agora, tampouco naquele fazer que já era ou naquilo que esperamos. Ele é processo vivo, sentido e exprimido sempre em relação.

Freire (1980, p. 10) afirma que as crianças são praticamente “parafusadas” em cadeiras duras onde permanecem horas a fio. Esta “curiosa exploradora aventureira é mantida imóvel, petrificada, confinada, reduzida à contemplação das paredes enquanto o sol brilha lá fora”. As crianças amam investigar e desvendar os mistérios da natureza: a natureza está repleta de mistérios e segredos e disso as crianças entendem pois reconhecem o mistério das coisas vivas e brincam com elas para se aproximar, chegar perto do segredo, da essência das coisas.

Ao brincar com o ambiente vivido (a natureza), a criança entra em contato com as forças primordiais que sustentam a vida e nutrem esse inesgotável fluxo. Esta experiência do brincar permite que ela se conecte ao mundo. Toda a criança, ao nascer, é parte da natureza. Se a intervenção cultural for delicada, leve e suave, ela poderá misturar-se gentilmente no ambiente humano.

O mundo humano anda provisoriamente muito afastado dos outros seres vivos com os quais temos vivido há milhões de anos e sem os quais não conseguiríamos chegar à forma atual, de como nós somos. Portanto, as escolas de educação infantil, que celebram as crianças como borboletas coloridas devem ser verdadeiros ambientes educacionais onde os adultos não as

pressionem para buscar resultados e desempenhos maravilhosos, o que as nega suas qualidades que traz com ela.

Neste sentido, brincar e se movimentar é tratado enquanto ação inerente à existência da criança, como o fenômeno que se manifesta nos primeiros anos das as crianças. em qualquer época e lugar da história, em qualquer cultura e circunstância. O brincar e se movimentar é tido, aqui, portanto, como condição primária e primordial para o desenvolvimento e crescimento das crianças, sendo, portanto, elemento da condição humana por equivalência. Para as crianças, brincar e se movimentar representa tudo na sua vida: é como alimentar- se.

Assim, a metamorfose da infância não é respeitada porque a ciência e a cultura modernas ocidentais comprometeram as sensações, as transformações particulares e imanentes que ocorrem entre as crianças aprisionadas às aferições quantitativas, o que fere o ritmo individual de cada uma.

Para as crianças, a escola é um lugar maravilhoso: é espaço, tempo, onde fazem e encontram os amigos, pois, fora da escola, há poucos. Elas precisam e adoram brincar e se movimentar com eles. Ao revelarem que os amigos constituem uma das esferas mais importante dos seus afetos, elas demarcam a importância da escola como lugar de socialização, afetividade, alegria, imprescindíveis às suas vidas pois é na escola que elas fazem amizades. As crianças não são vítimas, devem ser reconhecidas como seres humanos que absorvem a cultura dos adultos mas que também produzem ideias, habilidades, têm excelentes opiniões e sentimentos em relação à vida, formas inusitadas de resolver problemas, que se traduzem, de maneira muito particular, nas suas múltiplas linguagens corporais. Elas também são produtoras de cultura porque transformam o conhecimento em cultura e multiplicam-no, difundem e aperfeiçoam-no. A escola precisa recuperar a ludicidade e a alegria perdida, eliminar a desmotivação de algumas pessoas, que trabalham ali, e que a tornam por vezes fria e sem alegria.

Paulo freire, enfatiza que a alegria na escola “não é necessária, mas possível” e explica:

Necessária porque, gerando-se numa alegria maior- a alegria de viver, a alegria na escola fortalece e estimula a alegria de viver [...] é necessária ainda porque viver plenamente a alegria na escola significa mudá-la, significa mudar para incrementar, melhorar e aprofundar a mudança (FREIRE, 1996, p. 9-10).

A ação educativa deve ser vista como um ato de amor para que a aceitação do outro aconteça realmente e seja entendida como fundamental. Precisa estar baseada na relação da de amar, aceitação mútua, de reconhecimento de dignidade e de legitimidade que não negue nem exclua o outro no conviver.

Se faz necessário que tanto homens como mulheres vivam, experienciem, um espaço de viver colaborativo e de aceitação mútua. Que exercitem a co-inspiração e, principalmente, a cooperação e a co-participação numa convivência acolhedora e libertadora. Uma relação deste tipo só poderá acontecer se vivermos o fluir de nosso viver sem exigências e sem expectativas em relação ao outro e a nós mesmos. Isto precisa começar o mais cedo possível. Portanto, o momento da mais tenra infância é o momento mais adequado para se começar a estabelecer este espaço de cooperação (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 73).

Maturana e Verden-Zöller (2004) defendem que o amor e as emoções deveriam estar inseridos em nosso cotidiano, principalmente no âmbito do cuidar do outro. Contudo, para Maturana e Verden-Zöller (2004) existe outra referência cultural: a matrística. Esta cultura matrística estaria efetivada nos tempos em que os seres humanos viviam em harmonia com o outro e com a natureza. Esta cultura valoriza a emoção, o amor e respeito ao próximo e à natureza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, a colaboração e a divisão. Um entendimento e uma atitude que muitas vezes ainda perpetua na existência do ser humano (mesmo de maneira contra-hegemônica em alguns espaços), na busca por uma sociedade democrática e igualitária. Para Maturana e Verden-Zöller (2004) a cultura matrística, apesar de não ser vivida de maneira mais efetiva e plena na atual sociedade, teria deixado um legado dentro da própria cultura patriarcal.

Na construção de ideais (e práticas) de solidariedade e fraternidade e em experiências infantis também se estaria vivendo elementos da cultura matrística. Apesar de na vida adulta preservar-se a visão patriarcal, quando criança se estaria propenso a vivências matrísticas, ou seja, um viver centrado na apreciação do presente e na construção de relações baseadas no amor.

Nesse brincar matrístico não há busca por um objetivo fazendo com que a atividade aconteça de maneira fluída e não de maneira programada. Assim, a cada brincadeira se estaria perante um encontro, entre as pessoas envolvidas na experimentação da alegria. Estar apto a este tipo de encontro deixaria a relação entre eu e o outro suscetível a vivências que modificariam seus modos de ser e agir diante um do outro. Nessa relação prazerosa que acontece durante o brincar, o outro seria reconhecido como um legítimo outro em coexistência (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004), logo o brincar aconteceria em atitude amorosa. O que se percebe a partir da leitura de Maturana e Verden-Zöller (2004) é que existe uma vivência insubstituível, legítima e amorosa quando se assume profundamente o brincar matrístico.

Para Maturana e Vender-Zöller (2004), o amor é a emoção central na história evolutiva do ser humano. Este sentimento fundamenta o social e é definido como “o amor é a disposição corporal sob a qual uma pessoa realiza ações que constituem o outro como um legítimo outro

em coexistência” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 235). Sendo assim, apenas quando se é reconhecido e amado é que se consegue construir a identidade e respeito próprios. Nessa perspectiva, quando há a negação do amor na infância, ocorre uma profunda violação da construção da identidade da criança; negação de seu ser. Para cuidar do outro a fim de reconhecê-lo como sujeito integrante da sociedade em que vive, esse cuidado deveria acontecer com base no amor, em um cuidar fraterno e solidário. Um cuidar na filosofia matrística.

As crianças, não entendem as justificativas dos adultos que não tem tempo para ficar junto delas. Elas querem que os adultos as acolham, que falem carinhosamente com elas, que as respeitem, que as aceitem, que as amem incondicionalmente, como só pode ser o amor. Pois o amor é incondicional ou não é amor (BARCELOS, 2021, p. 29).

No percurso desta investigação, a metáfora da crisálida aproxima-se da infância no seu sentido pleno, a olhar para as crianças a metamorfosearem-se constantemente e a transformarem-se, diariamente, em borboletas, saindo para explorar o mundo para crescer e desenvolver-se autopoeticamente. Por analogia, o autodesenvolvimento da criança é promovido em estado de liberdade para brincar e se movimentar

6.3 O PROFESSOR DE CRIANÇAS COMO GUARDIÃO DO BRINCAR

Não existe nada mais divino do que ser criança. Nós, os adultos, passamos a vida, tentando transformar as crianças em adultos. Deus, que faz tudo ao contrário [...] passa a vida tentando transformar os adultos em crianças - para que eles possam brincar com a vida e, vez por outra, topar com a alegria (ALVES, 2007, p. 97).

A escola necessita ser um lugar de encontros e reencontros com o outro e a natureza, de celebração da vida, de cuidado e acolhimento, de se ouvirem mutuamente, de respeito aos ritmos, de aconchego, de harmonia, de vivências prazerosas, de culto à alegria, à diversão e à descoberta, de exercício da dúvida, da autonomia para brincar e se movimentar, do reconhecimento da criança como sujeito portador de ideias, sentimentos, enfim, saberes. Precisa de ser um lugar de saudação, contemplação e interação com a natureza e os seus reinos que as crianças-borboletas tanto amam.

Maturana e Verden-Zöllner (2004) pensam o brincar a partir da cultura matrística – cultura que influencia o viver na infância – pautada no amor e no viver o presente. Segundo os autores, o brincar e suas interações não teriam nenhum objetivo, nem visariam ao futuro. Esta perspectiva do brincar estaria ligada a um brincar matrístico. O brincar matrístico seria qualquer atividade vivida no presente e desempenhada de modo emocional, ou seja, não apresentaria nenhum propósito que fosse exterior à própria atividade. Não há uma preocupação com o

objetivo do brincar, ou com as consequências desse brincar.

Brinca-se quando se está atento ao que se faz, gostando do que se faz, no momento em que se faz. Pode-se entender o brincar como um recurso, ou seja, uma atividade executada pela criança (ou pelos adultos que utilizam brincadeiras com crianças), visando ao futuro ou a fim de superar algum trauma do passado. Nesta perspectiva é empregada uma visão utilitarista ao ato de brincar, designando ao brincar, objetivos e fins. Esta compreensão do brincar está ligada ao modo de pensar da cultura patriarcal. Aqui, as emoções vividas pela criança, durante a brincadeira, são desvalorizadas em favor da razão atribuída pelos adultos; um tipo de brincar patriarcal. Portanto, amar-brincar é reconhecer o outro como um legítimo ser em coexistência. É estar aberto a uma relação de cuidado que se refaz e faz na convivência, no cuidado, que traz em suas atitudes o fundante do humano – o amor.

Acreditamos que para recuperar um mundo de bem-estar de todos, onde o crime, o abuso, a opressão e o fanatismo não sejam modos de viver, precisamos tornar o brincar essencial para a formação da criança, chamando a atenção dele para a troca, o compartilhamento, a ajuda ao outro, para que o brincar, jamais seja competir – está que por sua vez, nega o outro como legítimo outro. A intenção é de tentar rever caminhos para a harmonia com os seres humanos, e brincar e se movimentar é o meio de conseguirmos, porém é necessário para que o brincar seja significativos, que os pais, professores(as), equipes diretivas, entendam o sentido deste brincar para cada criança de maneira livre e espontânea, em redes de conversações tecidas entre os cotidianos nos movimentos de invenção de si e de outros mundos, articulando a vida cotidiana, seus rastros, gentes, sabores, gestos, risos, saberes, poesias, fazeres, sons, lágrimas e poderes. “que aquilo que continua geração após geração como modo de vida é o que de fato define uma linhagem biológica ou cultural – e o que determina no que uma ou outra se transforme em seu devir” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 248).

Compartilhar é algo biológica, inerente a nós, e não à cultura, nossa sociedade patriarcal valoriza a competição, dominação, onde negam o amor nas relações sociais, e só conseguiremos mudar, se mudando a nós mesmos, a começar pelas crianças.

Verbo Ser
Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer?
Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser; pronunciado tão depressa,
e cabe tantas coisas?

*Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender.
Não vou ser
Vou crescer assim mesmo
Sem ser Esquecer.
(ANDRADE, 1992).*

Dizer que precisamos nos preparar para o futuro, significa mudar nossa atenção do aqui e agora, deixando de dar atenção ao presente que está. . nós adultos parece que perdemos nossa capacidade de estar no presente, e com isso, pra nós pais, mães e professores(as) brincar torna-se inviável, passamos então a justificar nossas ações para com as crianças, embora elas se neguem a entender. “Dessa maneira, o modo como vivemos com nossas crianças é, ao mesmo tempo, a fonte e o fundamento da mudança cultural e o mecanismo que assegura a conservação da cultura que se vive” (MATURANA, 2004, p. 23).

Assim, retiramos o lúdico da vivência das crianças, de forma que está situação pareça nobre de nossa parte, pois ao invés de brincarem, estão aprendendo, números, letras, uma maneira de protegê-los de outras situações que a sociedade poderá vir a lhe cobrar se for produtiva nos padrões que serão exigidos.

Envolvemos a criança, num contexto o qual trocamos o brincar, por coisas que substituem a imitação, e ao consumir, diante da cultura patriarcal trazida até ela, também serão consumidores futuramente. O brincar livre, enquanto meio para se expressar, tem caráter dinâmico. Na primeira infância, através do brincar, construímos nossas relações espaciais, sensório motor, domínio das suas ações, pois o fazem, sem a dominação de um adulto, ou seja, de maneira espontânea. “As brincadeiras espontâneas de nossas crianças não são arbitrárias: são dinâmicas corporais ligadas a territórios ancestrais de comportamento. São expressões das conexões entre o ser vivo e seu meio, cujas formas atuais são apenas transformações de formas arcaicas” (VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 187).

Além de sobreviverem, as crianças precisam ter garantidos os caminhos para viver na convivência afetiva, amorosa e comunicativa. Precisamos cuidar, amar, sem exigir delas perfeição, mas oferecendo proteção, cuidado e carinho. Precisamos dar nosso tempo à elas, paciência, reciprocidade, nos fazermos presente, dando à elas direito de errar, de se equivocar, de não corresponder às expectativas geradas por nós, adultos. Diria Verden-Zölller (2004, p. 230) que é muito mais importante atentar para o que somos do que para quem queremos ser. Conforme Maturana (2004, p. 44), “A criança vive a primeira fase da sua vida como uma dança prazerosa, na estética da coexistência harmônica própria da coerência sistêmica de um mundo que se configura com base na cooperação e no entendimento”.

Na cultura patriarcal a infância é seguida do enfrentamento de situações de controle e de um “contínuo esforço para aprovação” (MATURANA; 2004, p. 44) a cultura matrística dá continuidade às noções cooperativas/colaborativas do viver junto. Não que o viver (emocionar) matrístico seja pura irresponsabilidade em face o compromisso patriarcal, mas sim o ter consciência dos seus atos e suas conseqüências mediadas pela autonomia e reconhecimento da convivência (MATURANA, 2004, p. 47). Se não nos entregamos por inteiro às atividades ao interagir com nossas crianças o emocionar patriarcal determinará enfim o significado de nossas ações. O brincar matrístico se caracteriza pela inserção do lúdico. Se nos preocupamos com outras coisas, além da realização da própria atividade perde-se o emocionar matrístico do brincar. Citamos aqui como brincadeira, qualquer atividade humana realizada em espontaneidade, ou seja, toda atividade praticada no presente e com atenção voltada ao que se está fazendo e não para os resultados da ação/brincar.

O que qualifica a brincadeira na perspectiva matrística é o simples ato de brincar. Se fizermos isso como obrigação, ou mesmo sem a inocência do presente, não podemos estabelecer como fundamento de nossas atividades a confiança, característica fundamental para que existe o desenvolvimento de uma consciência livre. A criança, segundo Verden-Zoller (2004, p. 228-229), adquire sua consciência social e sua autoconsciência quando estimuladas físico, emocional e intelectualmente de modo autêntico. O desenvolvimento legítimo é assim aquele proporcionado pelo emocionar matrístico motivado pelo amor e não pela prática em si. Descobrimos a partir desse trabalho que o fundamento ontológico do brincar tem muito mais significado, quanto desenvolvimento da estrutura psíquica, do que o brincar realmente.

Aprenderá a competir, a buscar seus objetivos, nem que para isso tenha que descaracterizar, ou “pisar” - termo popularmente utilizado - no outro. O outro deixa de ser um ser legítimo, deixando, assim, de ser visto e de ser respeitado (BARCELOS; AZZOLIN, 2020, p. 196).

No espaço escolar, é muito comum escutarmos professores(as) falando que as crianças não tem limites, de não saberem o que é “não”, mas o que fizemos, é deixa-las durante quatro horas, encerradas em suas salas, realizando tarefas as quais muitas vezes não compreendem o porque de estarem fazendo, e nós, enquanto professores, não percebemos o quanto para eles é doloroso, que a escola para o aluno(a) acaba deixando de ser prazerosa.

Isso acontece porque as crianças são forçadas a fazerem o que não querem fazer. São levadas a ficarem quietas, paradas, fazendo atividades repetitivas que não despertam o seu interesse, que não as motivam a construir sua aprendizagem. Aliado a isso, é comum à criança ser corrigida no seu ser e não em seu fazer, onde são chamadas de lentas, tolas, preguiçosas. O que deveria acontecer é exatamente o contrário. O que deveria ser corrigido - se isso for realmente necessário - é o fazer da criança,

mostrando a forma correta, com muito afeto, tranquilidade e carinho (BARCELOS; AZZOLIN, 2020, p. 197).

Nossas crianças precisam ser acolhidas, amadas, nosso fazer pedagógico, necessita urgentemente ser repensado, professores(as) precisam reaprender ou aprender a brincar, para que a escola/sala de aula seja um espaço de alegria e de aprender. “Brincar é toque, é respiração, é coração batendo, é cantar, é dançar, sorrir, fantasiar, viver o momento intensamente” (BARCELOS; AZZOLIN, 2020, p. 204).

“A criança não é concebida em sua completude. Torna-se humana quando constrói o domínio espaço-temporal de existência humana, como uma maneira fácil e confortável de viver, em quanto desenvolve sua consciência corporal ao crescer em totalidade recíproca aceitação corporal envolvidas nas relações de brincadeiras espontâneas com seus pais” (VERDEN-ZÖLLER in MATURANA, 2004, p. 198).

A vida humana não pode ser vivida em harmonia e dignidade se estas contradições emocionais não se dissolverem. Acreditamos que para isso acontecer é necessário recuperar o amor e a brincadeira como guias fundamentais em todas as dimensões da coexistência humana. Ao mesmo tempo, é preciso que tenhamos a audácia de viver seriamente a responsabilidade de seres humanos que querem gerar, no dia-a-dia, um mundo humano em harmonia com a natureza a que pertencem. Devemos atrever-nos a abandonar o emocionar patriarcal que nos configura como seres que vivem imersos no emocionar da apropriação, valorização da procriação e do crescimento desmedido, controle, busca de segurança, autoridade, obediência e desvalorização das emoções e da sexualidade (MATURANA; VERDEN ZÖLLER, 2004, p. 256).

Necessitamos ressaltar que o ritmo de vida mudou muito, e que por isso o tempo que os pais tem nos dias atuais para dedicar aos filhos é bem menor que a anos atrás. Possuímos um ritmo de vida acelerado, com mães e pais que trabalham, as preocupações e os excessos de trabalho para poder ter e dar aos filhos(as) uma vida “melhor”, acaba por tirar o tempo precioso que deverial dedicar ao brincar com os filhos. Muito raro ver pais brincando com seus filhos, na maioria das vezes, a tela acompanha toda a família, em situação que ambos não conversam, não interagem.

Os brinquedos e as brincadeiras, mudaram muito também ao longo dos anos, brinquedos eram construídos pelas crianças ou por seus pais, como: pião, carrinhos de madeira, bodoques, balanços de corda. Hoje o excesso de brinquedos, faz com que as crianças os tenham em grande quantidade, porém, brincam com eles apenas alguns minutos, logo não lhe agradam mais. Na escola, quando chamadas para brincar, por vezes, não sabem, não entendem como poderia brincar com o outro, qual será a brincadeira. Freire traz em seus escritos a importância do lúdico no que se refere ao aprender e ao ensinar, ao assegurar que:

Do mesmo modo que brincávamos de “casinha” ou de “professora”, construindo nossas hipóteses sobre estes conteúdos, onde o jogo, o riso, nos impulsionavam. O desafio de todo educador (e educando) é alimentar este espírito lúdico em nosso ensinar e aprender (FREIRE, 2014, p. 29).

Aceitemos a importância e o quão raro é para o desenvolvimento da criança a convivência com outras crianças, enfim, as relações estabelecidas ao conviver deixam marcas eternas na construção de cada ser humano.

Resgatar, salvar do esquecimento alienado, as lembranças de nossa história pedagógica com nossos modelos, é entrar em diálogo crítico com nosso passado, podendo assim, ajudar-nos, também, a entendê-lo, superá-lo, esquecê-lo, como ato consciente de quem perdoa (FREIRE, 2014, p. 42).

Freire (2014, p. 30) vai além:

Educador que brinca e ri enquanto ensina favorece o lidar com a tensão que todo o processo de aprendizagem contém. O riso dosa o confronto com esta, amenizando a ansiedade e o mal-estar. Para rir e brincar construindo conhecimento é necessário uma boa dose de humildade e abertura para as divergências, as diferenças. Também disponibilidade para conviver com o estado de desarmonia que o conflito provoca. Para rir e brincar com o próprio processo de aprendizagem e dos demais precisamos alimentar nossa curiosidade, juntamente com nossa ansiedade para conhecer o novo, o inusitado. Para rir e brincar, enquanto aprendemos e ensinamos, é necessário querer bem. Acreditar que o outro é (sempre) capaz de aprender, onde o riso e a alegria são instrumentais exercitados no jogo de sua aprendizagem.

Nós professores precisamos resgatar as brincadeiras em nós mesmos, para podermos trazê-las para nossos alunos(as), entendo que brincar é construir conhecimento, é aprender a cooperação, a sensibilidade, a afetividade, num conviver espontâneo, saciando sua curiosidade. Precisamos nos reencontrar como humanos brincantes, através do lúdico, possibilitando ao nosso aluno(a) experiências que gerem alegria, felicidade e aprendizagens sólidas em conjunto com o professor(a) para serão lembradas para sempre.

Não obstante, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento (LARROSA, 2013, p. 184).

Todas as nossas experiências de aprendizagem iniciam com uma prática afetiva, o aluno(a) tem fome de afeto. Não podemos confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, que do latim *affecare*, quer dizer “ir atrás”. “O afeto é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado” (ALVES, 2004, p. 52).

Acreditamos, assim, que o mundo será mais ou menos violento quanto mais violentas forem as relações estabelecidas na infância por nossas crianças. Portanto, há que tratá-las com cuidado, respeito, afeto, carinho, e muito amor junto as nossas práticas educativas. Práticas essas muito condicionadas pelo que é entendido como processo de aprendizagem, bem como o que com ele queremos. Só há uma maneira das crianças aprenderem a cuidar mais deste planeta: é aprendendo a cuidar, também, de si. Sem cuidado de si, dificilmente, haverá cuidado do outro (BARCELOS; MADERS, 2012, p. 101).

Quem de nós não lembra de suas brincadeiras de criança, dos jogos de futebol, do pega-pega, esconde-esconde, ou mesmo criando nossas próprias brincadeiras, fazendo casinhas em árvores, balanços nos galhos, nadando na sanga atrás de casa. Enfim, tudo foi importantíssimo para que nos desenvolvemos como adultos que somos hoje, ou, quando escutamos lamúrias de alguns, que por algum motivo não tiveram esta infância recheada de bons momentos, falando que algo lhe faltou. Pois bem, eis a importância do brincar livre, falando de forma bem simples. Por isso, nós pais, mães e professores(as) devemos sempre nos colocar no lugar das crianças, para entender as brincadeiras e o brincar livre como parte do processo, como essenciais para o seu desenvolvimento.

Crianças na maior parte do tempo, estão à brincar, e em qualquer lugar. Mas nota-se sempre algum adulto, pedindo que parem, chega de correr, não pegue isso, pare de subir aí, você vai cair, vai se machucar. Assim, não percebemos que vivemos e estão condicionando nossas crianças a uma cultura de imobilização, não podem falar alto, não podem correr, não podem gritar, e na escola e as vezes em casa também, permanecem sentados o tempo todo. Há uma grande necessidade de repensar como serão essas crianças que hoje não brincam

A criança não é concebida em sua completude. Torna-se humana quando constrói o domínio espaço-temporal de existência humana como uma maneira fácil e confortável de viver, enquanto desenvolve sua consciência corporal ao crescer em total e recíproca aceitação corporal envolvidas nas relações de brincadeiras espontâneas com seus pais. Em outras palavras, ela em geral chega a essa condição num processo naturalmente fácil e confortável. Tal processo não requer esforço, desenhos ou cuidados especiais. Ocorre mediante o viver em coexistência humana da criança com seus pais, em total e mútua aceitação corporal. Quando esse desenvolvimento acontece de modo adequado, torna-se um ser humano socialmente bem integrado, é um processo natural (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 198).

As brincadeiras são fundamentais para as crianças tenham experiências que fortalecem e que importantes para sua aprendizagem, onde através delas possam manifestar seus desejos, descobertas, através de gestos, palavras e do corpo. A partir do brincar, e somente por meio dele, que é possível descobrir e respeitar as características de cada criança, e como elas estabelecem seus vínculos afetivos.

O bebê e a criança pequena têm uma enorme necessidade de explorar o mundo. Eles

experimentam, descobrem, procuram, pesquisam. E, assim, aprendem! Só assim aprendem, melhor dizendo. Precisamos oferecer às nossas crianças experiências de liberdade, de movimentar-se livremente, ao brincar livre, desenvolvem-se cognitivamente, coordenação e em especial vivendo e convivendo, a sociabilidade, relações afetivas, aprendendo por si só a cuidar de si, confiar em si mesma, tornar-se capaz, competente, para buscar desafios. E não estamos falando de um brincar sozinho, solto, não é dizer que estão perdendo tempo, nem planejar cada passo da criança, mas no sentido realmente da palavra “livre”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM CAMINHAR INCONCLUSO

*[...] Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo[...]
É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo[...]
(RAUL SEIXAS, 1973)*

Um final... que não quer cessar: Sempre que decidimos escrever algo, sobre educação ou sobre nossas próprias experiências de vida, sentimos medo. Medo sobre como e o que escrevo, se está bom o suficiente, se está maduro, consistente, se as ideias e reflexões semeadas terão bons frutos. Então, nasce a dúvida. Como saber? A dúvida deixa-nos inquieto, mas também nos inspira a continuarmos a fazer algo ao longo de nossas vidas. Muitas vezes, sinto-me sozinha em meus pensamentos, nas diversas ideias e concepções relacionadas à educação. Diversas ideias, concepções e opiniões diferentes das nossas, cristalizadas na sociedade, resultam em motivos de exclusão, de não aceitação.

É chegado o momento de dar uma pausa nesta pesquisa. No entanto, nunca se deve finalizar ou concluir algo. Ao concluirmos algo, finalizamos as capacidades de diálogo, de reflexão e troca de ideias. E essas possibilidades nos enriquecem como seres humanos e pesquisadores. Trago, comigo, a certeza de que muitas coisas ditas nesta dissertação e outras pensadas ficaram guardadas na memória, na essência de meu ser durante este percurso de estudos e pesquisa trazidos pelo Mestrado. Diversas reflexões, conversas, inquietações e leituras, um amadurecimento que vem para confirmar que a escolha por este tema de pesquisa me ocasionou felicidade, alegria, entusiasmo e a tranquilidade de quem fez a escolha certa.

Penso que a preocupação e o compromisso de quem escreve é normal. Nessa perspectiva, o leitor sempre sai ganhando com relação ao escritor, pois, como me falou certa vez meu orientador, o leitor tem a possibilidade de escolher o que vai ler. Já o escritor, não: ele escreve o que consegue escrever. Enfim o que escrevi durante minha pesquisa pode parecer simples demais para algumas pessoas ou para outros, pode ser que a pesquisa seja irrelevante e sem sentido. Em minha opinião, o mais importante, é que o que escrevi até aqui é resultado das coisas nas quais acredito. Creio que os seminários, as leituras, a troca de ideias com meu orientador e colegas pesquisadores constituíram minha formação, seja para contribuir e mostrar outros caminhos ou para mostrar-me o que eu não quero fazer enquanto pesquisadora, PROFESSORA e ser humano.

Afinal, quem lerá esta pesquisa? Não sei!

Sei que procurei fazer o melhor. Poderia ter feito diferente, pois sempre há

possibilidades de aprimorar aquilo que acreditamos como escolha certa. Entretanto, neste momento, foi o que consegui desenvolver. Por conseguinte, penso que foi o melhor de mim. Este trabalho é resultado das horas, dias e noites intensas de estudos, pesquisas, leituras incansáveis, teorias, reflexões e conhecimentos, bem como do imbricar de meus pensamentos e ideias com o teor da dissertação.

Gostaria de escrever minhas últimas considerações relacionadas à caminhada do Mestrado, o qual possibilitou e acredito que possibilitará longos percursos ainda a serem percorridos. Esta pesquisa procurou mostrar pontos que considero de fundamental importância para o viver e o conviver do ser humano, em particular na relação aluno(a)-professor(a), nas relações familiares e como formação humana.

No primeiro momento de apresentação desta dissertação, procurei mostrar meus desejos, anseios, dúvidas e questionamentos enquanto professora e pesquisadora, assim como minha trajetória de vida, minhas escolhas; enfim, escolhas e buscas que me levaram a este tema de pesquisa. Esbocei um pouco do meu percurso enquanto mulher, esposa, amiga, mãe, filha, a professora Jaque, retomando minhas angústias, memórias guardadas desde os tempos de infância, passando pela graduação, meu caminho acadêmico e pela vivência em sala de aula. Vários questionamentos ainda não foram respondidos. Estou certa de que minha busca por alternativas me trouxe até aqui. Espero que as reflexões que consegui tecer juntamente com os aprendizados, até este momento, possibilitem a abertura do olhar reflexivo, da aceitação mútua do respeito à diversidade na complexidade que envolve o viver e o conviver humano, desde agora, do eu enquanto observador, de minhas atitudes e ações em uma contínua autoconsciência, também do outro e ambiente.

Por arriscar-me, fiz coisas nas quais acredito, mesmo com medo de não conseguir, medo de errar, medo de fracassar ou de não ser aceito em minhas ideias, na maneira particular e complexa de ver o mundo, nas escolhas que me fazem felizes, sem sofrimento ou um fardo a ser carregado. Cada ser humano realiza suas escolhas, assumindo a responsabilidade de seus atos, ações e opiniões, seu viver e conviver. Quando realizei minha escolha por esta temática de estudo e pesquisa sobre a Biologia do Amar, compreendo que não escolhi por acaso, e, sim, por identificar-me com o assunto e, principalmente, com os autores e meu orientador.

Nesse encantamento pela educação, compreendo a simplicidade do olhar, sem preconceitos, um olhar fixo, mas, no mesmo tempo, doce, tenro e respeitoso. Um olhar de quem sabe que a educação se faz junto de si, do outro, do complexo, do singular, do diferente e do meio como uma simbiose de nossas emoções, linguajares, cultura, história, biologia, social e econômico imbricados ao coexistir humano e seu entorno.

Agora, de uma maneira mais sucinta, apresento os pontos que considero de fundamental importância na minha pesquisa para o desenvolver desta dissertação. Abordarei, brevemente, cada capítulo deste estudo, compreendendo que o percurso metodológico observador e observado tecem impressões, conversações e reflexões sobre mim e também com o mundo ao meu redor. O entrelaçar do educar e do viver, em que viver é educar e educar é viver no fluir de nosso viver e conviver nas coordenações de coordenações consensuais de condutas, influencia e modifica-nos pelo que vemos e sentimos ao construirmos o mundo e sermos construídos por ele.

Na construção de minha escrita, apoiei-me nas ideias e concepções de Humberto Maturana, e para que a quem ler está dissertação, faça uma leitura com fluides apresentei à eles como se fosse um glossário introdutor, onde cada leitor poderá compreender e vivenciar as formas de linguajar e viver do autor.

Em meu primeiro capítulo, a borboleta que se metamorfoseou e conflitou-se com sua maneira de viver e agir, a partir de leituras, estudos e pesquisas nas obras do autor e seus estudiosos que abordam minha temática de estudo. Não é necessário grande esforço para perceber, no contexto atual da existência humana, a presença e a priorização de uma cultura agressiva, competitiva e, muitas vezes, cruel. Uma cultura traduzida em linguagens, em ações comportamentais de negação de si e de outros.

Nesse capítulo, procurei mostrar as fragilidades e fragmentações existentes nas relações e nos valores humanos, no conhecimento, na relação aluno(a) e professor(a), o consumismo e a despreocupação com o outro (a), Também abordei o viver e conviver a partir da competição, tão presente nas relações de convivência do ser humano.

As proposições de Maturana, principal fonte de referência para esta pesquisa, acerca da compreensão de alguns questionamentos relacionados à educação, formação, vida, ser, fazer, viver e conviver humano. As diversas leituras possibilitaram a compreensão do conhecimento, onde o ser humano conhece sua estrutura biológica, social e cultural e, a partir de interações com o meio, constrói o conhecimento como uma maneira de estar no mundo, como uma coordenação de coordenação de comportamentos por meio da linguagem consensual, desenvolvendo significados para as coisas construídas em nosso mundo.

Nossas escolhas ensinam-nos a competir, a distanciarmo-nos uns dos outros. Pais não escutam seus filhos. Professores(as) não escutam seus alunos(as). Penso que a educação se encontra proibida. Desejamos resultados diferentes. Portanto, indago: Porque fazemos sempre as mesmas coisas? O que efetivamente faz com que nossos(as) alunos(as) fracassem na escola, na família e na sociedade? Estamos convencidos que o fracasso acontece pela comprovação de

que é o aluno(a) que fracassa, pois não possui interesse, não acompanha a turma, não possui destaque ou notas excelentes, não é participativo, obediente e organizado. Também se ouve que são os filhos(as) que fracassam, porquanto desobedecem a seus pais, não cumprem ordens e padrões familiares e educacionais conservados de geração após geração, filhos(as) tal quais os pais. E falham, também, na sociedade: pessoas excluídas, tachadas, jogadas ao acaso, esquecidas em sua dor, sofrimento, dificuldade, seres humanos competitivos e envolvidos em seus próprios interesses.

O professor(a) dando aulas em uma lousa, em pleno século XXI, não tem sentido. Uma matéria estática, sem movimento, resulta somente em palavras ditas naquele momento. Nesse cenário, o professor(a) dita as regras. Eu sou adulto: sou eu quem dará a vocês informações. Isso deve ser aprendido assim como está, porque é assim. Vocês são crianças, adolescentes. Têm de se calarem e obedecer. Silêncio! Calem-se, vocês nunca sabem nada!

A educação está focada no desenvolvimento curricular e no conteúdo, e o aluno(a) que não aprende a ler, a escrever e a calcular não está ensinado, pois o desenvolvimento encontra-se focado em algumas capacidades, em algumas áreas específicas do conhecimento, como matemática, ciências, história, linguagens, humanidades e natureza, esportes, artes. Os conhecimentos formais encontram-se fragmentados a partir da visão parcial e da aprendizagem preventiva, notadamente nas escolas convencionais. Muitas vezes, os alunos(as) perguntam-nos: Professor(a), para que serve isto? E nós, professores(as), respondemos: Ah, algum dia, você poderá necessitar desse conhecimento. Penso que esse tipo de conhecimento, de aprendizagem, não prevalecem por muito tempo.

Atualmente, os paradigmas mudam com frequência e rapidez. O conhecimento está mudando permanentemente. A escola no entanto não se transforma com a mesma frequência que a sociedade. Desse modo, encontra-se um dos grandes problemas. Nas escolas normais e nas faculdades de educação, aprende-se que um objetivo é algo mensurável, quantificável e observável. Então, inicia-se uma busca desenfreada pela regra que nos permita e possibilite medir os objetivos. A isso chamamos de qualificação. Classifica-se, a partir de um conceito ou de uma nota, ou um certinho, ou um errado. A lógica sempre será a mesma: comparar e, assim, comparar o sujeito, suas aprendizagens frente a uma escola padrão que mede o quê? O aluno(a) que atende as regras impostas? Aprendizagem com base na exclusão do outro, regra do mais forte sobre o mais fraco?

Penso e acredito que cada sujeito é único, singular. Não somos números, conceitos ou notas. Na educação formal, acredita-se que um número possa definir a qualidade de uma pessoa, aquilo que você é, ou que poderá vir a ser. Criam-se conflitos cognitivos ao quantificar,

comparar e competir. Muitas vezes, o professor(a) estimula a competição em sua sala de aula, desafiando os alunos (as) a realizarem a atividade proposta, tornando público, na sala, quem será o primeiro a concluir a atividade. Quem possuir maior número de acertos recebe estrelinhas, prêmios de recompensa. Nessa seleção, alguns alunos são ganhadores, enquanto outros são perdedores. E, cada vez que existem perdedores, há alguém que se sente feio, diminuído, inferior e excluído em relação aquele que ganha. Estimulam-se muito as crianças a competirem entre elas. Os melhores alunos(as) têm prêmios, reconhecimento e mérito. Chama-se atenção daquelas crianças que não vão bem, não possuem um bom desenvolvimento nas atividades propostas, nas avaliações e nos exames. Em muitos casos, esses alunos nem sequer são levados em conta, não possuem importância, são esquecidos.

As pessoas são educadas para a competição. Esse é o princípio de qualquer guerra. Na teoria todas as leis de educação, falam-nos de desenvolvimento humano, cooperação, solidariedade, igualdade, felicidade e valores humanos, estão repletos de belas palavras, mas nossas escolas, de acordo como esta estruturada hoje, promove justamente o oposto. Promove competição, concorrência, individualismo, discriminação, concorrência. As ideias promovidas através do discurso são incoerentes com o que a escola faz e discute, prioriza-se resultados e conteúdos.

Para o professor(a) tradicional, é mais simples continuar fazendo o que fez durante anos. Se venho de um paradigma fragmentado, o que me interessa é ensinar as disciplinas de modo separado, conteúdo isolado das demais disciplinas. Os conhecimentos prévios dos alunos(as) não possuem importância. Não tenho interesse se o aluno(a) sofre ou não, se vem de boa família, se tem dinheiro ou não, se possui um teto para morar, se é respeitado ou não, se todos os dias realiza suas refeições, se tem problemas ou não. Ensinar converte-se simplesmente em um ação de reprodução simbólica. É comum, em sala, ouvir crianças dizerem: Que chato! Hoje é segunda, tenho que ir outra vez para a escola! Isso não é um espanto, pois muitos professores(as) diz o mesmo. E quando bate o sino, que acabou o recreio, o melhor momento, se vê apagar o brilho de quando saíram para ele.

Creio que os professores(as) atuais são filhos(as) de um sistema: não que o professor(a) nasça ou queira ser professor(a) para ser considerado bom ou mau. No entanto, faz-se o que o Estado lhe permite, fazendo o que se pode e o que consegue. Nesse dilema, como educar a emoção dessas crianças se, no curso de formação docente, não falaram uma palavra sobre emoções? Os sentimentos não possuem importância. A escola não é lugar para ir perder tempo com esse tipo de aprendizagem. A escola, às vezes, apresenta-se como um grande estacionamento de crianças. São cárceres: um horror, confinamento de alunos(as), guardas

vigiando. Confinados, cada vez mais, por, muros altos de tijolos, de grades ou de árvores, muros que separam, isolam e individualizam o ser humano.

O centro da educação é a criança. Ela é pensada a partir de suas necessidades. Desde o nascimento, as crianças possuem a capacidade de criar. São criativas, observadoras e curiosas. Na escola, podem acontecer duas coisas: o acompanhamento desse processo e a propiciação de atividades para desenvolver essa capacidade. Do contrário, ocorrerá frustração. O ser humano tende a aprender, mas a escola consegue silenciá-lo das coisas que aprendemos na escola. Existem poucas coisas que precisamos na vida cotidiana. Podemos viver sem saber algoritmos, mas não podemos viver sem saber nos relacionarmos com as outras pessoas.

Enfim, como firmam Maturana e Dávila (2009), “o amanhã da humanidade não são as crianças, os adolescentes e os jovens. Somos nós, adultos, educadores em todas as instâncias, com os quais eles convivem, uma vez que serão adultos se assemelhando ou distinguindo-se de nós, conforme sejamos nós mesmos adultos em nosso conviver com eles”.

No segundo capítulo trago como contraponto e potencializador de mudança desse enredo, trouxemos a mensagem dos possíveis sentires e fazeres baseados no ama. Estamos cientes dos obstáculos para aceitação dessa ideia, como maneira de reconciliação e reconhecimento pelo outro, que pode tanto desempenhar o papel de obstáculo como de auxiliador ou de colaborador.

Que ambientes estamos oferecendo as crianças? Se estivermos em uma família onde a rede de afetos é fraca, os níveis de agressão são altos em violência. A criança será uma criança muito violenta, pois, em contextos violentos, a violência reproduz-se facilmente. A criança dará o que recebe. Por isso, há relevância em possibilitar relações muito mais amorosas, mais profundas, mais afetuosas e ternas no seio familiar e escolar.

Como seres humanos, somos resultados de milhares de anos de adaptação natural e evolutiva. Trazemos características que nos permitem sobreviver, transformar-nos e crescer, desde a vontade de comer quando sentimos fome até a curiosidade interna em explorar e conhecer o mundo. Então, pergunto: Porque insistimos em matar a espontaneidade das crianças e castigar a rebeldia dos adolescentes quando essas características manifestam suas necessidades humanas internas de desenvolver-se? Como podemos fazer para que sejam mais criativas? Em resposta, posso afirmar que as crianças são muito criativas desde a mais tenra idade. Dessa maneira, competem a nós, professores (as), oferecer-lhes possibilidades para que possam expressar-se de diferentes maneiras. Isso pode ser feito a partir de práticas de aprendizagens significativas em comum acordo com o contexto vivenciado.

Deparamo-nos com uma diversidade de informações. Na educação escolar, acreditamos

que as informações e a quantidade de conteúdo são necessárias e importantes. Quanto nos lembramos do conteúdo que nos ensinaram? A maneira pelo qual os conteúdos são apresentados não motiva. O aluno(a) acredita que a única coisa que fazer é repetir, repetir e repetir, até que tudo seja enfiado na cabeça. Ao repetir algo, simplesmente me transformo em um repetidor. A compreensão não interessa, pois o que importa é que eu diga da mesma maneira que me foi dito. Tudo o que se aprende na escola no dia a dia fica em um segundo plano. Se não fizer parte da nossa decisão e parte da nossa opção como aluno(a) serão apenas conhecimentos frios, palavras, informações soltas que podem se perder com o tempo.

As palavras são informações que podemos armazenar nos livros, cadernos, computadores, no cérebro entre outros. A compreensão é uma ferramenta em constante crescimento. Ela apresenta características únicas. Essas características variam conforme cada pessoa e implica criar e estabelecer relações entre critérios, resolver problemas e construir novos conhecimentos. Se o estudante não desfruta da aprendizagem, não existe aprendizagem autêntica.

A aprendizagem profunda está embasada no interesse, na vontade, na curiosidade. Ela origina-se além das fronteiras da razão, muito além de raciocínios e análises de conceitos. Aprender implica um processo profundo, em que se criam relações entre a pessoa e seu entorno. Em todos os níveis, o ser humano aprende o que faz. Precisa esforçar-se para aprender o que faz. A tarefa do professor(a) consiste em mostrar mistérios, situações na natureza, situações no coexistir e no entorno, de modo que o aluno(a) se sinta surpreendido frente a algo e trate de questionar e interpretar os problemas encontrados em meio à complexidade existente. Então, o que necessita fazer o professor(a)? Contribuir para que o aluno(a) encontre e desenvolva perguntas e não respostas prontas e pré-fabricadas.

Construir uma cultura colaborativa no ambiente escolar não é trabalho fácil, muitos são os desafios a serem superados, a saber, investimentos nas condições de trabalho, institucionalização na jornada de trabalho, espaços adequados para a realização do trabalho coletivo, sobrecarga de atividades do professor(a), periodicidade longa, duração curta dos encontros realizados entre os professores(as), imprevisibilidade, inexistência desses tempos e espaços nas escolas, rotatividade de professores(as), concentração de poder de decisão em determinado grupo, imposição de projetos formatados pelas secretarias de educação, regionais e estaduais. Fatores estes, que contribuem na realização e continuidade do trabalho coletivo no ambiente escolar e principalmente no desenvolvimento de ações pedagógicas com princípios na formação amorosa do ser humano.

Dentro da semente de uma árvore, encontra-se toda informação que este ser precisa para

se desenvolver: o ambiente, o entorno e tudo o que essa árvore necessita para crescer. Porém, esse desenvolvimento depende da estrutura interna de cada semente. Todas as reações e condições externas estão planejadas no interior de cada ser, tanto da árvore quanto do ser humano. O objetivo da vida é viver e autorrealizar-se. Para isso, esse organismo precisa encontrar um ambiente de respeito, aceitação e amor.

Havia um jardineiro que tinha tanto amor pelas suas plantas, cuidava-as tanto que, assim, começavam a brotar. O jardineiro esticava seus caules. O que acontecia? Todas as plantas se deformavam ou morriam, ou seja, o crescer é inato. Para sobreviver, precisamos de alimentos, segurança e, talvez, do alimento mais importante que tem feito possível toda a evolução biológica: o amor, uma vez que as células contam com esses recursos para começar a desenvolver-se e a autorrealizar-se.

O amor é necessário durante toda a gestação. Ele é a companhia e proteção do útero e depois o contato corporal, apoio emocional, expressões, gestos, sons, entendimento, aceitação, respeito, confiança em si e no outro. Se o amor é vital para o desenvolvimento e o aprendizado humano, por que geralmente arriscamos ensinar a partir de ameaças, castigos, tensões, esquecendo o amor? Penso que nos falta a capacidade de amar. Amamos de um modo limitado. Quando a pessoa não se sente amada ou tem algum conflito quanto a isso, desenvolve uma representação dela mesma e, quanto mais intensa a dor, mais distante é a representação da pessoa real. Quando não recebemos amor e proteção, fazemos o possível para obtê-lo, gerando mecanismos de conduta e comportamento que nos permitem sobreviver a partir de ações controladas pelo medo. Tudo o que vemos, atualmente, em nosso mundo tem como base o medo, medo das mudanças, do progresso, medo de ser você mesmo, medo de amar.

A infância é bela, ou seja, é a alegria. Creio que qualquer educação é boa quando cuida da alegria e da vontade de viver das crianças. Nossas emoções são complexas. Elas direcionam-nos e movimentam nossa vida. Todo ser humano necessita de amor, carinho e aceitação dos outros humanos. Só se constituirá em um adulto equilibrado e emocionalmente estável e saudável quando criado em um ambiente com amor. Isso concebe atenção ao ouvir, compreender e entender que suas emoções se desenvolveram em um nicho de inclusão, apoio, e autoconhecimento, em que todos podem aprender com as experiências e que elas nos constroem como humanos.

Qual o objetivo da educação: aprender? Aprender o quê: conhecimento? Penso que seria desenvolver as capacidades humanas a partir das relações com os outros, a partir do tempo, do processo, do fazer, do comunicar-se, do amar. Em vez de educar, deve-se cuidar. Para o cuidar, existe somente uma maneira: cuidar. Portanto, pode-se abandonar a onipotência que muitos

professores(as) carregam de crer que sempre têm algo a ensinar aos alunos(as), assim como desenvolver o olhar de observador e a humildade de perceber cada criança no seu processo e cuidar-se para não ser um obstáculo na vida dessa criança.

A chave não está nos recursos, nas tecnologias, no conteúdo ou nos currículos e planejamentos. Ela está no relacionar-se, nas pessoas e no modo de ver a educação, a maneira de entender a vida, a infância e a aprendizagem. É possível capacitar milhares de docentes, investir milhões em materiais, novas tecnologias e metodologias. O segredo é o olhar de cada ser humano sobre os outros seres humanos. É muito importante olhar e refletir sobre o que eu estou sentindo ao educar os outros? Estou sentindo-me em paz ou em conflito?

Um trabalho profundo de sensibilidade, de consciência, de harmonia, alegria para atrever-se a chamar-se professor. O professor(a) também tem de amar tudo o que viveu até agora e transformá-lo. Desejemos ser professores(as) pela vontade de brincar, de abraçar, vontade de aprender com as crianças. A tarefa de educação é tão complexa que, sozinhos, não podemos fazê-la. É um trabalho de equipe. Não há uma receita pronta, um método para todos. Qual a melhor escola? Qual o melhor modelo? Onde há respeito, encontra-se a possibilidade de criar, porque existe diálogo. Uma instituição na qual é possível amar o outro e amar, quer dizer, aceitar na diferença, amor e respeito existem.

Esqueça o que aprendeu. Esqueça o que lhe foi dito e todos os conceitos que lhes ensinaram. Tenha contato com seu coração. Cada vez que ver uma criança, lembre-se de que você também gostava de brincar e de sorrir.

A família é tudo de onde viemos. Ela é o princípio de tudo: o local que nos acolhe. A família é responsável por toda a vida da pessoa que está criando e determinante na formação do ser humano. Se quisermos uma sociedade diferente, temos de amar as crianças, assim como sensibilizá-las para que aprendam a amar os outros. Ao possibilitar uma educação centrada na ternura, no cuidar e no amar, o conhecimento fluirá. Fala-se muito em educação, progresso, democracia, liberdade, igualdade, um mundo melhor. Seria maravilhoso se pais/mães, alunos(as) e professores(as) pudessem desfrutar de uma escola como um lugar lindo, onde fosse possível brincar, ser livre, aprender e ensinar a todo o momento. A aprendizagem é um crescimento contínuo, troca constante entre os sujeitos, seus pares, seu entorno e sua comunidade. Uma educação viva acontece a partir do respeito à diversidade, autêntica em todas as dimensões. As ciências, as avaliações, os diplomas não nos definem como seres humanos.

De um jeito simples proponho-me definir os princípios da Biologia do Amar, temática fundamental desta pesquisa. A Biologia do Amar visa a plenitude do ser humano, imbricada em sua totalidade no sentido harmônico das ações e relações presentes no viver e conviver,

desde os aspectos: social, espiritual, físico e mental do ser humano. Entre os diversos princípios da Biologia do Amar encontram-se, o Caminho do Tao, a sensibilidade, a empatia, a acolhida, a interação, a conservação, o cuidado, a aceitação, o respeito, a solidariedade e a cooperação.

Defendemos, isto sim, que a educação realizada segundo a biologia do amar, com o bem-estar porque tem no desejo da alegria e da felicidade daqueles e daquelas que habitam as escolas as suas referências de vida e aprendizagem coletivas.

Portanto, acolher é cuidar, trazer para dentro, proteger, dar liberdade, aceitar e reconhecer a dignidade e a legitimidade do (a) outro (a), o deixar aparecer e, assim, desconhecer preconceitos, mágoas, rancores, vinganças e acomodações. O acolhimento do outro desperta as atitudes de interação, respeito e aceitação, significa amar. Acolher nos permite a lembrança do colo materno, do lar quentinho em dias de frio, cama macia, coberta no inverno, pão quentinho, sorrisos, histórias de príncipes, princesas, heróis e magias. O acolher mantém-se vivo em nós humanos para além da infância, envolve a interação em abrigar, proteger, hospedar, amparar, agasalhar e cuidar.

Interagir com os outros nos possibilita o desenvolvimento das habilidades sociais necessárias para construir laços de amizade. A partir do dar e receber é possível estabelecer laços de afeto com o outro e assim criar vínculos mais próximos e significativos. Interagir significa comunicar, expressar algo por meio da palavra ou da linguagem corporal, consigo, com o outro e com a antroposfera-biosfera. Neste sentido, conservar de maneira natural e harmônica a responsabilidade, a sociabilidade, o amor e a amizade como emoções potencializadoras das relações sociais positivas do viver e conviver humano.

A aceitação faz referência à ação e ao efeito de aceitar, significa aprovar, dar por certo, válido, consentir ou receber algo de forma voluntária e sem oposição, livre de julgamentos e preconceitos. Todavia, o respeito caracteriza-se como uma atitude necessária para viver e conviver sem a negação do (a) outro (a), buscando conversar, aceitar as diferenças entre as pessoas. Respeitar compreende considerar a outra pessoa nas suas diferenças individuais, suas escolhas, sua maneira de pensar, opinar, sentir e agir de acordo com seus gostos e preferências de vida.

Na atualidade aprender a cooperar caracteriza um dos grandes desafios do ser humano. Cooperar compreende agir, trabalhar junto com outro, colaborar a partir de um conjunto de regras para negociar conflitos, interesses e solucionar problemas, por meio da articulação cooperativa com os diversos processos de vida.

Esta pesquisa é um convite para entendermos a educação além dos muros escolares. É um convite para pensar outros modos de aprendizagem, conversar e questionar sobre nossas

práticas escolares, familiares e educativas. É voltada quer seja aos professores(as), alunos(as), pais, seja a quem for contribuir para o avanço, o crescimento e transformar a educação. Encontrar-nos com os outros, explorar e compartilhar suas experiências, trocas de ideias, possibilitar a aproximação das experiências com o contexto vivenciado: essa é uma proposta que teve seu início com a escolha da temática de pesquisa.

No percurso desta investigação, a metáfora da crisálida aproxima-se da infância no seu sentido pleno, a olhar para as crianças a metamorfosearem-se constantemente e a transformarem-se, diariamente, em borboletas, saindo para explorar o mundo para crescer e desenvolver-se autopoeticamente. Por analogia, o autodesenvolvimento da criança é promovido em estado de liberdade para brincar e se movimentar. As crianças possuem habilidades e aprendem brincando. Elas constroem a si mesmas aprendendo com o que encontram à sua volta a partir do brincar e conhecer fazendo mundos. Elas observam a cultura dos pais a partir da linguagem. E sobre este brincar que falo em meu terceiro capítulo.

Ao finalizarmos algo, transformamo-nos e essa metamorfose resulta para além do que fomos um dia, desde o início de nossa história de vida. As coisas a que dedicamos parte do tempo de nossa vida nos oportunizam modificar, refazer e refletir nossas ações, notadamente quando fazemos parte da construção como ser, fazer e compreender, imbricados nas relações pertencentes ao viver e conviver humano e suas emoções.

Duvidas? Não sanei todas. Tenho muitas ainda. Outros questionamentos surgirão – tão ou mais complexos e intensos. No entanto, é possível considerar, a partir desta pesquisa, que sou uma pessoa privilegiada. Sou resultado de tudo o que vivi: das ações, atitudes, emoções, preferências, desejos, educação, cultura, do mundo social, biológico e familiar, do viver e do conviver na coexistência.

Hoje, consigo compreender que sou como a parábola das sementes citadas por Maturana e Dávila (2016). Sou uma semente que caiu em solo fértil, solo acolhedor. Nasceu, cresceu e desenvolveu-se forte e saudável, pois meu solo acolhedor é a minha família, a comunidade, a escola e as pessoas presentes no meu viver e conviver desde os meus primeiros anos de vida, principalmente meus pais, os quais me criaram, cuidaram e educaram-me com amor, aceitação, ternura e respeito. O amar, presente no seio familiar, sempre guiou minha educação, meu ser e meu fazer humano. Meus pais sabiam dizer não. Sabiam chamar atenção quando necessário, por vezes, vivenciamos algumas discussões, no entanto eram ocasionais, passageiras, logo elas deixavam de existir.

O entorno familiar fundamentado no amar traz consigo todas as demais emoções, como o respeito, o cuidar, a aceitação de si e do outro, a ternura, a sensibilidade, a reflexão e a

responsabilidade do coexistir. Nesse lembrar e considerar de minha existência, não deixo de citar a escola responsável por minhas primeiras aprendizagens – o primeiro contato com o conhecimento formal: um ambiente agradável, saudável e de fundamental importância para o meu desenvolvimento cognitivo, intelectual, crítico e reflexivo. Nessa comunidade escolar, fui aceita, cuidada e respeitada. Quando olho para trás, tenho a certeza de que foram aqueles passos que me conduziram até aqui.

Vale ressaltar a comunidade na qual fui criada. Embora seja um lugar simples, ela possui fundamental importância no desenvolvimento do meu ser, viver e conviver comigo e com o outro. Ela possibilitou-me olhar o entorno, as pessoas e as diferenças, com olhar cauteloso, cuidadoso e sensível, bem como a ver o outro como ser humano, alguém merecedor de reconhecimento, respeito e aceitação.

De tudo o que poderia ser dito, escrito e mencionado nesta pesquisa, minha principal referência é o seio familiar, uma simbiose com o entorno, em que o coexistir resultará em viveres, conviveres e fazeres, sejam eles saudáveis ou frágeis. Tudo à nossa volta contribui para a formação de nosso ser, ligados estreitamente às nossas emoções, às coordenações de coordenações consensuais, às relações matrísticas ou patriarcais em contínua transformação da autopoiese do coexistir humano. Chamo a atenção de vocês, pais e filhos(as): vivam o hoje, o aqui e o agora. O futuro e o amanhã são desconhecidos. Não sabemos se acontecerá. Nossa única certeza é a do presente. E é com esse amor, que construí a minha família, com meu esposo e minha Olívia, minha filha do coração, um amor incondicional, inexplicável e transformador. Enquanto pessoa, enquanto professora, enquanto filha, irmã, amiga, dinda, sou acima de tudo a mãe que ama, aceita e respeita: A MAMÃE DA OLÍVIA.

Esta dissertação é parte de um processo que, possivelmente, não tenha fim. É uma pesquisa sobre a natureza da aprendizagem, da educação, do viver e do conviver relacional humano, dos erros cometidos e, principalmente, sobre as ideias que são úteis para continuar pesquisando, aprendendo, questionando, investigando, o Amar.

Esse caminho dialoga com a compreensão de que a educação acontece através de princípios de escuta e acolhimento, legitimadas em ações de aprendizagens capazes de promover o amor, a alegria, a esperança, a saúde e o bem-estar entre pessoas que convivem coletivamente. Conceber a escola como suspensão implica não só a interrupção temporária do tempo, mas especialmente (re)começos de histórias, sonhos, aprendizagens e esperança. Acreditar nisso nos ajuda a conceber a educação enquanto ação capaz de legitimar a presença do outro. Uma ação saudável, por origem. E, nesta perspectiva, a escuta acontece pela observação, atenção e sensibilidade, como uma atitude de acolhida do outro, que é diferente de

mim, tem um tempo diferente do meu e que, portanto, merece esta espera e este respeito, pela razão simples numa dimensão complexa de ser ele um legítimo outro.

Nesse sentido, uma educação que se organize pela alegria da brincadeira e seja realizada na amorosidade, na escuta e no acolhimento do outro, ou seja, uma ação de aprender e de ensinar que pode ser legitimadora da presença do outro é a mesma que legitima a nossa presença e por isso mesmo pode (re)alimentar o bem-estar e a alegria daqueles e daquelas que habitam o tempo e o espaço da escola.

A confirmação das nossas proposições iniciais e objetivos permitiram-nos proceder ao elogio do mundo vivido da criança, onde quando estabelece um diálogo corpo-mundo original, configurado por acontecimentos e experiências da sua existência própria, ratificado entre elas, por unanimidade: a vida da criança é brincar! Para as crianças, brincar é a liberdade, o voo, é como respirar.

Gostar de brincar e se movimentar entre as crianças é unânime. Elas gostam de brincar porque são crianças e isso reflete o sentimento de importância das brincadeiras para as crianças, pois é uma questão natural, espontaneamente e logicamente expressa em fala e conteúdo. Brincar deixa-as felizes porque tem inúmeros e diversos efeitos sobre o corpo e sobre a existência, demonstrando que elas reconhecem a importância vital de brincar e se movimentar. Como elas fazem tudo a brincar, por vezes, o trabalho escolar também é percebido como brincadeira. Na tentativa de dialogar divertidamente com as obrigações, bem como de suportar as situações em que o trabalho é sentido como cansativo ou enfadonho. Além disso, outros significados são atribuídos: através da ressignificação dos contextos, objetos, brinquedos, aparelhos, enfim, através do redimensionamento da realidade, as crianças imaginam e transformam as coisas materiais e imateriais, de modo a compreendê-la. As crianças transformam tudo em brincar: a desenhar, a pintar, a dramatizar, a fantasiar, a declamar, a cantar e até (às vezes) a trabalhar, estão sempre a brincar e fazem tudo muito a sério pois brincar é coisa da mais absoluta seriedade para as crianças.

É assim que a criança conhece e partilha o mundo consigo mesma, com os outros e com o mundo. Por isso, o crescimento e o desenvolvimento da criança parece muito mais uma metamorfose do que os processos lineares, as fases progressivas ou as etapas em que, gradualmente, adquirem habilidades e competências das mais simples às mais complexas.

Assim, o trabalho escolar, as rotinas e atividades pré-programadas que ganham o status de coisa séria, substituem todos os demais impulsos da criança moderna no intuito de a disciplinar, transformando-a, desde cedo, em adulto em miniatura. como garantia de que, num futuro próspero, essa criança seja um adulto de sucesso, portador de múltiplas habilidades, o

que é uma ilusão.

Os adultos acreditam que as crianças aprendem a trabalhar; as crianças têm a certeza de que aprendem a brincar. No entanto, são aprisionadas pelas representações temporais e espaciais dos adultos. Entre os adultos, predomina o tempo cronológico; entre as crianças, a dimensão subjetiva do tempo. Assim, a metamorfose da infância não é respeitada porque a ciência e a cultura modernas ocidentais comprometeram as sensações, as transformações particulares e inerentes que ocorrem entre as crianças aprisionadas às comparações quantitativas, o que fere o ritmo individual de cada uma.

Cada criança tem um ritmo particular porque cada uma é uma singularidade corporal, portanto, não há possibilidade de uniformizar os resultados do trabalho dentro de fragmentos de tempo. Os adultos se preocupam com o futuro, mas as crianças vivem no presente (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Reconhecemos as limitações e a necessidade da continuidade dos estudos e da exploração do tema que não se esgota nesta dissertação. Mas nos esforçamos olhar para a criança e para a infância a partir do, também, inesgotável fenômeno do brincar e se movimentar, acreditamos que precisamos de cuidar e amar mais profundamente as nossas crianças, todas as crianças.

As crianças borboletas são os seus próprios sentimentos e precisamos de cuidar deles. Neste sentido, defendemos o amar, o aceitar, o respeitar, o brincar e se movimentar no projeto de tornarem-se lindas borboletas, coloridas, amadas, alegres, brincantes com plena liberdade e autonomia nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: ASR Poética, 1994.
- ALVES, Rubem. **Ao professor, com o meu carinho**. Campinas: Versus, 2004.
- ALVES, Rubem. **O infinito na palma da sua mão**. O sonho divino ao nosso alcance. Campinas: Versus, 2007.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e Prosa**. São Paulo: Nova Aguilar, 1992.
- ANDRADE, Fernando Teixeira de. **O medo: o maior gigante da alma**. 1946-2008.
- AZEVEDO, Joaquim. **Voos de borboleta** — Escola, trabalho e profissão. Porto: Edições ASA, 1999.
- AZZOLIN, Maria Aparecida Nunes. **Pelo Caminho do Amar: Biologia do Amar e Biologia do Conhecer, gerando mundos na educação infantil**. 2019. 172 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.
- BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. **Humberto Maturana e a Educação: educar no amor e na liberdade**. Santa Maria/RS: Caxias, 2016.
- BARCELOS, Valdo; HENZ, Celso Ilgo. **Caderno de apontamento, Seminário Temático: Humberto Maturana e a Educação**. Santa Maria: UFSM, 2015.
- BARCELOS, Valdo; HENZ, Celso Ilgo. **Educação ambiental: sobre metodologias, princípios e atitudes**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARCELOS, Valdo; HENZ, Celso Ilgo. **Saberes silenciados e intercultura: uma contribuição ecologista e antropofágica para a diversidade cultural dos povos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Volumes 1 e 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Comunicação e extensão**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- FRIEDRICH, Nietzsche. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O sujeito da Educação: estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LEITE, Eliane da Silveira Meirelles. **A educação ambiental na busca do escutar: o encontro com a infância**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental). Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2014.
- LIBÂNEO, Jose Carlos. **Adeus professor, adeus professoras?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.
- MADERS, Sandra. **Educação escolar indígena, intercultural e formação de professores(as)** – uma pesquisa a partir das proposições da biologia do conhecimento de Humberto Maturana. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação. Santa Maria: UFSM, 2013.
- MATURANA, Humberto; REZEPEKA, Sima Nisis. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Humberto Maturana, Cristina Magro, Mirian Graciano e Nelson Vaz (Org.). 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Dinskin; ilustração: Carolina Vial, Eduardo Osorio, Francisco Olivares e Marcelo Maturana Montñez. São Paulo: Pala Athena, 2001.

- MATURANA, Humberto. **A biologia do amor de Humberto Maturana**, Revista Ecológico. 2016. Disponível em: www.redacao@revistaecologico.com.br. Acesso em: 25 jul. 2017.
- MATURANA, Humberto. **A biologia do amor**. Jornal Comunicação. UFPR, 2009. Disponível em: www.jornalcomunicacao.ufpr.br/jornal/. Acesso em: 25 jul. 2017.
- MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MATURANA, Humberto. **Da biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998a.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998b.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MATURANA, Humberto. Reflexões sobre o amor. In.: MATURANA, Humberto; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Mirian; VAZ, Nelson. (Orgs). **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis. **Formação humana e capacitação**. Tradução de Jaime A. Clasen. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos: Autopoiese – a organização dos seres vivos**. 3. ed. Tradução Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos perdidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MATURANA, Humberto; YÁÑEZ, Ximena Dávila. **História de Nuestro Vivir Cotidiano**. Santiago do Chile: Planeta Chinela, 2019.
- MATURANA, Humberto; YÁÑEZ, Ximena Dávila. *et al.* **Matriz ética do habitar humano**. Entrelaçamento de sete âmbitos de reflexão-ação numa matriz biológico-cultural: Democracia, Pobreza, Biosfera, Economia, Ciência e Espiritualidade. 2009. Disponível em: escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana. Acesso em: 18 abr. 2016.
- MATURANA, Humberto; YÁÑEZ, Ximena Dávila. **Entrevista: Humberto Maturana e a importância do amor**. Casa.com, 2012. Disponível em: www.casa.abril.com.br/bem-estar/entrevista-humberto-maturana. Acesso em: 26 jul. 2017.
- MATURANA, Humberto; YÁÑEZ, Ximena Dávila. **Habitar humano em seis ensaios de**

biologia-cultural. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MATURANA, Humberto. **Entrevista com Humberto Maturana concedida ao Centro de Ciências de CCEH**. Universidade Católica de Brasília/UCB, V. I, N. 2, Nov.2004. Disponível em <http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm>. Acesso em: 10 mar. 2012.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar** – fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MUNDO BITA. **Bitá e o nosso mundo**, 2021. Disponível em: <https://www.mundobita.com.br/#>.

RAMOS, Raquel. **Brincadeira perde espaço para alfabetização precoce**. Biblioteca Virtual da Antroposofia, 5 de maio de 2014. Disponível em: <http://www.antroposofy.com.br/wordpress/brincadeira-perde-espaco-para-alfabetizacao-precoce>. Acesso em: 18 jun. 2015.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Escola, 2015.

SCHLICHTING, Homero; BARCELOS, Valdo. **Humberto Maturana: Amar verbo educativo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2012.

SILVA, Américo Junior Nunes. **Infância: uma obra de arte em permanente construção**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

STEVENS, Barry. **Não apresse o rio (ele corre sozinho)**. São Paulo: Summus Editorial, 1978.